

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Carrollina de Almeida Wershing

Educação familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica

Goiânia

2017



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS
TESES E
DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Nome completo do autor: Ana Carollina de Almeida Wershing

Título do trabalho: Educação familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento **SIM** **NÃO**¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Ana Carollina de A. Wershing
Assinatura do (a) autor (a)

Data: 24 / 03 / 2017

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Carollina de Almeida Wershing

Educação familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica

Goiânia

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Ana Carollina de Almeida Wershing

Educação familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica

Trabalho final de mestrado apresentado à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, linha de pesquisa "Processos Psicossociais e Educacionais", sob orientação da Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.

Goiânia

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

de Almeida Wershing, Ana Carrollina
Educação familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica
[manuscrito] / Ana Carrollina de Almeida Wershing. - 2017. 133 f.

Orientador: Prof. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Goiânia, 2017. Bibliografia. Anexos.

1. Teoria crítica. 2. Disciplina. 3. Formação. 4. Educação familiar. 5. Análise crítica.
I. Amâncio Gonçalves de Roure, Susie, orient. II. Título.

CDU 159.9



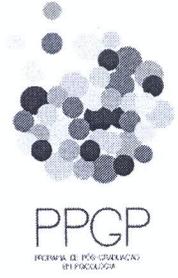
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás – Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Rua 235, s/n. Setor Leste Universitário – Goiânia/GO – CEP: 74605-050

Fones: 3209-6215 / www.ppgp.fe.ufg.br / Email ppgpufg@gmail.com



**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
DE ANA CAROLLINA DE ALMEIDA WERSHING**

Aos **vinte e quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e dezessete (24/02/2017)**, às 14 :00 horas, reuniram-se os componentes da Comissão Examinadora: Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure, doutora em **Educação** pela Universidade Federal de Goiás; Profa. Dra. Maria do Rosário Silva Resende, doutora em **Psicologia Social** pela PUC/SP e Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Dutra Mesquita doutora em Educação pela PUC/GO para, sob a presidência da primeira, e em sessão pública realizada nas dependências da Faculdade de Educação, procederem à sessão pública de defesa da dissertação intitulada “**Disciplina e Educação Familiar: um estudo a partir da Teoria Crítica**”, em nível de Mestrado, área de concentração em Psicologia, de autoria de **Ana Carollina de Almeida Wershing**, discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás. A sessão foi aberta pela presidente da Banca Examinadora, **Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure**, que fez a apresentação formal dos membros da Banca e deu-se início à apreciação e avaliação do texto. **A Banca Examinadora, após a apreciação e avaliação do texto apresentado, decidiu considerá-la aprovada.** Os trabalhos foram até às 16 :00 horas e eu, **Fernando Lacerda Júnior**, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FE/UFG, lavrei a presente ata que assino acompanhado dos membros da Banca Examinadora. Goiânia, aos **vinte e quatro dias do mês de fevereiro de 2017**.

Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure – (Presidente) - UFG Susie Amâncio

Profa. Dra. Maria Cristina Dutra Mesquita (Membro) - PUC – GO Maria Cristina

Profa. Dra. Maria do Rosário da Silva Resende – (Membro) - UFG M. Resende

Fernando Lacerda Júnior (Coordenador do PPGP) Fernando L. Júnior

Dedico este trabalho a meus familiares,

Vovô Sebastião,

Vovó Sueli,

Mãe Liliane,

Paidrasto Preto,

Lucky,

Padrinho Eduardo,

Madrinha Elisângela,

Tia Cristiane e Nat pelo incentivo e apoio!

Amo Vocês!

Agradeço a Deus em primeiro lugar, pois, tenho certeza de que sempre esteve e estará presente em meu caminhar.

Agradeço aos meus familiares pela minha formação moral e cultural, pelo apoio incondicional e incentivo que sempre tive e continuo tendo em seguir em frente nos estudos. Mãe e Preto, muito obrigada por terem sido pacientes comigo mesmo nos momentos em que fui rude devido às dificuldades do processo intelectual da escrita.

Agradeço à professora Susie, minha orientadora, pela dedicação e paciência na condução deste trabalho, pelo incentivo para que eu não viesse a fraquejar quando pensei em desistir do mestrado.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás pelas ricas discussões realizadas em sala de aula e reflexões proporcionadas, que contribuíram diretamente para a produção deste trabalho de final de curso e início de uma jornada, uma vida acadêmica.

Agradeço ainda às amigas e colegas de profissão que compartilharam momentos de alegria, ansiedade e alívio durante os últimos dois anos, em especial à Tainá, Nathália e Cláudia. Obrigada por me oferecerem empatia e cumplicidade nos momentos que precisei.

“Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão”

Adorno

Sumário

Introdução	11
1 Teoria Crítica, Educação e Formação.....	17
1.1 Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt.....	17
1.2 Categorias conceituais da Teoria Crítica.....	22
1.2.1 educação e formação cultural.....	22
1.2.2 indústria cultural e (pseudo) formação.....	24
1.2.3 autoridade.....	29
1.3 A crise da autoridade na família moderna.....	31
1.4 Educação, família moderna e indústria cultural.....	38
2 A Disciplina na Educação Familiar.....	46
2.1 Conceito de disciplina.....	46
2.2 Concepções acerca da formação moral e da disciplina	51
2.3 Panorama histórico das transformações familiares.....	58
2.4 Famílias na sociedade brasileira contemporânea.....	66
2.5 Enfoque.....	67
2.6 Educação na contemporaneidade.....	70
3 Concepções de Disciplina na Mídia Contemporânea.....	76
3.1 Análise de artigos de opinião da Revista Crescer.....	77
3.1.1 Artigos por Ilan Brenman - apresentação de dados	78
3.1.2 Disciplina na educação dos filhos na concepção de Ilan Brenman.....	79
3.1.3 Artigos por Gisela Wajskop - apresentação de dados.....	89
3.1.4 Disciplina na educação dos filhos na concepção de Gisela Wajskop.....	90
3.2 Conclusões acerca das publicações analisadas.....	96
Considerações Finais	98
Referências Bibliográficas	105
Anexo A	110
Anexo B.....	124

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo abordar a temática da disciplina na educação familiar, tendo como alicerce a Teoria Crítica para a explicação dos processos formativos do sujeito. Sob o método de análise dedutiva, parte de concepções filosóficas e sociológicas relacionadas à formação moral para subsidiar o desenvolvimento do conceito de disciplina, enfatizando tendências educacionais disciplinares a partir da Modernidade, período que se caracteriza pelo avanço científico e inovações tecnológicas. A partir da constatação que em grande parte das famílias modernas, em especial as brasileiras, os pais destinam a maior parte de seu cotidiano ao trabalho e os filhos passam grande parte do tempo em escolas, instituições educacionais, ou até mesmo, perante entretenimentos tecnológicos, tais como, televisão, computador, celular e similares, este fator que afeta a ação educativa efetuada pelos pais. Em seguida, propõe analisar artigos de opinião que abordam o tema da educação dos filhos escritos por especialistas em Psicologia, Sociologia e Educação, os colunistas Ilan Brenman e Gisela Wajskop, no site da *Revista Crescer online*, no período entre abril de 2013 e julho de 2016. A investigação sobre a função desempenhada pelos artifícios da indústria cultural na educação familiar moderna, assinala a dificuldade dos pais em dedicar a devida atenção aos filhos e um contínuo de regras a serem cumpridas e indicam que sentimentos, tais como, insegurança e culpa parentais podem influenciar as formas de educação e formação dos filhos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Teoria crítica, Disciplina, Formação, Educação familiar, Análise crítica.

Abstract

The present research aims to address the subject of discipline in family education, based on the Critical Theory for the explanation of the formative processes of the person. Under the method of deductive analysis, parts from philosophical and sociological conceptions related to moral formation to subsidize the development of the concept of discipline, emphasizing disciplinary educational trends from Modernity, period characterized by scientific advancement and technological innovations. Based on the observation that in the majority of modern families, especially Brazilian families, parents spend most of their daily lives at work and their children spend much of their time in schools, educational institutions or even in technological entertainments, such as television, computer, cell phone and other technologies, this factor affects the educational action carried out by the parents. Then, it proposes to analyze opinion articles related with the topic of children's education written by specialists in Psychology, Sociology and Education, the columnists Ilan Brenman and Gisela Wajskop, on the *Crescer Online* magazine website, between April 2013 and July 2016. Research on the role played by cultural industry artifices in modern family education points to parents' difficulty in devoting proper attention to their children and a contiguous set of rules to be followed, and indicate that feelings such as parental guilt and insecurity can influence the forms of education and formation of the children in the contemporaneity.

Key words: Critical theory, Discipline, Training, Family education, Critical analysis.

Introdução

A autora desta pesquisa graduou-se em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista em 2011, no mesmo semestre passou em um concurso para o cargo de psicóloga da Secretaria de Educação do município de Itaberaí-GO, onde iniciou atividade profissional nas áreas escolar e clínica. Momento este em que pôde observar demandas clínicas relacionadas à educação e disciplina de filhos, especialmente no que diz respeito aos temas da indisciplina e do enfraquecimento da autoridade dos pais nos dias atuais, o que a deixou profundamente intrigada.

A partir de então, com motivações para aprofundar seus conhecimentos na área, iniciou especialização *lato sensu* em Psicologia dos Processos Educativos na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás no segundo semestre de 2011, cujo trabalho final teve como tema a disciplina de filhos e formação de sujeitos, intitulado: "*Os limites para a formação da criança: um desafio para os pais na contemporaneidade*".

Logo após concluir a especialização no primeiro semestre de 2013 e, com vistas a verticalizar os conhecimentos adquiridos, realizou intercâmbio de nove meses na Irlanda, onde adquiriu fluência na língua inglesa e trabalhou como babá, experiência profissional em que pôde perceber novamente e, de modo global, o desafio de educar filhos para a autonomia na contemporaneidade, tendo em vista o evidente enfraquecimento da autoridade dos pais no referido país.

Ao retornar ao Brasil e, com ânsia em avançar nos estudos, pleiteou vaga no Programa de Pós-Graduação *Strictu Senso* em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, onde se matriculou inicialmente como aluna especial para obter experiência acadêmica e, posteriormente, como aluna regular do mestrado.

Com relação à educação, as constantes mudanças nos parâmetros ao longo do século XX, segundo La Taille (2003) e Lajonquière (1996), trouxeram para a família e para a escola, a necessidade de reiteradamente discutir e delinear os papéis dos atores do processo educativo, em especial no que se refere aos limites entre a autoridade do educador e o desenvolvimento da autonomia do educando.

Em articulação a esse processo, o atribulado ritmo de vida e a jornada intensa de dedicação ao trabalho são características verificadas nas mais diversas classes sociais, em consequência de demandas da sociedade moderna, orientada por valores como, individualismo, competitividade e consumismo.

Nesse sentido, observou que nas famílias contemporâneas, os pais dedicam a maior parte do seu tempo ao trabalho e, por conseguinte, os filhos passam cada vez mais tempo em escolas, atividades educativas extracurriculares, ou diante da televisão, computador e celular.

Frente a esta situação, têm sido recorrentes as queixas parentais com relação à indisciplina dos filhos, conhecida como o não respeito a regras sociais ou ainda, popularmente, como a "falta de limites" dos mesmos. Diversas abordagens psicológicas explicam a questão da indisciplina em contextos educacionais, tais como, perspectiva sócio-histórica por Rego (1996) e Aquino (1996), construtivista por Araújo (1996) e, psicanalítica por Lajonquière (1996).

Aliado ao fato de que os pais passam menos tempo com os filhos, pois, o mundo moderno demanda participação também, da mulher no mercado de trabalho, é possível perceber crescente número de publicações veiculadas à família sobre modos de orientação e educação dos infantes. Como se pode perceber, até mesmo aos olhos do telespectador, leitor e internauta leigo, há uma espécie de terceirização da educação, isto é, a transferência da função educativa para outrem, num processo consoante ao que se observa em relação à delegação da educação dos filhos para a escola.

O fato decorrente da dificuldade em investir a devida atenção de forma responsável aos filhos alia-se à ausência de um conjunto específico de regras a serem seguidas, as quais colaboram para o surgimento de sentimentos como insegurança e culpa nos pais, o que possivelmente têm influenciado os modos de educação e formação dos filhos que, desde idade precoce, têm desafiado a autoridade parental. Por meio de análises do panorama atual, La Taille (2003) afirma que comportamentos desregrados de jovens são vistos como reflexo da sociedade em que vivem.

A partir de tais pressuposições, esta investigação tem como objeto de estudo a disciplina na educação familiar, evidenciando-se modelos de ensino desta pelos pais enquanto educadores, bem como sua importância para a formação moral dos filhos. Para tanto, categorias conceituais como autoridade e moral foram desenvolvidas transversalmente para compreender a construção da disciplina, ou da noção de limites, na educação. Tais categorias foram apreendidas a partir da contribuição da Teoria Crítica da Sociedade, esta, desenvolvida pela Escola de Frankfurt, sobretudo no que se refere à compreensão sobre educação, autoridade, formação e emancipação, especialmente em obras de Adorno e Horkheimer.

A presente pesquisa é de natureza qualitativa e bibliográfica, pois, permite a compreensão e análise crítica das obras investigadas, apreendendo as perspectivas conceituais,

noções e significados que, no seu bojo, desvelam o objeto, tema da pesquisa. Tal discussão se desenvolveu à luz da revisão da literatura e dos aportes teóricos que fundamentaram o debate acerca da questão da disciplina na educação familiar.

Com esta finalidade, foi realizado levantamento bibliográfico relacionado ao tema proposto e encontrados estudos de Vitorello (2011), Aquino (1996), Lajonquiere (1996), Ariés (1981), Caldana (1998), Rego (1996), Araújo (1996), La Taille (1998, 2002, 2003), Donatelli (2004), Roudinesco (2003), Badinter (1980), Canevacci (1985), Donzelot (1986), dentre outros. Os referidos autores discutem e analisam a relação entre disciplina e educação, o que permite enfatizar a partir da modernidade, período no qual, paulatinamente, se apresentam novas demandas e novas configurações familiares.

La Taille (2003) e Donatelli (2004), a partir das abordagens psicológicas psicogenética e histórico-crítica, respectivamente, ressaltam o processo pelo qual os pais têm atenuado seu papel enquanto disciplinadores e formadores de caráter moral dos filhos, negligenciando a importância de fornecerem e serem eles próprios exemplos para os filhos. É este processo que o presente trabalho pretendeu desvelar.

Desta forma foi possível considerar a importância da concepção das primeiras figuras de autoridade, os pais, considerados atores fundamentais para o desenvolvimento moral, psíquico e social da criança, ou seja, para a formação da autonomia e emancipação do sujeito. Haja vista, que é no interior da família, independente da forma de sua constituição, que ocorre a primeira educação, encontrando-se esta diretamente voltada para a formação moral e cultural do sujeito, uma vez que, tem como base o ensino de valores morais que possibilitam sua aprendizagem e inserção na sociedade.

Historicamente, a instrução bem como a aplicação da disciplina apresentam-se como essenciais à aprendizagem, convívio social e manutenção do sistema econômico vigente. Assim, o conceito de disciplina se caracteriza pelo fato de estabelecer limites e, possibilitar maior nível de obediência dos sujeitos nos circuitos da família, escola e trabalho (Donatelli, 2004). Assim sendo, os limites se constituem em categorias utilizadas pelo senso comum e literatura não científica voltada para educadores. Estas se aproximam do conceito de disciplina na medida em que contribuem para limitar as práticas dos sujeitos e para a formação moral e educacional dos mesmos.

O individualismo, o estímulo à competição e a supervalorização das imagens e da ciência são características modernas que interferem diretamente no modo de vida, educação e disciplina de adultos e crianças. Transformações evidenciadas na estrutura familiar, tais como ascendência do matriarcado, imprecisão na definição dos papéis familiares, bem como novas

configurações de família relacionam-se também ao desafio da autoridade parental nesta instituição (Donatelli, 2004).

A atualização da leitura sobre a perda do princípio hierárquico no meio familiar comunica-se dialeticamente com o panorama atual de ascendência e disseminação de um suposto discurso científico e da predominância de valores como permissividade e liberdade na educação das crianças.

A partir do exposto, levantam-se os seguintes questionamentos e hipóteses: A mídia impõe formas de educação disciplinar às famílias contemporâneas? Os meios de comunicação social, aparentemente fundamentados no discurso científico, desqualificam os saberes tradicionais? Quais são os modelos educacionais enfatizados pela mídia?

Tais proposições são levantadas e convertidas no problema da pesquisa, pois, com o excesso e a não clareza de informações, os pais submetidos a tecnologia e manipulação da mídia possivelmente passaram a apresentar dúvidas e confusão com relação ao seu próprio papel.

Articulando-se ao problema proposto, foi realizada uma análise de artigos de opinião publicados por especialistas em Psicologia, Sociologia e Educação na *Revista Crescer online*, escolhida por ser referência em publicação de massa sobre educação de crianças, direcionada a pais e educadores e, estar disponível gratuitamente.

A referida revista, veiculada pela Editora Globo, é representante do maior conglomerado de mídia do país, portanto, possui amplo público de leitores e constitui fonte de "informações relativas à saúde, educação e comportamento de crianças", tal como anunciado em seu próprio site. Neste, afirma oferecer "orientação segura para os pais criarem filhos felizes e saudáveis"¹.

Tendo em vista a grande quantidade de produtos culturais voltados aos pais sobre formas de educar os filhos, os quais abordam o tema da disciplina e da indisciplina na educação familiar, tais como, programas televisivos, publicações literárias, sites, entre outros, pode-se notar maciço investimento da indústria na confecção e divulgação de informações que podem auxiliar na prática educativa. Por conseguinte, verifica-se forte papel desempenhado pela mídia na formação subjetiva de indivíduos na contemporaneidade.

Para compreender o consumo excessivo de tais informações pelos sujeitos consumidores, foi de suma importância a apresentação do conceito central de Teoria Crítica de indústria cultural. Esta expressão, cunhada pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer na década de 50 do século XX, conforme se observa na obra *Dialética do*

¹ Conforme é possível atestar em: <<https://itunes.apple.com/br/app/revista-crescer/id472462326?mt=8>>, acesso em: 09 de maio de 2016.

Esclarecimento (1985), designa o tipo de indústria que visa lucro em detrimento de informação e que, de fato, não permite o desenvolvimento do espírito crítico e da formação cultural comprometida com a emancipação da sociedade.

Ao relacionar indústria cultural e educação, verificou-se que é intuito da primeira criar desejos e vontades nos consumidores, telespectadores e leitores, para que consumam produtos culturais na esperança de receberem informações e melhor se orientarem quanto aos adequados modos educativos que devem exercer, numa perspectiva de educação adaptativa, que visa atingir o "sucesso" social.

Ressalta-se que não é objetivo desta indústria, enquanto aparato ideológico que atende aos interesses dos detentores do poder, como grandes corporações, empresários e Estado, formar indivíduos críticos ou gerar capacidade de resistência à administração da consciência das pessoas, para que não questionem a imposição de determinados padrões de consumo.

Diante dos questionamentos, a presente investigação intitulada *Educação familiar e disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica* teve como objetivo geral pesquisar os modelos disciplinares na educação dos filhos em relação ao papel desempenhado pelos pais frente à influência exercida pela indústria cultural e, compreender o seu papel na formação da subjetividade dos atores envolvidos no processo educativo na contemporaneidade. Os objetivos específicos buscaram desvendar as categorias constitutivas da disciplina, formação moral e autoridade, como estas se expressam nas mídias e investigar que repercussões trazem aos padrões educativos.

Visando compreender as relações entre educação, autoridade, indústria cultural e, formação humana, no primeiro capítulo foi desenvolvido um estudo fundamentado na Teoria Crítica, enfatizando o papel desempenhado pela indústria cultural na educação familiar moderna, bem como apontando o papel da educação nos dias atuais.

No segundo capítulo, o tema da disciplina na educação foi abordado a partir de teóricos clássicos tais como, Piaget (1996) e Vygotsky (1991), os quais se fundamentam nas concepções filosóficas e sociológicas de Rousseau (1995), Kant (1990,1996) e, Durkheim (1984), acerca da formação moral.

Em seguida, foi desenvolvida discussão sobre a formação disciplinar por meio da educação familiar ao longo da história, levando-se em consideração as transformações na organização da família e, enfatizando as tendências educacionais no período contemporâneo, distintas devido ao avanço científico e inovações tecnológicas. Para tal empreendimento foram utilizados como referências autores como Donzelot (1986), Ariès (1981), Roudinesco (2003), Donatelli (2004) e Saviani (1985).

No terceiro capítulo foi apresentada uma análise crítica dedutiva acerca do conteúdo sobre educação dos filhos publicado em artigos de opinião pelos colunistas Ilan Brenman e Gisela Wajskop, no site da *Revista Crescer* da Editora Globo no período entre abril de 2013 e julho de 2016. O material selecionado tem como característica a linguagem de fácil leitura e compreensão por pais e leitores leigos.

Os autores dos artigos possuem formação acadêmica em Psicologia e Sociologia, sendo doutores em Educação e pesquisadores nas áreas citadas, o que garante legitimidade ao teor dos conteúdos publicados por possuírem relevante destaque na atualidade. A editora, criada sob o nome de Livraria do Globo em 1883, constitui um importante veículo de comunicação da Rede Globo, cuja forte expressão manifesta-se na indústria cultural brasileira.

Tendo em vista que o site da revista do qual foram retirados os artigos não exige assinatura por parte dos internautas e, que a publicação escolhida se encontra disponível também em versão impressa e, em aplicativos para celular, justifica-se a escolha deste objeto para análise, pois se mostra como alternativa viável e acessível aos pais que buscam nestes artefatos tecnológicos, ferramentas de auxílio à educação familiar.

Nas considerações finais foi realizada uma análise crítica entre as tendências de educação familiares contemporâneas predominantes na mídia literária *Revista Crescer* e, a perspectiva de formação por meio da disciplina, a qual teve ao final do processo formativo a finalidade de propiciar a autonomia, conduzir assim, de fato à emancipação. Assim, foi possível ressaltar a relevância social do trabalho ao contribuir de forma teórica no que diz respeito a análise e reflexão sobre as práticas educativas exercidas por pais e educadores, frente à indústria cultural no mundo contemporâneo.

1 Teoria Crítica, Educação e Formação

A Teoria Crítica da Sociedade enfatiza a reflexão acerca da formação cultural e, tem seu surgimento e desenvolvimento na Alemanha do pós Primeira Guerra Mundial, em meados do século XX. Suas principais categorias conceituais subsidiam a compreensão dos processos de educação e de formação dos sujeitos na sociedade contemporânea. As contribuições contidas nas obras de Adorno e Horkheimer, "representantes mais diretos desta escola", permitem compreender de que modo ocorrem estas relações (Canevacci, 1987, p. 210).

Tendo em vista a grande quantidade de produtos culturais voltados aos pais sobre formas de educar os filhos na atualidade, os quais abordam o tema da disciplina e da indisciplina na educação familiar, pode-se constatar o estratégico investimento da indústria na confecção e divulgação de informações que auxiliem na prática educativa. Por conseguinte, o consumo excessivo de tais informações pelos sujeitos consumidores exerce influência direta nas práticas educativas familiares.

1.1 Teoria Crítica e a Escola de Frankfurt

A trajetória filosófica para a compreensão da razão pela qual se efetivou o desenvolvimento da Teoria Crítica da Sociedade é introduzida por Matos na obra *A Escola de Frankfurt* (1993), na qual enunciam-se as contribuições e tensões entre pensamentos de filósofos, tais como Descartes, Kant, Hegel e Marx.

De acordo com a autora, Descartes (1596-1650) foi o primeiro filósofo a afirmar que é pela razão que se pode conhecer o mundo e alcançar a verdade, afastando assim a explicação teológica para fenômenos incompreensíveis aos homens. O pensamento se torna objeto da ciência positivista e, esta por sua vez, o único meio de se chegar à razão. Em sua teoria racionalista, dicotômica, polarizada e maniqueísta, fica impensável a ideia de contradição (Matos, 1993).

Em momento posterior da história, o filósofo Kant (1724-1804) elabora a crítica da razão e distingue domínio racional de domínio moral, campo independente da ciência. Todavia, este filósofo corrobora com a ideia de afastamento da contradição do campo científico, tal como o faz Descartes (*Ibidem*, 1993).

Com a adoção da crítica à razão, Hegel (1770-1831) introduz a dialética na ciência, introduzindo o pensamento negativo que possibilita a superação da dicotomia cartesiana, ou seja, relativiza o pensamento baseado na "contradição que não separa sujeito e objeto, natureza

e cultura" (Matos, 1993, p.21). A partir de então, contrapõe natureza, forma primitiva material e cultura, capacidade de criação humana que possibilita nomear e oferecer significados à natureza. Contudo, o filósofo não relaciona a contradição à materialidade histórica, mas atém-se ao campo das ideias ou do *Espírito*.

Segundo Maar (1995), Hegel contribuiu com o desenvolvimento da Teoria Crítica por meio das concepções antiga e moderna de formação intelectual. Enquanto a primeira consiste no progressivo aperfeiçoamento em direção à universalidade, a segunda se fundamenta no embate entre "universalidade" e totalidade pronta, sólida. Portanto, o autor percebe a educação como implantada na sociedade, uma espécie de cultura imposta.

Por outro lado, Marx (1818-1883) pensa na práxis da formação ainda inconcluída no presente. Ao avançar no desenvolvimento da dialética hegeliana e relacioná-la à economia, ao concreto e, às relações humanas, representadas por fenômenos sociais, tal como as lutas de classes, Marx considera a experiência formativa efetivada por meio do trabalho social. Assim, esta acompanha o desenvolvimento do processo de trabalho e tudo o que isto representa em termos de transformações culturais, científicas e tecnológicas (Maar,1995). Avançando no estudo, portanto, pode-se relacionar o processo do trabalho social às transformações nos modos educativos.

Freud (1856-1939) fundamentado em seu estudo de psicanálise contribuiu com o desenvolvimento da Teoria Crítica ao propor uma crítica reflexiva sobre a cultura, ou seja, uma análise acerca do que estava estabelecido "político e culturalmente". A partir de seus escritos os frankfurtianos aprenderam a diferenciar *liberação política* de *liberação psíquica*." Por conseguinte, alicerçados nos estudos freudianos os frankfurtianos chegaram a conclusão de que as bases para uma ordem social não podem ser acolhidas como inquestionáveis.

Em sua obra *O mal estar na civilização*, Freud (1974) destaca:

Os comunistas acreditam ter descoberto o caminho para nos livrar de nossos males. Segundo eles, o homem é inteiramente bom e bem disposto para com o seu próximo, mas a instituição da propriedade privada corrompeu-lhe a natureza. A propriedade da riqueza privada confere poder ao indivíduo e, com ele, a tentação de maltratar o próximo, ao passo que o homem excluído da posse está fadado a se rebelar hostilmente contra seu opressor.

[...] Não estou interessado em nenhuma crítica econômica do sistema comunista; não posso investigar se a abolição da propriedade privada é conveniente ou vantajosa. Mas sou capaz de reconhecer que as premissas psicológicas em que o sistema se baseia são uma ilusão insustentável. (FREUDA, 1974, p. 135).

Abolindo a propriedade privada, privamos o amor humano da agressão de um de seus instrumentos, decerto forte, embora, decerto também, não o mais forte; de maneira alguma, porém, alteramos as diferenças em poder e influência que são mal empregadas pela agressividade, nem tampouco alteramos nada em sua natureza. (FREUD, 1974, p. 30)

[...] A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa [...]. (Ibidem, p. 30)

Como se pode constatar Freud não faz referência ao materialismo, o que o psicanalista propõe ao entendimento é que não buscou subestimar o poder dos motivos econômico-políticos que estão na base de todas as criações do espírito, ao mesmo tempo em que abdicou do idealismo filosófico. Para Freud, a utopia marxista se voltava para o fato de acreditar que todas as tendências agressivas dos seres humanos provinham da sociedade capitalista, pois, estas são inatas e impraticáveis de se querer suprimir, mesmo acreditando no desaparecimento das guerras.

Mesmo que a psicologia de Freud seja uma Psicologia social, ciência que não deve ser burguesa, o autor jamais concordou que lidar unicamente com fatos que são verdadeiros em toda parte do mundo, i.e., em grau e número, mesmo que os resultados obtidos possam ser relativamente válidos para uma determinada sociedade; acredita como o próprio marxismo pensa na atualidade, que a questão do trabalho pode estar presente em várias partes, mas, sob aspectos diferentes, assim, os resultados diferem e as diferenças essenciais concernentes às classes sociais e a frequência das nevroses podem ser encontradas.

Levando-se em consideração os referenciais mencionados, é possível dizer que a Escola de Frankfurt estuda a relação entre teoria racional e prática, educação e formação por meio de reflexões sociais, políticas e filosóficas. Para Adorno (1903-1969), representante expressivo desta escola, a teoria social na realidade consiste em uma abordagem formativa e, a reflexão educacional em uma abordagem político-social.

Assim sendo, os aspectos sociais, políticos e filosóficos são considerados indissociáveis e a gênese da Escola de Frankfurt concebida como "reflexo teórico da crise do trabalho formador, em especial da questão da articulação entre processos de trabalho social e processo de formação cultural" (Maar, 1995, p. 17).

Os autores referidos no trabalho em especial os da escola frankfurtiana são de grande importância tendo em vista que abordaram aspectos da disciplina, da formação humana sob o prisma da moral, pois, reconheceram que esta não pode se desenvolver, como também, a

sociedade avançar na ausência de princípios que possam propor alternativas para organizar ou reorganizar a vida social, cultural e política.

Ao compreender como a sociedade vem se desenvolvendo culturalmente e politicamente, como as elites dominantes à tem tratado, se torna possível compreender com mais clareza e relevância o conceito de disciplina, bem como, sua aplicabilidade na sociedade. A família assume diversos papéis e entendimentos por parte de distintas famílias e períodos, portanto, após o leitor compreender a história da família, cultura, moral, Estado e mídia, logo terá facilidade intelectual para entender como se processa a constituição do sujeito sob o conceito e prática da disciplina.

Assim sendo, o leitor compreenderá a importância da disciplina, de forma consciente entenderá que a verdade das aparências emitidas pela mídia estão por trás, ou seja, nas coisas e fatos ocultos, nos bastidores. A partir de então admitirá que de fato, a pessoas ao ser influenciada pela mídia passa a ser modelada, manipulada pela política, bem como sua cultura, caso não tenham recursos para entender de forma consciente sua realidade social. Esta deverá ser a contribuição.

Adorno ancora-se fundamentalmente nas teorias desenvolvidas por Marx e Freud, pois estes "desvendaram os determinantes da limitação do esclarecimento, da experiência do insucesso da humanização do mundo, da generalização da alienação e da dissolução da experiência formativa." (*Ibidem*, p. 19). Assim, as relações sociais não afetam somente as condições da produção econômica e material, mas também as subjetividades, das quais se originam relações de dominação e subordinação.

Adorno a partir da contribuição de Marx acerca do termo alienação desenvolve a relação entre alienação, trabalho e a partir deste, formação cultural. Devido à exploração nas relações de trabalho, o homem não se vê inserido na natureza e, ao modificá-la por meio do trabalho não se reconhece no objeto produzido, o que afeta de forma negativa sua formação cultural. Portanto, o homem se perde na irracionalidade que emerge da práxis (*Ibidem*, 1993).

O trabalho alienado não possibilita ao homem a realização de um trabalho livre: quando o homem está no trabalho, sente-se fora de si. (...) significa que o homem não controla suas relações com a "primeira natureza", tampouco com a natureza já transformada (Matos, 1993, p. 25).

A partir do processo de formação cultural por intermédio do trabalho alienado, todo objeto produzido se transforma em artigo de consumo, o que permite explicar a manipulação das massas em governos autoritários, bem como a expansão das sociedades consumistas como exemplos concretos de formas de dominação.

Na visão de Matos (1993), Horkheimer (1895-1973), assim como Adorno, adota a perspectiva marxista e freudiana para analisar de forma crítica e histórica as relações humanas em sociedade. Todavia, segundo essa autora, Horkheimer aproxima o conceito marxista de materialismo do conceito de metafísica, que consiste na "busca dos fundamentos da própria noção de matéria", subentendendo que existe sofrimento da natureza, além do sofrimento humano pelo trabalho alienado. Ao contrário de Marx, o teórico da Escola de Frankfurt acredita que não há reconciliação entre homem e natureza, portanto, acredita "que uma sociedade justa é impossível" (1993, p. 26).

A partir deste pressuposto, Horkheimer (1990) estabelece crítica à forma positivista como a ciência dividiu as eras e períodos da história da humanidade, tendo em vista que estas divisões são tratadas de forma linear, o que não corresponde à realidade, pois as tensões e lutas permeiam a sociedade e a cultura, as quais se transformam de forma dialética.

Esse autor salienta que as pesquisas de seções isoladas da vida social, tais como a história do direito, da arte e da religião, contribuem para a sobreposição de valores, bem como para a distinção entre os períodos históricos. Ressalta ainda que, se a ciência funciona de forma positivista, cabe aos historiadores e sociólogos o estudo do processo histórico de forma integrada, assim diz:

Se ao físico, em suas pesquisas, é permitido, com razão, não levar em conta o reconhecimento de que cada teoria é, ela mesma, interligada no processo histórico, esperamos, entretanto, do filósofo da história e do sociólogo que saiba tornar visível até dentro das teorias e conceituações individuais a maneira como estas mesmas e, em geral, todos os seus passos estão arraigados na problemática do seu próprio tempo. (Horkheimer, 1990, p. 177).

Diante do exposto na citação, conclui-se que uma das contribuições de Horkheimer à Teoria Crítica consiste na crítica ao positivismo e ao idealismo no estudo das ciências humanas. Desta forma, Horkheimer (1990) estabelece crítica à filosofia idealista à medida em que esta apreende a noção de cultura como algo inquestionável, tendo em vista que, para a perspectiva materialista, a cultura trata-se de produção humana.

Outra contribuição de Horkheimer (1990) consiste na conceituação de autoridade e coação, com ênfase nos âmbitos político, econômico, social e educacional. Nesta investigação, o desenvolvimento de tais conceitos permitirá estabelecer relações entre autoridade do educador e, desenvolvimento da autonomia dos sujeitos ao longo da história, especialmente das crianças por via da educação familiar.

1.2 Categorias Conceituais da Teoria Crítica

1.2.1 educação e formação cultural

O conceito de educação como mera apropriação de conhecimentos técnicos e científicos não constitui necessariamente fator de emancipação, fazendo-se necessária, portanto, a crítica permanente ao que está imposto como naturalmente instituído. A base teórica da crítica à razão que levou Adorno ao desenvolvimento de suas principais ideias em relação à educação é apresentada por Maar (1995) no prefácio da obra *Educação e Emancipação*.

Adorno propõe o entendimento da sociedade moderna a partir da compreensão dos papéis da educação e da formação cultural. Assim, o autor chama atenção para se pensar a educação e a sociedade de modo histórico e crítico, para que seja possibilitada a reflexão sobre os fatos do passado por meio da educação crítica, que permite a formação pautada no esclarecimento, com vistas à compreensão da atualidade (Maar, 1995). Esta, objetiva evitar a barbárie cujo emblema é Auschwitz, que remete ao holocausto de milhões de judeus neste principal campo de concentração, localizado na Polônia, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O processo proposto por Adorno para a educação consiste em apontar limitações objetivas da realidade, confrontando-as com dificuldades ocultas, problematizando soluções fáceis e revelando, a partir disto, a contradição presente entre formas objetivas e apreensões subjetivas de fenômenos sociais, de modo a converter a contradição em fundamento da experiência formativa. A partir disso, Adorno objetiva a compreensão do tempo presente como histórico, ou seja, para atribuir um sentido emancipatório à educação que se faz no presente dos educandos, é preciso pensar e reelaborar fatos ocorridos no passado.

Adorno conclui que "é preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não-idêntico, o diferenciado." (*Ibidem*, 1995, p. 27). O autor profere que a criança deve receber uma educação destinada ao esclarecimento, esta deve ocorrer no período inicial da infância, ou seja, durante o período da pré-escola. Ressalta assim, a importância de situar a autoridade na educação para a criança, de forma a contribuir para a desbarbarização.

O autor persevera que apenas uma sociedade pautada, aculturada, a partir de uma educação de fato e, que à possibilite pleno e total acesso democrático aos seus membros, com vislumbre à liberdade e emancipação, é que poderá se considera livre e educada.

Seguindo uma linha paralela pautada na educação libertadora Saviani (2011) chama a atenção para o fato de que toda forma de educação gera conhecimento, assim sendo, não se pode dizer que as pessoas de uma dada sociedade elegem os políticos que merecem, pois, todo governo é o representante, gestor máximo da cadeira catedrática da educação o que revela que caso o nível não seja satisfatório não se pode colocar culpa apenas na sociedade, educação, professores, pois, a cultura emerge de uma estrutura compromissada com o outro, com o conhecimento, com a educação de fato.

Neste sentido Saviani diz “que não existe conhecimento desinteressado; portanto, a neutralidade é impossível. Entretanto, o caráter sempre interessado do conhecimento não significa a impossibilidade da objetividade” (SAVIANI, 2011, p. 50). Em outras palavras o educador permite o entendimento de que para que uma sociedade seja aculturada, educada, liberta e responsável por seus atos, não é suficiente que tenha interesse em aprender, estudar, em conhecer, mas, acima de tudo, que haja compromisso político, social, interesse em prometer e cumprir, que o município, a cidade, estado ou nação brasileira em especial, tenha boa grade curricular, professores comprometidos e, etc,

O autor deixa claro que o interesse sempre tem um objetivo central, para isto é necessário uma boa base, com bons planos educacionais, planejamento educacional com vistas à emancipação, libertação cultural, educacional, plena e democrática, pois, “a identificação dos fins implica imediatamente competência política e imediatamente competência técnica; a elaboração dos métodos para atingi-los implica, por sua vez, imediatamente competência técnica e imediatamente competência política” (SAVIANI, 2011, p. 55). Portanto, a educação ocorre sempre em uma via de mão dupla, mas não se deve acomodar, deve-se sempre se atualizar, estar a par de novas e plausíveis técnicas, métodos e plataformas educacionais, especialmente no caso brasileiro, onde a educação não se mostra avançada em relação a outras nações.

Saviani (2011) salienta e ressalta sobre a importância da pedagogia histórico-crítica, pois, esta leva em consideração que a educação deve se constituir em um “o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (SAVIANI, 2011, p. 13). Portanto, tendo como fundamento a história, cultura e, a vontade política para de fato fazer cumprir com os preceitos constitucionais brasileiros como reza a constituição da República Federativa do Brasil em seu artigo 205: “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Por conseguinte a

formação cultura no Brasil lançará o sujeito no caminho da emancipação, libertação e com a necessária dignidade da pessoa humana.

A própria Constituição da República Federativa do Brasil ressalta a neutralidade da concepção de Estado, pois, independente de qual seja o regime ou sistema político em que se encontra o Estado sempre será considerado como uma forma de organização social cujo significado repousa na ideia de natureza política. Portanto, Estado com a letra inicial maiúscula sempre deverá ser entendido como uma entidade com poder soberano, absoluto, para governar um povo dentro de uma área territorial delimitada. Assim sendo não já o que se discutir com um avanço ou atraso educacional de uma nação, imprimindo a culpa em todos os cidadãos.

Saviani (2011) deixa a entender que comunga da ideia de independência de sistemas e regimes políticos, se prende invariavelmente ao contexto educacional, de técnica, método, planos, planejamento educacional e, etc..., para o autor independente da forma adotada o que faz sentido de fato é o ideal libertador e emancipador frente ao sujeito aprendiz, educando. A

Absorvendo a fala do educador há de se admitir que mesmo que seja tênue o avanço, ainda estando em desenvolvimento, se torna importante, pois, é um avanço na área da educação brasileira por sustentar que apenas mediante o domínio do conhecimento socialmente produzido será viabilizada a transformação social com a eliminação dos privilégios existentes e a efetiva concretização dos princípios democráticos.

1.2.2 indústria cultural e (pseudo)² formação.

Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* (1985) conceituam, indústria cultural como "caracterização social objetiva da perda da dimensão emancipatória inevitavelmente gerada no movimento da razão." (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 20) e pseudoformação como a expressão da subjetividade ameaçada, destacando o momento subjetivo do conhecimento e o momento objetivo da subjetividade, ou a formação social como sujeito.

A Teoria Crítica tem como fundamento a falta de racionalidade relacionada à experiência formativa dialética. A partir deste pressuposto, pode-se admitir que, por meio da educação disciplinadora trabalhadores passam a interiorizar passivamente a dominação, não

² Wolfgang Leo Maar traduz o termo alemão *halbildung* como semicultura, semiformação e não como pseudocultura ou pseudoformação como faz a tradução espanhola. A crítica em relação à tradução em português remete à ideia de metade, que privilegia a adaptação dos indivíduos. Como utilizamos a obra deste pesquisador e intérprete da obra de Adorno neste texto, optamos por manter o termo semiformação apenas nas citações diretas ou indiretas deste tradutor.

questionando sua condição de proletariado tampouco as condições de trabalho às quais se encontram submetidos. A aceitação pacífica da classe social à qual pertencem se dá no capitalismo tardio³ por meio da confusão entre os planos da economia e da cultura, os quais conduzem ao conformismo e à adaptação social.

Desta forma, a própria organização cultural é que articula a manipulação dos sentidos dos objetos culturais, fazendo com que estes se subordinem aos sentidos econômicos e políticos, de tal forma que a massa se identifique com valores burgueses, tais como sucesso e poder, por meio de produtos ostentados por uma minoria socialmente privilegiada.

Isto significa dizer que o fetichismo da mercadoria, termo de origem marxista que se refere a atribuir valores a objetos, se constitui como mecanismo de manipulação social, aliado da pseudoformação. Com relação a mercadoria e o fetichismo, ambos que se encontram vinculado ao modo de produção capitalista⁴ Marx (1980). “A mercadoria é, antes de mais nada, um objeto externo, uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas, seja qual for a natureza, a origem delas, provenham do estômago ou da fantasia”. (Livro I, vol. 1, p. 41).

Como se pode entender, para Marx, a mercadoria, produto manufaturado quando finalizado, não mantém seu valor real de venda, pois, para o filósofo este passa a ser determinado ao levar em consideração a quantidade de trabalho materializado no artigo, produto, que por sua vez adquire um valor de venda irreal e infundado, como se não tivesse sido fruto de trabalho humano, bem como, não possa nem mesmo ser mensurado, o que ele adverte nesta passagem é que a mercadoria parece perder sua relação com a atividade, trabalho do homem, conseqüentemente ganhando vida própria, o que de fato, não é verdade.

Horkheimer (1990) relaciona aspectos econômicos da sociedade, tais como a arte de governar, a organização do poder do Estado e, em última instância a força física, ao fetichismo da mercadoria. Assim, o autor afirma que por meio da agressiva política, uso da violência e da coação, uma camada social superior economicamente domina as demais.

A partir da leitura de Horkheimer e de Marx, é possível estabelecer relações entre mercadorias advindas dos grupos dominantes da sociedade, cujos valores são convertidos "em

³ Termo criado por Adorno que faz referência ao período posterior ao fim da Segunda Guerra Mundial em 1945.

⁴ Modo de Produção Capitalista consiste em ser uma relação social entre uma dupla de classes. De um lado a burguesia, devido seu monopólio a partir dos meios de produção e do dinheiro, o que contribui para que consiga explorar a outra classe, que é a de trabalhadores, estes não sendo proprietários de algo, a não ser a própria força de trabalho se vê forçada a vender, não pelo que merece, mas pelo que querem pagar. Deve-se ter sempre em mente que o fim último da produção, é a partir de então a finalidade da burguesia, ou seja, a criação de um produto com valor que permitirá a acumulação privada, esta, de capital e, não, a satisfação, eliminação da penúria, necessidades da maioria dos membros da sociedade.

fonte de poder e de felicidade" (*Ibidem*, p. 181) ao preço de concretização de desejos advindos das camadas inferiores.

Adorno afirma que a indústria cultural possui bases objetivas. A partir disso, estabelece analogia entre racionalização da linha de produção Industrial e condições sociais objetivas que levaram ao extermínio de milhões de judeus, ou seja, às condições de dominação e, no limite, de reprodução da barbárie. Sobre o consumo de bens da indústria cultural, afirma que, de fato, produzem satisfação de interesses objetivos, bem como as mercadorias da sociedade consumista do capitalismo tardio possuem estritamente valor de uso⁵ e valor de troca⁶.

Conforme assinala o referido autor, a educação contra a barbárie tem o sentido de emancipar o indivíduo à medida em que se vincula com a ética ou pelo aperfeiçoamento moral. Assim, condições objetivas e irrefletidas que levaram à barbárie, correspondem ao desenvolvimento necessário da racionalidade social no capitalismo tardio. O desenvolvimento da formação social dá origem a relações de poder, ética, formas de governo autoritários ou democracia.

A pseudoformação, portanto, consiste no esclarecimento condicionado culturalmente, travado nas possibilidades de experiência formativa, por exemplo, na regressão dos sentidos humanos, como a audição, que resulta da satisfação provocada pelo consumo dos bens culturais.

Para Adorno, a indústria cultural refere-se à produção de cultura burguesa, esta condiz com a arte padronizada e convertida em mercadoria. O consumo da arte antes restrito à uma minoria passa a se popularizar. Assim, o autor afirma sobre produtos culturais:

(...) a acessibilidade dos produtos "de luxo" em série e com seu complemento, a confusão universal, tem início uma transformação no caráter de mercadoria da própria arte. Esse caráter nada tem de novo: só o fato de se reconhecer expressamente, e o de que a arte renegue a própria autonomia, enfileirando-se com orgulho entre os bens de consumo, tem o fascínio da novidade. A arte como domínio separado foi possível, desde o início, apenas como burguesa. Mesmo a sua liberdade, como negação da funcionalidade social que se impõe pelo mercado, permanece essencialmente ligada ao pressuposto da economia mercantil (Adorno, 1985, p. 74. Grifos nossos).

⁵ O valor de uso⁵ se constitui, se transforma, a partir da utilização de uma coisa, assim, transforma a coisa num valor-de-uso⁵. Esta proficuidade nada tem de incerto e de irresoluto, antes de tudo, ela se estabelece pelos atributos do corpo da mercadoria o qual não tem existência sem ele. O corpo propriamente dito da mercadoria, tal como a madeira, o trigo, o ouro, o ferro, etc., portanto é, um valor-de-uso, mas, não é o maior ou menor trabalho imprescindível ao homem para se apropriar das qualidades úteis que lhe atribui esse caráter. Quando se encontram em causa valores-de-uso, fica sempre entendido uma quantidade assentada, como, por exemplo, meia dúzia de relógios, um metro de pano, uma tonelada de milho, etc.

⁶ O valor-de-troca se manifesta como uma relação quantitativa, pois, se desenvolve à medida em que os valores-de-uso, espécie diferente, se trocam, permutam, entre si, esta afinidade varia permanentemente e tem como fundamento, o tempo e o lugar. Genuinamente atinente; um valor-de-troca intrínseco, imanente à mercadoria.

Considerando-se que os produtos artísticos e culturais estão intimamente ligados ao mercado, é pressuposto da indústria cultural que a dominação da subjetividade esteja condicionada à estrutura social do trabalho. Assim, o conceito apreendido de pseudoformação a partir do consumo da arte padronizada constitui a base social de uma estrutura de dominação, representando o resultado de um processo de manipulação e dominação política.

Na mesma linha de raciocínio, Horkheimer (1990) caracteriza a indústria cultural como massificada e estratificada, ou seja, voltada para a massa e para classes, bem como sua produção intencional e para consumo imediato. O autor afirma que algumas ocorrências culturais ocorrem de forma semelhante, tais como o processo mecânico de trabalho e os processos fisiológicos do consumo e propagação.

Por conseguinte, o autor aponta que as ocorrências culturais são regidas por tendências que se alteram continuamente e que, apesar da repetição a que estão submetidas, tanto a posição de classes sociais quanto as relações entre todas as esferas da vida levam ao declínio ou à dominação de determinadas culturas em detrimento de outras. Portanto, afirma que a deformação cultural consiste na formação cultural que reafirma os mecanismos de manutenção social e manutenção do sistema (Horkheimer, 1990).

A Teoria Crítica da Sociedade considera que o trabalho humano atua na construção cultural, desenvolvendo um processo que não se atém apenas à leitura do momento histórico. Deste modo, torna-se necessário a compreensão dos fatores ativos na conservação ou ruptura de determinada estrutura social. "A própria cultura é, a cada momento isolado, um conjunto de forças na alternância das culturas" (*Ibidem*, p. 181).

A partir da compreensão do conceito de pseudoformação fundamentado na definição de indústria cultural, a dominação em suas feições mais subjetivas é determinada pela estrutura social. Assim sendo, "Adorno não implementa uma crítica ética do poder, mas confere clareza suplementar à derivação da dominação a partir da estruturação social do trabalho, conforme Hegel e Marx." (Maar, 1995, p. 23).

Desse modo, o que justifica sentido à indústria cultural é uma solidez no entendimento de nível político e ético, materialmente alicerçado no processo de produção de mercado que alcança a subjetividade do sujeito. Portanto, o conceito de pseudoformação constitui a base social de uma estrutura de dominação, não representando o resultado de um processo de manipulação e dominação política.

Para fins conclusivos, Adorno estabelece relação ilustrativa entre a barbárie ocorrida em Auschwitz e a ausência de aptidão à experiência, entendida dialética e basicamente como um

processo de mediação, ao qual caberia conferir um sentido ao passado, reelaborando-o para apreensão do presente e possibilitando uma práxis transformadora no futuro.

Assim, o método da formação crítica pode ser conhecido por duas vias, a negativa, que consiste na recusa do instituído pela via da contradição e, a positiva, que consiste na transformação do sujeito ao longo de suas experiências, a partir do próprio contato transformador com o objeto na realidade (Maar, 2003).

As características da pseudoformação ou do travamento da experiência formativa consistem na repressão do diferenciado em prol da uniformização da sociedade disciplinada e na repressão do processo em prol do trabalho, característica do trabalho alienado, em que o trabalhador não se reconhece no produto final (*Ibidem*, 2003).

A indústria cultural rompe com a continuidade do processo de formação para a autonomia dos sujeitos no momento em que impõe uma subjetividade socializada de modo heterônomo, que rompe com a continuidade do processo formativo de um modo fortuito no qual "os bens culturais que alimentam as massas tornam dominante o momento de adaptação, enquadrando-se numa sociedade adaptada, e rompem a memória do que seria autônomo" (Maar, 2003, p. 26).

Em outra obra, *Teoria da Semicultura* (1996), Adorno detalha a experiência formativa que se baseia na difícil mediação entre condicionamento social, momento de adaptação, sentido autônomo da subjetividade e momento de resistência. Este, deve partir do indivíduo para que o objetivo não se sobreponha a ele, da mesma forma que o abstrato não deve se sobrepor ao concreto empírico, tal qual ocorrido em Auschwitz.

Com ênfase nos modos de trabalho manual e intelectual, na pseudoformação há forte distinção entre estes, de tal modo que mundo sensível e mundo intelectual não se articulam mais no processo de trabalho. Para Adorno, a ciência e a tecnologia se interpõem entre o sujeito e a realidade, de tal modo que o homem não se humaniza e mesmo a burguesia, responsável pelo advento da ciência, se torna oprimida em sua formação cultural pela objetividade e irracionalidade do sistema (Maar, 2003).

Assim, Maar (2003) procura demonstrar o desafio da formação da subjetividade autônoma pela via da educação e da cultura e, aponta como desafio a teorização e prática da educação crítica, que é tendencialmente subversiva. Cultura é pensamento e reflexão. "Pensar é o contrário de obedecer" (Matos, 1993, p. 72).

Tendo em vista o apresentado, conclui-se que a educação e a cultura para Adorno possibilitam "a preservação das condições objetivas da experiência formativa no contato com o outro e a abertura à história ao modo de trabalho social alternativo é a única possibilidade de

evitar a repetição de Auschwitz" (Maar, 2003, p. 28). Tal fato que decorreu da racionalização instrumental centralizada pelos meios bárbaros despertados por ela mesma, alegoria do capital encantado com sua pretensa autossuficiência.

1.2.3 autoridade.

A investigação sobre a categoria conceitual de autoridade faz-se importante nesta pesquisa para compreender a gênese e o desenvolvimento histórico da disciplina na educação familiar. Para tal propósito, serão apresentadas noções de autoridade relacionadas a aspectos coercitivos políticos, econômicos e sociais que possuem representação direta na instituição familiar.

De acordo com Horkheimer (1990), a coerção caracteriza-se como uma forma de constrangimento imposto a alguém para que faça ou deixe de fazer algo e, exerce papel disciplinador socialmente ao longo da história, tendo em vista que prepara o indivíduo para a convivência em sociedade, podendo ser verificada em diversos contextos educacionais.

A análise da coerção pelo viés político caracteriza-se pelo exercício da força pelo Estado para impor o respeito às leis. Em relação ao aspecto econômico, o autor ressalta que, não raras vezes evidencia-se o uso da coerção no ambiente de trabalho por meio da imposição de obediência e, pela forma severa como o patrão trata seus subordinados, impondo-lhes o medo de serem demitidos (*Ibidem*, 1990).

Os trabalhadores, por sua vez, transformam o medo da punição em cautela e disciplina e, se adaptam às condições impostas, pois necessitam da remuneração do trabalho, conseqüentemente, participam de uma coerção velada. Desta forma, o papel da coerção na esfera econômica:

[...] consiste não só nas punições de qualquer um que fira a ordem imposta, mas também na fome do indivíduo e dos seus que o obriga a sempre sujeitar-se de novo às condições dadas de trabalho das quais faz parte seu bom comportamento na maioria das esferas da vida (Horkheimer, 1990, p. 183).

De acordo com Horkheimer (1990), pode-se verificar estreita relação entre o mundo do trabalho e a família, uma vez que "a regulamentação das relações sexuais no quadro das uniões sexuais, da família, é condicionada pela economia e, em parte, foi imposta de maneira cruel" (*Ibidem*, p. 184).

Nos casos em que os homens reagem a mudanças econômicas, pode-se verificar que outros poderes se interligam de forma coercitiva à organização familiar, tais como o Estado e

as demais instituições culturais, uma vez que legitimam de forma relativa as decisões econômicas, tendo em vista que "não só a burocracia do aparelho coercitivo do Estado, como também o elenco de todas as instituições culturais em sentido mais estrito tem seu interesse e seu poder" (*Ibidem*, p. 184).

Horkheimer (1990) aborda a relação entre homem, autoridade divina e política como um aspecto cultural marcado pela dependência, sentimento de vingança, planos e saudades em relação a um ser superior. A crença ligada à religião em países como Índia e China são apresentadas na obra *Autoridade e Família* (1990) para ilustrar a fé na autoridade e, a importância desta para o desenvolvimento social e político na história da humanidade. "A religião abrange ao mesmo tempo conhecimento e superstição." (Horkheimer, 1990, p. 193).

Ao se referir à autoridade exercida pelo governo, o autor afirma que em todos tipos de sociedades, das mais primitivas às evoluídas, poucas pessoas governam a população, ou seja, tal fenômeno caracteriza uma dominação ou subordinação de classes, visto que "a maioria dos homens sempre trabalhou sob a direção e o comando da minoria, e esta dependência sempre se expressou numa piora da existência material" (*Ibidem*, p. 192).

Historicamente, a dominação, autoridade e dependência sempre estiveram relacionadas, como afirma Horkheimer (1990):

Mesmo nas épocas em que a relação de dependência era indubitavelmente adequada ao nível das forças humanas e seus recursos, isto, no período histórico, implicou privações para os dependentes e, nos períodos de estagnação e retrocesso, a afirmação, pelos dominados, das relações de dependência existentes, necessárias para a manutenção das respectivas formas sociais, significou não só a eternização da sua incapacidade material, mas também de sua incapacidade espiritual e se tornou um freio para o desenvolvimento humano em geral (*Ibidem*, p. 193).

Desta forma, o estudo histórico aponta que por mais que os dominados se subordinem à condição de dominação, esta nem sempre favorece a vida em comunidade. Todavia, a ordem econômica burguesa se aproveitando da predisposição humana de adaptação a todos meios e ambientes, os aprisiona intelectual e fisicamente, à medida em que o consumo e o trabalho os absorvem e os doutrina. Assim enfatiza Horkheimer (1990):

A autoridade como dependência aceita pode significar tanto condições progressistas, favoráveis ao desenvolvimento das forças humanas, correspondentes ao interesse dos participantes, quanto um conjunto de relações e ideias sociais sustentadas artificialmente e há muito falseadas que contrariam os interesses da comunidade (*Ibidem*, p. 193).

O papel da dependência na relação entre autoridade e massa em cada época histórica constitui característica cultural, como por exemplo, a verificada na relação entre imperadores e escravos romanos. Esta envolve a distinção dos indivíduos, bem como o exercício de controle sobre o significado psíquico da aceitação da autoridade. Assim, "para a massa de senhores no império, o recurso ao sistema de tiranos militares e sua covarde tolerância quando estes se revelavam ruins constitui a expressão de uma impotência histórica" (*Ibidem*, p. 194).

Todavia, em certos momentos históricos há ruptura da massa com a autoridade imposta, como pode ser evidenciada na luta da burguesia contra a autoridade do rei. Desta forma, "o fortalecimento e o enfraquecimento de autoridade apresenta um daqueles traços da cultura pelas quais ela mesma se torna um elemento da dinâmica do evento histórico" (*Ibidem*, p. 194).

1.3 A crise da autoridade na família moderna

Fenômenos como alta permissividade familiar, crescente uso de drogas entre jovens e, promiscuidade sexual, são caracterizados pelo historiador e pesquisador norte-americano Lasch (1977) para apresentar o enfraquecimento da autoridade na família americana do século XX. De certa forma, o processo de avanço do capitalismo evidenciado a nível mundial tende a ser, sob certos aspectos, uma norte americanização política, econômica, cultural, dentre outros fatores.

O mencionado autor analisa historicamente a constituição da família burguesa a partir do século XVIII, em que o surgimento da família nuclear reflete a importância da privacidade para a sociedade da época. Paralelamente, o autor analisa o processo de degradação do trabalho devido à introdução da técnica pela mecanização e, da rotina. Lasch (1977), portanto, critica a exacerbação do capitalismo:

Ao convencer a dona de casa e, finalmente, até mesmo seu marido, que confiasse na tecnologia e nos conselhos de especialistas externos, o aparato do ensino em massa – sucessor da Igreja em uma sociedade secularizada – minou a capacidade da família de prover-se a si mesma e assim justificou a contínua expansão dos serviços de saúde, educação e bem-estar (Lasch, 1977, p. 41).

Na evolução histórica, nos séculos XIX e XX, a família americana transformou-se pela intervenção dos planejadores e políticos. O surgimento dos especialistas da saúde e a consequente medicalização contribuíram para esta intervenção, assim, pode-se dizer que a sociedade invadiu a família.

Como se pode observar no desenvolvimento do capítulo I, na sociedade contemporânea afirma-se o controle social exercido sobre os indivíduos e a família, onde o cuidado e a educação das crianças são expropriados desta pelo controle por parte do Estado e dos especialistas. Tal como afirma Adorno & Horkheimer (1973):

O desequilíbrio entre o indivíduo e forças totalitárias da sociedade intensifica-se de tal modo que, com frequência, o indivíduo é coagido a procurar uma espécie de refúgio, recolhendo-se em microgrupos do tipo da família, cuja persistência autônoma parece incompatível com o desenvolvimento geral. (1973, p. 133).

A privacidade, ora tão importante para a sociedade burguesa, paulatinamente perde sua força no ambiente familiar, conseqüentemente, a família perde seu lugar de refúgio para o indivíduo. À medida em que ocorre o processo de socialização da produção do âmbito doméstico das fábricas, ocorre também uma socialização da reprodução que se reflete na extensão do controle à vida privada dos trabalhadores. Assim, "o Mundo Moderno se infiltra em tudo e impede a privacidade da santidade do lar" (Lasch, 1977, p. 23).

À medida em que amplas forças sociais, como a mídia, o Estado e as grandes corporações, invadem a família e rompem sua privacidade, esta não pode mais ser considerada um refúgio. Ao encontrar-se submetida ao controle externo, às ordens política e econômica, esta instituição passa a não oferecer segurança e proteção contra perigos externos, como o cruel mundo da política e do trabalho. "Enquanto a família assegurou proteção e conforto aos seus membros, a autoridade familiar encontrou uma justificativa" (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 140).

Por meio de análise político-econômica, verifica-se que o capitalismo ao transformar as massas em ávidas consumidoras de propagandas, as mantém em estado de insatisfação e incerteza, contribuindo assim, para a incapacidade da família de proteger seus membros e para o desgaste dos laços familiares.

Segundo Lasch (1977), para compreender a importância dos laços familiares e da função socializadora da família faz-se necessário analisar a formação da personalidade, enfatizando os estudos da Psicanálise para o entendimento da interiorização da coerção da psique e, conseqüentemente, da internalização da autoridade dos pais. "Só a família pode causar nos indivíduos uma identificação com a autoridade, idealizada como ética do trabalho, que substituiu funcionalmente o domínio imediato do senhor sobre os servos da época medieval." (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 137).

Horkheimer (1990) e, mais tarde, Lasch (1977) apontam para a efetividade da estrutura da família nuclear burguesa clássica, a despeito de todas as suas contradições, cujo poder patriarcal contribui para a criança superar suas dificuldades psicológicas; do papel familiar de refúgio e da divisão de papéis no interior da família. Conforme já afirmavam Adorno e Horkheimer (1973), a família vai perdendo paulatinamente seu lugar de refúgio ao longo da história à medida em que a "socialização progressiva" passa a significar "repressão e um controle cada vez mais absoluto dos instintos." (1973, p. 133).

Assim, Lasch (1977) critica as demais correntes sociológicas que propõem organizações familiares mais igualitárias e estilos de vida alternativos. Considera que, nestas, os pais permanecem como figuras nebulosas e distantes, não conseguindo exercer sua autoridade e impedindo o desenvolvimento emocional adequado da criança.

Em outra obra, *A cultura do Narcisismo* (1983), Lasch continua a percorrer o caminho da análise da família americana a partir da perspectiva crítica e psicanalítica, apresenta fenômenos modernos ocorridos na sociedade norte-americana, os quais estendem-se a outros países de forma global, tais como: terceirização da educação com o surgimento dos especialistas, o declínio da autoridade parental e a emergência da cultura de consumo com função socializadora para as crianças.

No século XIX, com o sistema fabril de socialização da produção, mantiveram-se intactas outras funções da família. Pode-se ser verificado que, paralelamente ao anúncio da socialização da reprodução, ocorreu a apropriação da criação de filhos por pais substitutos, o Estado e a indústria privada.

No curso de se levar cultura às massas, a indústria da publicidade, os meios de comunicação de massa, os serviços da saúde e do bem-estar e outros agentes de instrução de massas assumiram muitas das funções socializadoras do lar e colocou as que restaram sob a direção da ciência e da tecnologia modernas. (Lasch, 1983, p. 193).

Naquele momento histórico de avanço científico e tecnológico, pôde-se verificar a apropriação pela escola, bem como por especialistas da saúde e educação, de funções antes desempenhadas pela família. O bem-estar da criança passou a ser também interesse do Estado.

Muitos reformistas preocuparam-se em imprimir críticas à criação que os pais davam aos filhos, desvalorizando seus conhecimentos. "Quase todos concordavam em que a família promovia uma mentalidade estreita, paroquial, egoísta e individualista, impedindo, assim, o desenvolvimento da sociabilidade e da cooperação" (Lasch, 1983, p. 195).

A partir dos anos 20 do século passado, o Estado teve como obrigação proteger as crianças, não só de lares desfeitos, mas contra pais considerados educadores ruins, os quais influenciariam negativamente na formação da personalidade do futuro adulto. Assim, era dever do assistente social intervir nos lares e, o que evidenciava que a terceirização da educação seria a melhor opção para as crianças, de acordo com Lasch:

À medida que aumentam nossas descrições de caos na clínica e em conferências, a riqueza de evidências de que o lar 'normal', tanto como o lar desfeito, abriga a desnutrição, física e espiritual, que formação de hábitos sórdidos e desajustamentos morais ocorrem nas 'melhores' famílias, cresce a conclusão, não de que os pais precisam de educação, mas de que seria melhor que um agente especializado assumisse o problema da criação de crianças. (Lasch, 1983, p. 198).

Outra medida tomada pelo Estado consistia na Educação de Pais, serviço prestado por especialistas responsáveis por resguardar a família, assegurando permitindo desta forma assegurar um melhor cuidado das crianças imigrantes por parte de seus pais. Importante salientar que por trás deste ideal e de forma implícita haviam posicionamentos de cunho ideológico pautados em critérios irrealistas de educação.

O termo ideologia comporta um conjugado de ideias, estas podem ser passíveis de consciência e ou inconsciência por parte do indivíduo as quais constituem os objetivos primordiais da pessoa como, expectativas e ações. Toda ideologia possui uma visão abrangente, ou seja, uma modo específico de olhar para as coisas sob vários ângulos, tendências, a partir de critérios filosóficos, ou, sob um conjunto de ideias alvitadas pela classe dominante, governo, de uma sociedade.

A ideologia sempre se encontra direcionada para todos de seu conjunto, i. e., membros, este, entendido por produto da socialização. As ideologias são como códigos de pensamento, mas, abstratos, os quais são aplicados a questões públicas, assegurando assim, um conceito como sendo central para a análise política. Tacitamente, seja qual for a tendência política ou econômica administrada, invariavelmente implica em uma ideologia central, podendo esta ser uma proposta explícita, de pensamento ou pelo contrário. O termo ideologia será brevemente desenvolvido adiante, este possui foco, objetivo, tendência por vezes subliminares, com os quais o Estado exerce controle e disciplina social sobre as massas (*Ibidem*, 1983).

Àquela época houve também uma expansão e delegação da responsabilidade pela socialização das crianças para a escola. Todavia, os especialistas eram desesperançosos em relação à esta, acreditando mais na eficiência do esclarecimento da família como solução para melhorar o cuidado com as crianças.

Relacionando a influência da Psicologia com a educação familiar, observa-se esta subsidiando parâmetros educacionais desde os anos 20 e 30 do século XX, em que a Psicologia Behaviorista desaprovava a superproteção maternal e defendia o respeito à inteligência emocional da criança. Nas posteriores décadas de 30 e 40 do século XX, houve uma reconsideração sobre a permissividade na educação dos filhos, reação em favor desta e da liberdade nas práticas educativas, reduzidas às técnicas ensinadas pelos especialistas aos pais de como fazerem os filhos se sentirem amados (Lasch, 1983).

As posturas inseguras dos pais reforçavam a afirmação dos especialistas no campo educacional. Os pais modernos "repudiaram as práticas úteis do passado e abraçaram as rotineiras meias-verdades dos especialistas como as leis da vida" (Lasch, 1983, p. 203). Assim, a ciência mostrou-se em função da indústria como meio do incentivo ao consumo por parte dos pais com inúmeros produtos destinados aos filhos, pois:

Ao manter os pais em um estado de ansiedade crônica, a psiquiatra frustra, assim, os desejos cuja satisfação a publicidade pode então reivindicar. Ela estabelece o fundamento emocional para a insistência da indústria da publicidade de que a saúde e a segurança dos jovens, a satisfação de suas exigências nutricionais diárias, de seu desenvolvimento emocional e intelectual, e sua capacidade de competir com seus pares pela popularidade e sucesso dependem de consumo de vitaminas, esparadrapo, creme dental que previne as cáries, cereais, higiene bucal e laxativos (*Ibidem*, p. 204).

Verifica-se que os mesmos profissionais especialistas, tais como psiquiatras e assistentes sociais, que criaram a ideia de permissividade na criação dos filhos e ajudaram a promovê-la são os mesmos que em momento posterior criticaram a criação permissiva dos infantes. Fenômeno este, que pode evidenciar interesse do capitalismo por intermédio da mídia e da publicidade. A crítica à educação dos filhos repercutiu tendo em vista o enfraquecimento da confiança dos pais no exercício da tarefa educativa.

A exaltação à postura permissiva dos pais reflete o colapso da orientação destes realizada pelos especialistas por meio de uma justificativa moral. Confirma, assim, a impotência dos pais em instruir a criança sobre o mundo e a transmissão de preceitos éticos. "Ao glorificar esta impotência como uma forma mais elevada de conscientização, ele legitima a proletarianização da paternidade - a apropriação de técnicas de criação de filhos pelas "profissões auxiliares" (Lasch, 1983, p. 207).

A revolta contra os dogmas behavioristas e progressistas que predominaram nas décadas de 20 e 30 e que exageravam o poder dos pais de "deformar" a criança, fez com que a sociedade responsabilizasse apenas parcialmente os pais por sua criação, cabendo a maior parte dela a

terceiros. "Ironicamente, a desvalorização da paternidade coincide com um movimento tardio de devolver à família funções que ela havia cedido aos aparelhos da terapia e do ensino organizados" (Lasch, 1983, p. 208).

A alienação do trabalho pelo modo de produção liberal e a manipulação imposta pela ordem de habilidades técnicas por especialistas e pela escola, seguidas da socialização das técnicas de criação dos filhos, deixou aos pais somente a responsabilidade de transmitir-lhes amor. Como bem observa Lasch:

Estas mudanças, que são inseparáveis do desenvolvimento total da indústria moderna, vêm tornando cada vez mais difícil para os filhos formar identificações psicológicas fortes com seus pais. a invasão da família pela indústria, pelos meios de comunicação de massa e pelos agentes da paternidade socializada alterou sutilmente a qualidade da ligação pais - filhos. (Lasch, 1983, p. 210).

Tais mudanças na tarefa de educação dos filhos são indissociáveis da indústria moderna e dos meios de comunicação em massa, o que reforça a dependência da mãe americana aos especialistas e o seguimento às orientações dadas por estes como a obediência a um manual, sem desenvolver empatia com os filhos. Por outro lado, à medida em que a criança começa a perceber que a mãe falha, que não é perfeita, começa a desenvolver muitas de suas funções, cuidando de si própria.

A relação moderna entre o narcisismo do sujeito e a ausência paterna é um fenômeno que se apresenta na sociedade dos Estados Unidos e que, por sua vez, estende-se mundialmente, haja vista que "à medida que o mundo dos negócios, o trabalho e a política tornam-se cada vez mais ameaçadores, a família tenta criar para si uma ilha de segurança em meio à desordem que a cerca" (Lasch, 1983, p. 213).

De acordo com o referido autor, as mães ao atenderem prontamente às demandas dos infantes, produzem no inconsciente dos mesmos, fantasias de onipotência infantil. Portanto, constata-se que a atitude materna de ser superprotetora, aliada à ausência do pai prejudica as relações entre mãe e filho. "A mãe americana é uma genitora ausente, pois especialistas externos tiraram dela muitas de suas funções práticas." (Lasch, 1983, p. 216).

Para Adorno & Horkheimer (1973) a constatação que o pai não mais protege na sociedade *do capitalismo tardio* evidencia que "a instituição familiar é tão pouco temida quanto amada; não é combatida, mas é esquecida ou tolerada por parte dos que já não têm motivos nem energia para opor-lhe resistência." (1973, p. 144).

Na interação cultural entre indústria, escola e família, as duas primeiras fortalecem padrões educacionais iniciados pela última. Lasch (1983) transcreve o sentimento de

insegurança e culpa sentidos pelos pais na criação dos filhos pelo motivo de conviverem pouco com os mesmos.

A produção Industrial tira o pai de casa e diminui o papel que ele representa na vida consciente do filho. A mãe tenta suprir para o filho a perda do pai, mas ela, geralmente, tem tão pouca experiência prática de criação dos filhos, sente-se tão perdida para entender o que necessita o filho, e apoia-se tão fortemente em especialistas externos, que suas atenções deixam de proporcionar a seu filho uma sensação de segurança. (Lasch, 1983, p. 217).

O declínio da disciplina bem como da autoridade parental nas famílias da sociedade americana, evidencia-se a partir do exercício solitário da mãe no cumprimento das funções materna e paterna. Assim, no que se refere à "socialização" de funções parentais, há relações confusas e indefinidas, que "permitem que o jovem viva em uma sociedade permissiva organizada em torno dos prazeres do consumo." (Lasch, 1983, p. 219).

Desta forma, o aparelho psíquico da criança que regula a moral, o superego, passa a funcionar baseado em introjeções parentais e não por meio de identificações com as figuras dos mesmos, marcando o declínio do superego em uma sociedade permissiva. Por outro lado, Adorno & Horkheimer (1973), afirmam o declínio da disciplina na família moderna relacionando-o a condicionantes econômicos, tais como a transmissão da herança:

a propriedade hereditária constituía, por si só, um sólido motivo de obediência por parte dos herdeiros. Hoje, num mundo em que a capacidade técnica e a eficiência, diante de qualquer situação, começam a ser fatores decisivos para a sorte de cada indivíduo e quando a propriedade burguesa perdeu todo o conteúdo ou foi destruída num cada vez maior número de famílias, o conceito de herança foi esvaziado de sentido. (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 140).

A partir desta citação, verifica-se que a ideia de disciplina na família se dava em torno de ganhos futuros por parte dos filhos, por meio da herança transmitida de pai para filho. Desde o momento em que se percebe a instabilidade econômica da família, sua autoridade passa a se enfraquecer. (*Ibidem* 1973).

Em relação à psicodinâmica da vida familiar na atualidade, a sociedade e a indústria cultural, Lasch (1983) anuncia que, a sociedade reforça padrões de educação para a bondade e permissividade na educação pela publicidade e, cria demandas de consumo pela cultura de massa do hedonismo. Com relação à publicidade, o autor afirma:

Ela procura criar necessidades, não satisfazê-las, gerar novas ansiedades, em vez de atenuar antigas. Cercando o consumidor de imagens de boa vida e associando-as ao fascínio da celebridade e do sucesso, a cultura de massa encoraja o homem comum a

cultivar gostos extraordinários, a identificar-se com a minoria privilegiada contra os demais e juntar-se a ela, em suas fantasias, em uma vida de conforto e de refinamento sensual. (Lasch, 1983, p. 222).

A cultura de consumo no mundo moderno, por sua vez, integra o indivíduo à sociedade por meio da mídia, representada pela publicidade, que ocupa tarefa de socialização antes exercida pela família.

Existe uma correspondência imediata entre a rígida conservação artificial do *status quo* familiar e a dissolução da família; a própria irracionalidade da família converte-se em objeto do cálculo publicitário e da indústria da cultura, e nada poderá restaurar agora a fé ingênua em sua vigência absoluta (Adorno & Horkheimer, 1973, p. 142).

Com relação ao controle da disciplina em contexto escolar, a aparente permissividade por parte dos educadores esconde a imposição de um conjunto rígido de regras. Assim, as instituições e autoridades apresentam-se sob a forma de benevolentes com o intuito de disciplinar as crianças, incentivando os pais a enviarem seus filhos a especialistas para que recebam destes, orientações acerca da prática de limites. "Assim, os pais apoiam-se nos médicos, psiquiatras e nos próprios companheiros dos filhos, para impor regras sociais à criança e cuidar para que se adapte a elas" (Lasch, 1983, p. 223).

A sociedade não mais espera que as autoridades articulem um código de leis e de moralidade claramente racional e elaboradamente justificável; tampouco espera que o jovem interiorize os padrões morais da comunidade. Exige somente conformidade às convenções das relações cotidianas, sancionadas por definições psiquiátricas do comportamento normal. (Lasch, 1983, p. 227).

Para Lasch (1983), nos 50 do século XX houve crítica social aos valores da família tradicional efetuada pela ciência. Na década posterior, anos 60, estendeu-se a crítica ao exercício da autoridade pelos pais e, houve retomada pela sociedade de formas terapêuticas de controle social que desautorizam a autoridade, principalmente no lar.

1. 4 Educação, família moderna e indústria cultural

A educação admitida como Pedagogia Tradicional predominou no sistema de ensino brasileiro até a década de 1970, com ênfase tanto em âmbito escolar quanto em contexto familiar. Neste período, aproximadamente 50% das crianças na maioria dos países da América Latina viviam a margem do acesso escolar. Com vistas a solucionar o problema social da marginalização, adotou-se uma nova política de educação e, paulatinamente houve a transição

para a Pedagogia Nova, cuja influência foi direta nos modos de educação e disciplina nas famílias (Saviani, 1985).

Segundo o modelo da Pedagogia Tradicional, a educação pressupõe regras e papéis rigidamente definidos. Saviani na obra *Escola e Democracia* (1985), ressalta que este modelo educacional considera o papel do professor ou adulto como central na transmissão do conhecimento, podendo este adotar postura rígida e autoritária e, cabendo ao aluno assimilar passivamente o conteúdo ensinado. Apreende-se que a forte autoridade representada pelo professor subsidiava a autoridade dos pais em contexto familiar.

De acordo com Saviani (1985) no final do século XX observam-se mudanças nos parâmetros educacionais. A educação tradicional, por exemplo, foi substituída pela Pedagogia Nova e a rígida prática dos educadores foi sendo substituída por posturas maleáveis, bem como houve um abrandamento com relação à severidade com a qual os alunos eram tratados.

A Pedagogia Nova ou educação moderna ao enfatizar menos modelos de regras, deixa a cargo de cada educador decidir sua forma de agir segundo suas crenças e temperamentos. O professor assume o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento, assumindo o educando o novo papel central no processo educativo. O seu lugar, enquanto sujeito da aprendizagem, estende-se ao âmbito familiar, evidenciando que a flexibilidade na relação entre professor-aluno, reforça a dificuldade dos pais em se colocarem como figuras de autoridade diante do filho (*Ibidem*, 1985).

Simultaneamente às políticas educacionais que possibilitavam liberdade de expressão aos alunos, adotadas pelo sistema escolar, as famílias passaram a oferecer também maior liberdade de expressão aos filhos evidenciando-se a ampliação da permissividade na criação e educação dos mesmos.

A família entendida como a instituição socializadora da qual o indivíduo participa desde o nascimento, constitui o primeiro *locus* de formação cultural do sujeito, onde inicia sua educação. Observa-se que a transformação de sua organização estrutural ao longo da história, bem como a flexibilização dos papéis sociais desempenhados por seus membros foram consequências de adventos da modernidade.

A revolução tecnológica ocorrida no século XIX e desenvolvida ao longo do século XX em diante teve implicação direta na organização familiar burguesa tradicional. Com relação as crianças, por exemplo, Donzelot (1986) afirma que a técnica as transformou em pessoas, pois desenvolveram-se cuidados e proteções maiores em relação a elas. Deste modo, é possível apreender que transformações educacionais ocorridas na família se relacionam diretamente às esferas econômica, social e cultural.

Simões e Perez (2014) apresentam a transformação nos padrões de organização da família brasileira na contemporaneidade como decorrentes de fatores econômicos, sociais e culturais, tais como, maior participação das mulheres no mercado de trabalho, postergação da maternidade, redução das taxas de fecundidade e aumento da escolaridade.

Fator determinante social e cultural cuja influência é direta na família refere-se à mídia, cujo papel ideológico contribui historicamente para a manutenção de determinadas conformações familiares. Enquanto expressão tecnológica da indústria cultural, a mídia objetiva a formação de subjetividades e identidades ao estabelecer relações com a educação familiar na contemporaneidade.

Levando-se em consideração os interesses da indústria burguesa no mundo moderno, apoiada por sua criação de Estado moderno:

[...]a burguesia, a partir do estabelecimento da grande indústria e do mercado mundial, conquistou, finalmente, a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno. O governo moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa (MARX, 1987, p. 78).

O primeiro tem por objetivo definir os papéis sociais a serem desenvolvidos pelos membros familiares em função de seus interesses enquanto mantenedores do sistema, o segundo, busca determinar e produzir desejos em relação aos padrões de consumo e de comportamentos impostos, pois, a meta específica se encontra voltada aos interesses do mercado (Adorno & Horkheimer, 1985).

Gramsci amplia e defende sua tese sobre teoria do Estado e diz:

A unidade histórica das classes dirigentes acontece no Estado e a história delas é, essencialmente, a história do Estado e dos grupos de Estado. Mas não se deve acreditar que tal unidade seja puramente jurídica e política, ainda que também esta forma de unidade tenha sua importância, e não somente forma: a unidade histórica fundamental, por seu caráter concreto, é resultado das relações orgânicas entre Estado ou sociedade política e “sociedade civil” (GRAMSCI, 2002, p. 139).

Entende-se tendo como fundamento a citação de Marx (1983) que a mídia constitui mecanismo de manipulação da subjetividade do sujeito. Em geral, grande parte dos indivíduos não consegue perceber as articulações engendradas por esta com a finalidade de venda direcionada de artefatos culturais. (Adorno & Horkheimer, 1985).

Por meio de mensagens ocultas e subliminares que não exigem esforço intelectual, a indústria impulsiona o consumo de produtos e ideias pré-fabricadas em nome de um ideal de felicidade. Ainda hoje, percebe-se que os indivíduos possuem uma noção ideologizada de

família e de mídia, a primeira que é uma instituição natural e universal, a segunda, um veículo de comunicação neutro.

Para Gramsci a supremacia da classe dominante, como também, o avanço do capitalismo não deve sua existência enquanto aparato de coerção mera e simplesmente a partir da institucionalização do Estado, mas, sim, que consegue manter seu poder diante de uma complexa rede de instituições e organismos o qual pertencem essencialmente a sociedade civil, esta organiza sua própria unidade como fundamento no consenso das classes subalternas, isto, com a finalidade de reprodução do sistema de dominação.

Gramsci (2002) adverte que a existência do sufrágio universal, bem como, de partido de massas, sindicatos dos trabalhadores e outras diversas instituições de meio, incluindo a escola a igreja e etc..., são modelos que promulgam o tão complexo é a sociedade civil capitalista, especialmente a do ocidente, as quais formam um intrincado e prolixo campo de relações sociais em que o avanço de forças produtivas vão se estruturando. Portanto, há de se admitir que a supremacia jamais é orquestrada de forma ingênua, com a disposição dos aparatos repressivos do Estado, pois, se manifesta, por vezes, de forma que possam exceder os extremidade do Estado, i.e., no sentido circunscrito, com o objetivo de abranger o conjugado da sociedade civil.

Com a adoção da perspectiva crítica, pode-se problematizar as ideologias e compreender que a família, o Estado e a mídia em geral, são aparelhos ideológicos que servem ao Estado burguês representativo moderno, não se limitando em ser o comitê da burguesia. Neste sentido Marx diz:

Pois, o conceito de ideologia aqui adotado parte da teoria de Marx lecionada por Chauí:

[...] o sistema ordenado de idéias ou representações e das normas e regras como algo separado e independente das condições materiais, visto que seus produtores – os teóricos, os ideólogos, os intelectuais – não estão diretamente vinculados à produção material das condições de existência. E, sem perceber, exprimem essa desvinculação ou separação através de suas idéias. Ou seja: as idéias aparecem como produzidas somente pelo pensamento, porque os seus pensadores estão distanciados da produção material. Assim, em lugar de aparecer que os pensadores estão distanciados do mundo material e por isso suas idéias revelam tal separação, o que aparece é que as idéias é que estilo separado do mundo e o explicam. As idéias não aparecem como produtos do pensamento de homens determinados – aqueles que estão fora da produção material direta – mas como entidades autônomas descobertas por tais homens. (CHAUÍ, 1994, p. 65).

Salienta-se que a relação ideologia e família auxiliadas pela comunicação e estratégias de marketing produzem um fenômeno estratégico de marketing muito frequente na atualidade, pois, atribuem em harmonia com a mídia em geral, a ideologia às pessoas. Por exemplo, Gisele Bündchen, modelo de nacionalidade brasileira se tornou um símbolo de sensualidade, portanto,

uma ideologia para toda uma geração. Assim sendo, m grupo distinto circunspeto por publicitários e pessoas influentes na mídia internacional criam uma ideia, um modelo do que é sensualidade e difundem por meio da mídia fazendo com que esta se torne um desejo, uma ideia internacional, universal. Fato admissível tendo em vista uma outra teoria, a de opinião pública, na qual a mídia coloca em pauta e define os assuntos que serão disseminados, impostos, impressos, ao público em geral.

A partir da investigação das determinações familiares compreende-se que os papéis sociais desempenhados por seus membros ficam implícitos no processo de constituição de determinantes econômicos, políticos e sociais. A partir do entendimento da lógica perversa da indústria cultural, compreende-se que a família se desenvolve sistemática e ideologicamente ao reproduzir padrões veiculados pela mídia.

Sobre os conceitos de pseudoeducação, indústria cultural e sua influência na sociedade brasileira, Freitag (1987) afirma que a mídia seduz mais facilmente os telespectadores nos países de terceiro mundo.

A virulência da indústria cultural é maior em países do capitalismo periférico pelo simples fato de a população estar menos preparada, menos protegida em face das incansáveis investidas da moderna indústria cultural, por ser menos culta, menos crítica. Como o nível educacional das massas nessas sociedades é muito inferior à média da população dos países desenvolvidos, o trabalho de persuasão e sedução das massas é muito mais fácil. (Freitag, 1987, p. 74).

Freitag (1987) afirma que no período de vinte anos em que ocorreu o regime militar institucionalizado enquanto governo no Brasil, foi desenvolvida uma política de antieducação, a negação da educação. Devido à demanda Estatal, por razões políticas e de "segurança nacional", a massificação do ensino implicou na deterioração da qualidade da educação no Brasil. Em consequência disso, os níveis de exigência de qualidade do ensino tradicional, que na época tinham atingido apreciáveis padrões de excelência, com a Educação Nova (1930) e LDB 4.024 (1961), foram abandonados.

O senso crítico das pessoas foi destruído ou impedido de se desenvolver, para isso, fez-se uso tanto de aparelhos repressivos quanto ideológicos pelo Estado, tais como a censura, a intervenção nas universidades e o fechamento de escolas. Naquele período, os princípios de autoritarismo, hierarquização, denúncia e medo bloquearam quaisquer tentativas de autonomia, de humanização e, de liberação no contexto educacional.

Os meios de comunicação de massa contribuíram significativamente para a manutenção da ditadura. Apesar de existirem algumas publicações críticas, grande parte da indústria cultural

aderiu aos interesses do Estado autoritário, entrando em seu discurso e colaborando com ele, como por exemplo, as empresas de ensino particular.

A relação entre a educação e a indústria cultural durante o período militar não se concentrou meramente em veiculações fortuitas de comerciais de televisão, rádio, jornais e revistas. O discurso ideológico da divulgação e controle do saber efetuou ao nível econômico dos grandes negócios, a partir dos quais as grandes empresas patrocinadoras se lançavam como mercadorias, oferecendo cursos de baixa qualidade aos telespectadores. Contribuíam, assim, para uma formação pouco séria, cujo efeito prático-cultural apenas fez reforçar a semicultura (Freitag, 1987).

Implicitamente e explicitamente, os meios de comunicação de massa com seu enorme poder de persuasão, atuavam como formadores de consciências e personalidades, como agentes socializadores secundários. Desta forma, atuavam por exemplo, articulando para que as pessoas se preocupassem mais com a novela das oito do que com as condições de trabalho, com a repressão política, com a alienação cultural e com a indiferença social em que viviam.

Pode-se dizer que no período da Velha República, concretizou-se no Brasil os temores exteriorizados por Adorno e Horkheimer em seus inúmeros artigos críticos a respeito da indústria cultural da unidimensionalização e proliferação do homem alienado e semiculto. Freitag (1987) afirma sobre o crescente nicho mercadológico da literatura de autoajuda voltada aos pais desde a época da militarização no Brasil que:

O produto (original ou reproduzido) da indústria cultural visa, em suma, entorpecer e cegar os homens da moderna sociedade de massa, ocupar e preencher o espaço vazio deixado para o lazer, para que não percebam a irracionalidade e injustiça do sistema capitalista, no qual estão inseridos como marionetes, atuando no interesse da perpetuação *ad infinitum* das relações de produção alienantes e exploradoras. A indústria cultural preenche assim sua função por excelência, de seduzir as massas para o consumo, para que esqueçam a exploração que estão sofrendo nas relações de produção (Freitag, 1987, p. 57).

Freitag (1987) e, também, Coelho (1981) adotam a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt para embasarem seus estudos sobre a indústria cultural no Brasil. Coelho (1981) situa o surgimento deste tipo de indústria em território nacional a partir da década de 30 do século XX e, seu desenvolvimento a partir da década de 50, período em que ocorreu uma Industrialização acelerada e ampliação da classe média.

Um traço específico desta indústria no Brasil consiste na inexistência de um conflito, propriamente dito, entre a cultura superior, da elite e, a cultura de massa. A partir deste traço,

pode-se constatar a grande aderência social a valores veiculados pela cultura de massa, como afirma Coelho:

A indústria cultural no Brasil apresenta-se marcada pelos traços mais evidentes e grotescos do capitalismo em particular e do capitalismo em geral. [...] Como norma, todas as preocupações culturais se guiam pela preocupação maior, que é *vender alguma coisa*. Para vender, é necessário criar e manter o hábito de consumir. E para que este sobreviva, é necessário embotar a capacidade crítica, em todos os seus domínios (Coelho, 1981, p. 86).

O caráter de homogeneização da massa é um dos objetivos da indústria cultural, todavia, não é o que se evidencia no Brasil na década de 80 do século XX. Nesta época, a aguda desigualdade social existente no país impedia dizer que havia uma sociedade de consumo, pois o território nacional encontrava-se dividido em locais onde havia "bolsões de consumo". Estes referiam-se às regiões Sul e Sudeste, por outro lado, em outras áreas evidenciava-se subconsumo ou uma condição inferior a esta, tais como o Norte e o Nordeste do país (Coelho, 1981).

Em relação às perspectivas da indústria cultural no Brasil, o referido autor apresenta-se com visão pessimista quanto à emancipação dos indivíduos, apontando que o maior problema desta indústria são os receptores das informações, que não as questionam, aceitando passivamente o que é imposto. Aponta como único caminho à emancipação, o investimento maciço em educação no país. "A saída está na organização ou reorganização da vida privada e não na alienação dessa vida na massa ou no coletivo" (Coelho, 1981, p. 104).

Assim, Coelho (1981) reitera o pensamento de Freitag (1987) e defende a necessidade de criar condições de existência de uma consciência individual realmente autônoma, para que os telespectadores não aceitem passivamente as informações veiculadas pelos meios de comunicação. Coelho (1981) localiza o indivíduo e o desenvolvimento da personalidade como marginalizados no processo de desenvolvimento do capitalismo, produtor da reificação e alienação das pessoas.

A partir de seus estudos, Coelho (1981) afirma que a cultura de massa surge na Europa e se estende ao Brasil a partir dos primeiros jornais e romances de folhetim. O surgimento do teatro de revista, forma simplificada e massificada do teatro e, o cartaz, massificação da pintura, aliados à televisão e aos jornais, formariam um sistema de comunicação que situa o aparecimento da cultura de massa na segunda metade do século XIX na Europa. Todavia, o ápice deste tipo de cultura é atingido somente com a invenção da televisão, meio de comunicação mais expressivo e, produto típico da cultura de massa.

De acordo com Coelho (1981), pode-se falar do surgimento do conceito de indústria cultural relacionado ao contexto da Revolução Industrial, da existência de uma economia de mercado e de uma sociedade de consumo, verificada apenas na segunda metade do século XIX. Desta forma, aponta que o surgimento da indústria cultural, dos meios de comunicação de massa e da cultura de massa são fenômenos da Industrialização.

Neste panorama, a cultura é produzida em série, de forma Industrializada, e evidenciam-se dois processos, a reificação⁷ ou coisificação dos homens, bem como sua alienação, enquanto consumidores (Coelho, 1981).

Pode-se entender que o Brasil entrou na modernidade a partir de sua inserção no mundo da televisão com a estreia do Jornal Nacional, mas esta tese não se sustenta, pois, a modernidade resulta de um complexo círculo de fatores, externos e internos. Dizer que para os brasileiros a televisão significou um salto para a modernidade significa dizer que este posicionamento possui um alto valor, sendo sabido que as notícias, midiáticas indicam e informam que o país frequentemente até os dias atuais, século XXI, não é classificado nem mesmo como país subdesenvolvido, mas sim, como país não desenvolvido ou atrasado.

O que se pode admitir é que no Brasil a televisão teve e mantém sua importância na construção da identidade nacional, haja vista que esta atua como componente fundamental para a formação de um "laço social", fato que se mantém a partir de um ideal. De um modo geral, o cidadão brasileiro assiste o que está na televisão como sendo uma extensão de sua própria vida, ou seja, como tendo uma oportunidade para se sentir parte de uma realidade concreta maior, i.e., um campo no qual as ocorrências de fato importantes de sua própria vida realmente acontece.

Dando continuidade ao raciocínio Bucci (1997) diz que a vida dos brasileiros é conduzida a partir dos limites da televisão. O que se pode admitir é que a televisão agrega, integra, o Brasil ao nível do imaginário, ao país real das desigualdades sociais, geográficas e culturais, mas não, que o Brasil se modernizou, se educou ou se educa por intermédio da televisão, esta significa apenas um instrumento da indústria cultural.

⁷ Reificação termo tratado inicialmente pela Escola de Frankfurt, em alemão *Verdinglichung*, literalmente: "transformar uma ideia em uma coisa" (do latim res: "coisa"; ou *Versachlichung*, que de forma literal significa, objetificação, i. e., uma intervenção intelectual a qual versa em modificar conceitos abstratos em fatos concretos ou em objetos. Marx administra o conceito de Reificação como sendo uma forma particular de alienação, esta é uma das características do modo de produção capitalista. Assim sendo, possui a ideia e prática concreta de coisificação das relações sociais, de forma que a própria natureza da coisa seja expressada transversalmente de relações como objetos de troca.

2. A Disciplina na Educação Familiar

Para discutir as concepções de disciplina, apoiada em limites na educação familiar, se faz necessário desenvolver análise das práticas educativas dos pais para com os filhos, bem como enfatizar a importância desta para a formação moral dos sujeitos.

Sendo a Psicologia uma ciência que desde sua origem esteve ligada à educação e, principalmente a partir do século XX vêm oferecendo subsídios à Pedagogia no que diz respeito aos processos educativos e de socialização da criança, serão apresentados estudos contemporâneos que abordam o tema do desenvolvimento moral e do conceito de disciplina a partir de perspectivas psicológicas distintas, tais como sócio-histórica por Rego (1996) e Aquino (1996), construtivista por Araújo (1996) e psicanalítica por Lajonquière (1996).

O conceito de formação moral humana relaciona-se à disciplina na educação e é abordado pela visão sociológica desenvolvida por Durkheim (1984), abordagens filosóficas por, Kant (1996) e Rousseau (1995), sócio-cultural por Vygotsky (1991) e, construtivista por Piaget (1996).

No que diz respeito ao conceito de família, este, parte de uma perspectiva histórico-social, pois a organização familiar é analisada como base material da sociedade, portanto, considera-se que as transformações sociais contribuem para as determinações familiares frente ao propósito de cumprimento de sua função, que consiste na formação psíquica, social e moral dos indivíduos.

Tendo-se em vista que o desenvolvimento do indivíduo da família e da sociedade não se processam de forma linear na história, o método dialético, fundamentado no princípio da tese, antítese e síntese, será utilizado para a compreensão dos conflitos e tensões inerentes aos contextos social, político e econômico.

2.1 Conceito de disciplina

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), a definição de disciplina consiste em:

O termo disciplina vem do «lat[im] *disciplīna,ae*, "ação de se instruir, educação, ciência, disciplina, ordem, sistema, princípios de moral", cog[nato] de *discipulus*». Significa, como diacronismo antigo, «ensino e educação que um discípulo recebia do mestre» ou «obediência às regras e aos superiores». Trata-se, ainda, de «regulamento sobre a conduta dos diversos membros de uma coletividade, imposto ou aceito democraticamente, que tem por finalidade o bem-estar dos membros e o bom andamento dos trabalhos». Por extensão de sentido, é «obediência a regras de cunho interior; firmeza, constância». (Houaiss, 2009, s/p).

O termo disciplina se encontra articulado nas áreas de Psicologia e Filosofia, como "função negativa ou coercitiva de uma regra ou de um conjunto de regras, que impede a transgressão à regra". Pela perspectiva filosófica kantiana, entende-se que esta categoria trata de "coerção graças à qual a tendência constante a transgredir certas regras é limitada e, por fim, destruída" (Abbagnano, 2007, p. 300).

Como se pode constatar, desde sua origem histórica o termo disciplina caracteriza-se pelo fato de estabelecer limites e possibilitar maior nível de obediência dos sujeitos. Assim sendo, apresenta-se como de fundamental importância para a área da aprendizagem e do convívio social.

Sua instrução em contexto familiar possibilita a formação moral do indivíduo, bem como, sua aplicação em contexto escolar possibilita a aprendizagem do conteúdo pedagógico. A partir deste pressuposto, o conceito de disciplina pode ser abordado por diversas perspectivas psicológicas, bem como por concepções interdisciplinares em diferentes contextos educacionais.

Rego (1996) aponta que uma tendência amplamente difundida no campo da educação consiste em associar a disciplina à tirania, como algo negativo e opressor, vez que qualquer tentativa de normatização e definição de diretrizes é vista como autoritária, deformadora ou restritiva, pois, considera-se ameaça ao espírito democrático e à liberdade de crianças e adolescentes. Neste caso, a indisciplina pode ser vista como uma virtude, vez que a ousadia desafia os padrões vigentes, se opondo à tirania presente no cotidiano escolar.

Na concepção da perspectiva histórico-cultural, a disciplina é concebida como sendo uma virtude construída socialmente por intermédio da cultura, esta intermediada pelas relações interpessoais e, que deve ser objetivo a ser trabalhado e alcançado na escola, sendo vista como resultado da prática educativa (Rego, 1996).

Por outro lado, sob a perspectiva histórico-crítica, Donatelli (2004) investiga o desenvolvimento do conceito de disciplina, encontrando-se sua gênese relacionada ao contexto social e econômico de surgimento da escola e do trabalho fabril. No período da Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX, a disciplinarização dos jovens esteve relacionada à necessidade de formação da nova população urbana para lidar com as máquinas e o seu manuseio.

La Taille (1996) apresenta indiretamente o conceito de disciplina a partir da contraposição entre a concepção psicogenética que analisa o sentimento de vergonha vivenciado pelo sujeito em formação em relação a sociedade contemporânea que supervaloriza aspectos tais como "o sucesso na vida, dinheiro, etc" (La Taille, 1996, p. 19) e a concepção

psicanalítica de Freud acerca do sentimento de culpa, este considerado conceito central na compreensão da estruturação psíquica do superego.

Os termos vergonha e culpa associam-se à moralidade, o primeiro tem origem na exposição ao juízo alheio e é de controle externo ao indivíduo, o segundo é de controle interno. Disciplina e moral, portanto, aproximam-se ao considerarem a relação do indivíduo com um conjunto de normas (La Taille, 1996). A disciplina encontra-se atrelada aos limites à medida em que respeita o eu e o outro existente e, reconhece a posição que cada um ocupa e até onde cada um pode avançar. Socialmente, os limites levam o sujeito a reconhecer seus direitos e deveres em relação ao outro e em relação a si mesmo (*Ibidem*, 1996).

Em outra obra, La Taille (2003) assinala que o frequente fenômeno indisciplinar ou da "falta de limites" se manifesta nos comportamentos de crianças que desrespeitam regras sociais e ao outro. Considerando-se que é na família que surgem as primeiras regras disciplinadoras e ocorre a formação moral, faz-se necessário analisar a questão da educação de filhos nas famílias modernas, tendo em vista que, tanto na família quanto na escola, a indisciplina constitui obstáculo para a aprendizagem.

Araújo (1996) a partir dos fundamentos teóricos da epistemologia genética, apresenta o conceito de indisciplina como desrespeito às regras estabelecidas, bem como a importância do respeito às mesmas para o desenvolvimento da moralidade. Assim, baseando-se no referido conceito de indisciplina, explana os estágios de desenvolvimento moral ou apreensão das regras sociais, pelos quais a criança passa, sendo estes a anomia, a heteronomia e a autonomia.

O primeiro estágio corresponde à não compreensão das regras de convívio social, conseqüentemente, na desorganização social. O segundo estágio, a heteronomia, consiste na obediência às regras mediante ordens externas. No estágio posterior, isto é, a autonomia, há internalização e compreensão das regras pelo próprio indivíduo (*Ibidem*, 1996).

Mediante tais categorias, Araújo (1996) aponta caminhos para sanar o problema da indisciplina em sala de aula por meio da democratização das escolas. Assim, sugere posturas educacionais aos docentes para que desenvolvam práticas pedagógicas e relações de cooperação que contribuam para a evolução moral dos alunos, de modo que estes alcancem o respeito mútuo, a integração entre juízo e ação moral e, conseqüentemente, o último estágio da apreensão de regras.

Lajonquière (1996) aborda os problemas de aprendizagem e sua relação com a indisciplina. Para isso, apresenta estudo psicanalítico e histórico sobre as medidas disciplinares na educação infantil e a concepção de infância, enfatizando as características predominantes na atualidade, decorrentes da Modernidade.

Segundo Freud (1969) o lugar central ocupado pelas crianças nas famílias atuais é expresso pelo viés psicanalítico pela *eleição do objeto narcisista*, por meio do qual pode-se compreender a ideia das crianças como seres amados, pois, correspondem a um depósito de expectativas e idealizações dos adultos. Esta posição estende-se para além da família aos campos pedagógico e educacional.

Desta forma, de acordo com Freud (1969), Lajonquière (1996) afirma que a indisciplina presente no cotidiano escolar pode ser compreendida em sua estrutura, a partir da análise dos discursos pedagógicos hegemônicos. Tais discursos evidenciam o problema da indisciplina escolar como aspecto de uma realidade psicológica individual e consideram como objetivo primordial da escola o desenvolvimento de um aluno ideal, não o desenvolvimento das potencialidades da criança real.

Por conseguinte, como contribuição psicanalítica aos processos educativos, o autor propõe a reinvenção do cotidiano escolar a partir da prática docente, que deve apoiar-se na oferta de cultura aos discentes, na reflexão sobre as práticas pedagógicas e na contestação de fenômenos como a psicologização e a patologização de comportamentos inerentes ao contexto escolar como a indisciplina e as dificuldades de aprendizagem (Lajonquiere, 1996).

No presente estudo faz-se necessário ressaltar que, na contemporaneidade, é frequente a ação dos pais ou familiares que incumbem à escola a tarefa de educar seus filhos e, por isso, faz-se necessário mencionar o fenômeno da indisciplina para além do âmbito familiar. Aquino (1996) a partir da perspectiva sócio-histórica, apóia-se em condicionantes culturais para analisar e garantir legitimidade ao fenômeno da indisciplina escolar. Pela perspectiva psicológica, o mesmo autor aponta de forma negativa a extensão das relações educativas familiares na escola (Aquino, 1996).

Segundo Aquino sob a perspectiva sócio-histórica, é fundamental conhecer as transformações políticas, históricas e suas consequências na instituição escolar para compreender o conceito de autoritarismo, estruturante da escola tradicional. Neste sentido, o fenômeno da indisciplina é analisado como um conflito salutar entre forças sociais opostas, o novo aluno e a escola tradicional, o que se traduz em um embate entre o surgimento de um novo sujeito aluno, questionador e reflexivo, inserido numa escola enquadrada nos princípios disciplinares antigos (Aquino, 1996).

A análise pelo viés psicológico compreende que a carência estrutural do aluno decorre de transformações familiares que implicam na interioridade psíquica do aluno. Assim, o conceito de autoridade torna-se central para abranger a infraestrutura psicológica moral precedente no indivíduo e, que se encontra vinculada ao trabalho pedagógico (*Ibidem*, 1996).

Sartório (2006) apresenta na investigação *Relações entre educação familiar, indisciplina na escola e desenvolvimento moral em adolescentes*, um estudo a partir das perspectivas construtivista e histórico-social, em que investiga a indisciplina de adolescentes a partir de queixas escolares.

Após apresentar definições sobre limites, disciplina e indisciplina encontradas no dicionário *Aurélio* (1910-1989), a autora por meio de entrevistas realizadas com mães e professoras acerca do comportamento dos filhos e alunos, apresenta a relação existente entre educação familiar e indisciplina no contexto escolar (Sartório, 2006).

A autora, em anuência com os pensadores da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, se sobressai ao propor que o problema da indisciplina, de certa forma, é individual e que, quando não tratado no sentido da reversão das ações indisciplinadas, ultrapassa limites e, inevitavelmente alcança a sociedade (*Ibidem*, 2006).

Rego (1996) enfoca a noção de disciplina e dos pressupostos subjacentes às ideias de indisciplina no meio educacional. Assim, apresenta-os como sendo históricos, sociais e culturais, num processo dinâmico de formação. A autora estabelece ainda uma crítica às tendências predominantes no campo da educação, que consideram a indisciplina como comportamentos pré-determinados e imutáveis.

Tais concepções educacionais culpabilizam o aluno indisciplinado bem como a sua família, desconsiderando as inúmeras influências culturais, das aprendizagens e das experiências educativas nos diversos contextos socializadores para o desenvolvimento humano, como a escola (*Ibidem*, 1996).

Os limites na educação dos filhos se aproximam do conceito de disciplina na educação dos mesmos na medida em que contribuem para a formação moral dos sujeitos. La Taille (2002, 2003) propõe a interlocução entre a perspectiva da epistemologia genética e contribuições filosóficas e psicanalíticas para definir limites, considerando-se três dimensões.

A primeira definição consiste no limite como fronteira a ser atravessada para a superação de habilidades pessoais, em direção à maturidade, à construção da autoestima e desenvolvimento individual. Nesta, a educação deve servir para ajudar a criança a identificar os seus próprios limites, motivando-a e instrumentalizando-a com o objetivo de superá-los. Como exemplo, La Taille (2002, 2003) cita as sucessivas quedas que a criança deve sofrer até conseguir dar seus primeiros passos sozinha, de forma autônoma.

A segunda dimensão, o limite restritivo, é utilizado para se referir às normas e regras de educação no âmbito cognitivo e moral da aprendizagem, que fornecem à criança a ideia do

proibido e do permitido. Esta abordagem sobre os limites trata-se das restrições à liberdade individual em nome do bem-estar comunitário e dos valores morais (La Taille, 2002).

Por sua vez, esta dimensão é enfatizada na obra *Limites: três dimensões educacionais* (2003) e abordada na condução da disciplina como sendo fundamental para o processo da educação e civilização da criança. Tendo em vista que "a ausência total dessa prática pode gerar uma crise de valores, uma volta a um estado selvagem em que vale a lei do mais forte." (La Taille, 2003, p. 53).

A terceira concepção sobre os limites, não menos importante do que as anteriores para o alcance da autonomia, refere-se ao desenvolvimento das noções de segredo, intimidade e privacidade pela criança, no sentido que ela esteja consciente e apta a preservar sua intimidade para autodefesa. Considerando-se a época atual de exacerbada exposição da imagem, por exemplo, por meio das redes sociais, diversos fatores fazem com que "as "fronteiras da intimidade" sejam invadidas ou até mesmo abertas pela própria pessoa que as deveria proteger" (La Taille, 2003, p. 116).

Ao discutir as posturas adotadas pelos pais na educação familiar, La Taille (2002) percebe a indisciplina dos jovens na contemporaneidade como reflexo da crise moral da sociedade e, defende que os limites devem ser ensinados aos filhos por meio da educação moral. Esta, deve basear-se em exemplos enunciados pelos adultos às crianças e jovens por meio de ações morais. Desta forma, instruir limites transversalmente aos processos educativos objetiva a inserção cultural e social dos filhos.

Pela perspectiva psicanalítica, Araújo (2002) afirma que educar significa ajudar a criança na construção de um posicionamento crítico e ético diante da própria família, das informações veiculadas pelos meios de comunicação, da escola e de todas as instituições que fazem parte da vida em sociedade. Portanto, os limites aparecem como fundamentais para a formação de um indivíduo autônomo e emancipado.

2.2 Concepções acerca da formação moral e da disciplina

Piaget (1994) apresenta contribuições à compreensão dos processos educativos e à discussão sobre o papel da disciplina na educação a partir do século XX. Aspectos filosóficos e sociológicos da moralidade que sustentam sua perspectiva psicogenética são oriundos das interlocuções com as concepções de Rousseau, Kant e Durkheim. No que se refere à relação entre criança e educação, para Piaget (1996) esta deve resguardar a liberdade e autonomia infantil como forma de assegurar o desenvolvimento de potenciais naturais para a inteligência.

Rousseau (1995) estabelece fundamentos da moral, tais como autonomia, liberdade, racionalidade e reciprocidade. Ressalta ainda a postura adequada a ser adotada pelo educador, especificamente pelos pais, encontrando-se esta no equilíbrio entre as posturas de negligência e autoritarismo. Para este autor, assim como para Kant, as ações morais devem se manter em constante harmonia com a razão, base da autonomia e heteronômia necessárias para o convívio coeso em sociedade.

No ensaio pedagógico *Emílio ou Da educação* (1995), o autor refere-se indiretamente à obra *Contrato Social* (1973), ambas de sua autoria, com a intenção de esclarecer o porquê da vontade enquanto instrutora do sujeito e, de levar a criança à construção das noções das normas e regras básicas para que o cidadão possa se inserir na sociedade de forma racional, com autonomia e, conseqüentemente, com liberdade e reciprocidade.

Tomei portanto o partido de me dar um aluno imaginário, de supor a idade, a saúde, os conhecimentos e todos os talentos convenientes para trabalhar na sua educação, conduzi-la desde o momento de seu nascimento até aquele em que, homem feito, não terá mais necessidade de outro guia senão ele próprio. (Rousseau, 1995, p. 27).

A pedagogia contida no contrato visa instruir. Assim, Rousseau, personificado como o mestre, instrui-se a partir dela, como também instrui seu aluno imaginário Emílio como emblemático do processo de formação dos cidadãos para a nova ordem civil livre e solidária. Levando-se em consideração as transformações necessárias para a superação da desigualdade e da dominação típicas da Idade Média, Rousseau propõe uma educação apoiada na autodisciplina, ética e na autonomia a ser desenvolvida de modo que instrua e permita ao indivíduo se tornar independente (Rousseau, 1973).

O deslocamento de pensamento feito por Rousseau é compreensível ao se analisar a síntese de seu pensamento pedagógico combinada à defesa do homem no estado natural, o bom selvagem. Assim, o autor faz alusão ao contrato social na obra *Emílio* como meio pelo qual se estabelecem direitos e garantias individuais, possibilitando restaurar uma aceitável convivência entre os homens, um estado de sociabilidade.

A disposição de Rousseau se encontra em consonância com Kant, quanto às reflexões sobre a necessidade da educação para a autonomia moral. Tais princípios ainda se constituem como referência para a formação do indivíduo na sociedade atual, esta assinalada pelos avanços da ciência e tecnologia, entre outros adventos da modernidade. Quanto a esses princípios, Kant diz:

[...] e Rousseau não estava enganado ao preferir o estado dos selvagens, ao se deixar de lado o último estágio que a nossa espécie tem ainda de subir. Estamos cultivados em alto grau pela arte e pela ciência. Somos civilizados até o excesso, em toda a classe de maneiras e de respeitabilidades sociais. Mas falta ainda muito para nos considerarmos já moralizados (Kant, 1990, p. 32).

A liberdade assume posição central na teoria moral de Kant, haja vista que, para ele, a moralidade sugere o respeito ao princípio subentendido da lei e não meramente ao ato de seguir e obedecer às regras impostas socialmente. O conceito de disciplina em sua teoria pode ser apreendido *a priori* do controle social, pois, primeiro deve ser desenvolvido no indivíduo ético, livre e autônomo (Kant, 1996).

Para Kant (1996) a educação moral se processa sobre os princípios da disciplina e da instrução. Enquanto que o primeiro coage e impõe regras para a conduta, o segundo cultiva habilidades e conhecimentos fundamentais para a autonomia moral. Assim, os conceitos de disciplina e moral estão intimamente ligados ao se admitirem na perspectiva da educação.

Se, em Piaget, a noção de disciplina remete às concepções de autonomia e liberdade apregoadas por Rousseau e Kant, a sua perspectiva de construção das noções de regras se direciona ao pensamento de Durkheim. Para o sociólogo Durkheim (1984), o homem é um ser fundamentalmente social.

Sob o mencionado ponto de vista, à criança deve-se ensinar noções de autoridade e disciplina moral, tendo em vista que a ação moral se baseia no agir em conformidade com o ideal do bem coletivo, sendo a disciplina relevante para a garantia da manutenção do organismo individual e social. Para Durkheim, o espírito de disciplina, consiste no principal elemento da moralidade (Durkheim, 1984).

Com relação a autodisciplina Piaget (1994) prioriza a atividade espontânea e a autonomia do sujeito. Portanto entende como Durkheim que a moral passa a ser introduzida no sujeito a partir das relações sociais, as quais objetivam o desenvolvimento racional da autonomia e das noções de regra e justiça. Assim sendo, sob seus estudos a organização da vida social por meio de regras sociais coletivas funda o processo de moralidade no sujeito.

Piaget (1994) afirma que o número de regularidades externas as quais as crianças possam se encontrar subordinadas e que se iniciam a partir do nascimento como, p ex, o sono, a alimentação e o ato de se banhar, estão relacionados a certos identificadores de coações morais as quais elas mesmas codificam e assimilam caracterizando-as como regras e elemento constituinte, que a partir de então passam a reger seus comportamentos sociais no dia-a-dia.

Por conseguinte, há de se concluir que o teórico defende que se a heteronomia segundo a concepção durkheimiana consegue explicar didaticamente a origem da noção de regra, então

o juízo moral não pode ser admitido na ausência do princípio fundamental da autonomia como idealizado por Kant.

Com relação à prática do jogo sob a concepção de Piaget de disciplina e moral Roure (2000, 2006) entende que:

[...] os dados colhidos junto às crianças permitem a Piaget distinguir quatro etapas na aquisição das normas. A primeira se refere às crianças com até dois anos de idade e se caracteriza por uma ação motora individual sobre os elementos do jogo, ação simples, de certa regularidade, mas ainda sem noção alguma de regras. A segunda etapa, que vai dos dois aos sete anos, consiste na atividade egocêntrica de imitação dos mais velhos, sem trocas ou aceitação das regras coletivas. Na terceira etapa, dos sete aos onze anos, já se observam um certo espírito de cooperação e a tentativa de uma normatização coletiva. Por fim, a criança acima dos onze ou doze anos já começa a se interessar pela regra em si, bem como pelo seu lugar no grupo e na organização do jogo (Roure, 2000, p. 28).

Piaget (1994) ensina que a admissão consciente por parte do sujeito com relação as regras se desenvolve a partir de três estágios os quais ele os distingue como comportamento social, a saber:

No primeiro ciclo, que se desenvolve até os quatro anos de idade, o modo predominante de regra se define como *motora*, esta consiste na inteligência motora pré-verbal, o qual resulta da reprodução e ritualização de costumes e planos de ação.

No segundo ciclo, o qual se desenvolve dos cinco aos nove anos, o método de regra é o *coercitivo*, assinalado pela atitude sagrada e imprescindível, bem como, pelo respeito de uma das partes.

Por fim, o terceiro ciclo, é o da *regra racional*, neste a criança desde os dez ou doze anos de idade começa a reverenciar a norma de forma convicta, exercendo-a de forma cooperativa, com atenção e respeito recíproco, de modo consciente e autônomo considerando as condições de seu exercício (Piaget, 1994, p. 16 - 82).

A constituição da ideia de código e desenvolvimento da consciência moral estão profundamente unidas aos ciclos tradicionais da evolução cognitiva. As características das estruturas mentais de cada ciclo psicogenético se ligam à dinâmica da relação social, a qual chega na distinção entre as duas noções de moral infantil, que são, a heterônoma e a autônoma, externa, originada de fora e a dada por si para si mesmo.

A primeira é conhecida pela anomia, ou seja, a ausência da noção de norma ou regra, ou seja, não há a concepção de uma organização moral definida. Nesta fase, a criança devido seu egocentrismo e imaturidade cognitiva, não consegue se integrar as regras coletivas. O próprio domínio da inteligência sensório-motora é de procedência externa, pois, são as pessoas e objetos que processam os sentimentos e condicionam a sua conduta. A etapa da anomia

sinaliza todo o ciclo sensório-motor, sendo superado ao passo que avançam as constituições cognitivas de operação. Neste sentido Roure (2000) leciona:

É a partir da ação sobre o mundo e das relações com o adulto que a tendência orgânica para a evolução e a equilibração possibilita aos poucos a tomada de consciência das relações funcionais e das regras de organização. De forma que, na transição entre o estágio pré-operacional e o operacional concreto, a criança se interessa pelas atividades coletivas e regradas. A obediência às normas e regras, tidas como soberanas, e à autoridade, atribuída normalmente aos adultos, caracteriza a moral heterônoma e as relações de coação (Roure, 2000, p. 29).

A etapa da heteronímia se desenvolve até por volta dos nove, dez anos de idade, mas mesmo estabelecendo um progresso de grande importância, se comparada à anomia do pensamento egocêntrico, não se pode dizer que seja menos irracional em seu princípio. Nesta fase as regras são admitidas como inalteráveis e sagradas, a criança não se percebe como capaz de dar ordens a si mesma.

A relação com as mencionadas regras é, contraditória, pois, independente de reconhecer a necessidade de obedecer tais regras a criança ainda não tem maturidade para apreendê-las, como, p. ex, o sentido de sua existência, fator que pode gerar uma espécie de obediência movida pela pressão externa, coerção, ou até mesmo uma tendência a não seguir a regra conforme os desejos pessoais.

No decorrer do desenvolvimento cognitivo a criança passa a corresponder com as regras de forma racional, pois, estas são compreendidas como resultado de acordos coletivos, o que passa então a ser considerada a fase da autonomia.

Com relação ao entendimento de Vygotsky no que se refere ao processo de construção dos conceitos e, desenvolvimento da consciência, o qual permite o entendimento dos ideais consoantes à moralidade e à disciplina, certamente pode-se encontrar desde já implícita, agregada, a discussão acerca das relações entre inter-subjetividade e intra-subjetividade, assim sendo, não há de se encontrar em sua teoria a formação moral francamente tratada em sua teoria.

Vygotsky (1991) é um teórico da educação que, assim como Piaget, contribuiu a partir de sua teoria para a compreensão dos processos educativos a partir do século XX. Sua teoria histórico-cultural sobre a aprendizagem, fundamentada no materialismo histórico dialético, aborda transversalmente a temática da autonomia na educação, trazendo à luz importantes conceitos relacionados à cultura, subjetividade, sociedade, mediação, linguagem e níveis de desenvolvimento real e proximal.

Pedra angular na perspectiva vygotskyana foi exatamente o de sobrepujar o modelo biológico de desenvolvimento humano, pois, uma de suas grandes metas foi a de elaborar uma

teoria da psicologia estabelecida a partir da concepção marxista, ou seja, histórico-social do homem. Em sua teoria se encontra explícita a compressão de que a ontogênese humana, origem, desenvolvimento do ser, não é possível ser explicada por meio da relação biológica entre organismo-meio, esta é uma definição desenvolvimento do conceito de disciplina.

Por conseguinte, a partir do prisma referido acima pode entender que a disciplina não se articula, se desenvolve alheia ao meio onde se encontra o sujeito, a criança, o homem, pois, as intervenções que envolvem o ser e gênero humano são e estão exteriores ao organismo, não podendo este se desvincular das relações sociais, mas sim, inserido neste realizar o mecanismo que lhe permite a apropriação das metas existentes a serem alcançadas. (Duarte, 1999). Portanto, o conceito de disciplina de Vygotsky inevitavelmente se encontra submetido em uma via de mão dupla, sendo emissor e receptor ao mesmo tempo.

Ao entender o desenvolvimento da estrutura intra-psicológica como derivação da dimensão social da consciência, Vygotsky intenta romper com as vertentes psicológicas do mecanicismo comportamental ou da crença maturacionista ou inatista. Em sua percepção, não é possível conceber o desenvolvimento humano como resultado de um processo puramente exterior, alheio à participação do sujeito, e tampouco desprezar a influência dos conhecimentos acumulados e transmitidos social e historicamente. Segundo (Duarte, 1999):

Um dos grandes objetivos de Vygotsky foi justamente o de superar o modelo biológico de desenvolvimento humano, e construir uma psicologia fundada na concepção marxista, portanto histórico-social do homem. Na psicologia marxista de Vygotsky e seus seguidores está explícita a concepção de que a ontogênese humana não pode ser explicada através da relação biológica entre organismo-meio. (...) No caso do homem, as mediações entre indivíduo e gênero humano são exteriores ao organismo, o que obriga a que o indivíduo realize o processo de apropriação das objetivações existentes” (p. 107).

A perspectiva da teoria psicológica vygotskyana (1991), ressalta que o desenvolvimento do processo de humanização estimula a elaboração das atitudes mentais elevadas, o que permite estabelecer apropriação e internalização dos elementos, tais como símbolos e conhecimentos objetivos, que se pronunciem em razão da função e relação social.

Neste sentido a mediação se manifesta como um desenvolvimento em que se encontram incluídas a possibilidade de representação mental, nesta, objetos, conceitos e situações cotidianas da vida podem ser trabalhados mentalmente por meio de signos, bem como, a deliberação social e coletiva da constituição destes sistemas simbólicos.

Tendo em vista que a subjetividade é formada a partir da internalização da cultura e, que esta por sua vez é apreendida por meio de relações mediadas por outros sujeitos a partir da linguagem, a educação que objetiva a autonomia deve basear-se na superação das capacidades

reais da criança, ou seja, focar no seu nível de desenvolvimento proximal, distância entre o que a criança já sabe e o que se pode saber com alguma assistência. Logo, conclui-se que a formação para a autonomia é possível pela mediação nas relações sociais.

Piaget abona os elementos conceituais os quais possibilitam a apreensão dos entendimentos sobre autoridade e autonomia, categorias com as quais é possível inquirir a dimensão da disciplina no contexto da educação, por conseguinte, possibilita a busca dos estágios, ciclos, psicogênicos de constituição das ideias de regras e normas coletivas que se relacionam aos processos de socialização e regulação da conduta por meio da escola. Roure (2000) diz:

[...] o contraponto entre ensino tradicional e ativo dessa abordagem parte do discurso que se produz sobre eles. As descrições do que seria a escola tradicional, por exemplo, constituem uma visão caricata da abordagem, na medida em que a caracterizam predominantemente como verbalista, autoritária e centrada no professor. Nessa perspectiva, todo ensino tradicional é percebido como uma ação de coação e heteronomia e deve ser combatido em favor de uma educação voltada para a autonomia. Ou seja, a resposta para a construção da autonomia encontra-se na substituição do ensino tradicional pelos modelos pedagógicos ativos. Para Piaget, então, a educação para a autonomia implicaria a supressão de tudo que possa remeter à tendência tradicional e, em especial, à autoridade do professor (Roure, p. 137).

Por outro lado, como indica Freud (1974 b), para a compreensão da formação da moralidade, a categoria da autoridade é central na compreensão da articulação entre a estrutura psíquica do superego e as relações sociais. O sentimento de culpa vivenciado nas relações entre pais e filhos decorre da censura moral e, pode ser apreendido na relação entre desejo inconsciente e preparação para a vida em sociedade.

A partir disso, evidencia-se a necessidade de orientação aos jovens para seu adequado desenvolvimento e adaptação social. Para o referido autor, a partir de uma perspectiva otimista em relação ao futuro da humanidade, a ciência mostra-se como possibilidade real, do bom uso da razão para o desenvolvimento social (*Ibidem*, 1974 b).

Segundo a teoria psicanalítica, o alicerce das relações sociais encontra-se prioritariamente na satisfação de interesses coletivos em detrimento da satisfação de interesses individuais, de modo a evitar que ocorram frustração e sofrimento por parte do grupo em relação às necessidades de ordem narcísica.

Estendendo-se esta ideia às relações estabelecidas em família, denota-se que a satisfação de interesses coletivos familiares deve se sobrepor aos interesses individuais da criança, pois estes correspondem à demanda narcísica da mesma e não colaboram para a ordem e bem-estar social.

Assim sendo, as concepções psicológicas expostas remetem a princípios constitutivos da formação e do desenvolvimento da moral, pois, dizem respeito à interação entre sujeito, sociedade e cultura, ao abordar de forma direta ou indireta conceitos como autoridade, formação moral, disciplina e autonomia.

2.3 Panorama histórico das transformações familiares

Neste tópico pretende-se apresentar as transformações da família a partir da organização estrutural desde a pré-história até os dias atuais. Por meio da discussão literária, tem-se o intuito de apresentar a instrução disciplinar em âmbito familiar e, os aspectos que contribuíram para a transformação dos papéis familiares ao longo da história, a fim de situar o lugar central ocupado pelos filhos nas famílias contemporâneas.

Engels (1964) em sua obra, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, apresenta três formas de organização da família na evolução dos estágios pré-históricos de cultura. Segundo o autor, o primeiro modelo de organização familiar grupal trata-se da Família Consanguínea, na qual a reprodução se dava por meio de uniões temporárias até o nascimento do filho. Nestes arranjos familiares, as relações carnavais eram mútuas, havendo imprecisão na paternidade (Engels, 1964).

O segundo modelo familiar evidenciado nas sociedades primitivas corresponde à Família Punaluana. Nesta, é estabelecido como critério de disciplina a interdição do incesto e, com esta nova regra, são excluídas as relações carnavais entre pais e filhos e, entre irmãos e irmãs. Por conseguinte, são criadas as categorias dos sobrinhos e sobrinhas, primos e primas (*Ibidem*, 1964).

O terceiro modelo familiar na evolução histórica das sociedades primitivas configura-se como Família Sindiásmica. Nesta observa-se o matrimônio por pares e, a poligamia permanece como direito exclusivo dos homens. Este tipo de família constitui alicerce para o desenvolvimento da Família Monogâmica em momento posterior da história, portanto, Engels (1964) concebe este moderno estágio de evolução familiar como fruto da evolução conjugal por pares das sociedades primitivas.

Em momento posterior da história, na Idade Antiga, cujo início demarca-se pela invenção da escrita, denotam-se poucas informações acerca das atitudes dos adultos em relação às crianças. Postman (1999), todavia, destaca que havia cuidados dos adultos relativos à proteção e escolarização dos infantes.

Desenvolvendo o mesmo assunto, segundo o referencial antropológico, Badinter (1980) traz à luz que na Antiguidade o homem ocupava papel central na família, enquanto que os direitos das crianças e mulheres eram restritos. Naquele período, não havia uma distinção clara entre adultos e crianças, deste modo, a criança convivia livremente com os adultos, sem restrições.

A partir das invasões bárbaras ao Império Romano e da repressão cultural exercida pela Igreja, as informações que diziam respeito às crianças e adultos perderam-se no decorrer dos anos. A Idade Média afastou a capacidade de compreensão e interpretação por parte dos leitores, o que propiciou a perda da habilidade de escrever e apreender (Postman, 1999). Neste momento histórico, houve o predomínio da família patriarcal como base da sociedade, na qual a organização familiar não se fundamentava por laços afetivos, tampouco as crianças preenchiam o lugar especial compreendido hoje para os adultos.

Ariès (1981) por meio do estudo de imagens demonstra que, até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não procurou representá-la. Por volta do século XIII, começou a surgir algum tipo de representação artística da criança, mais próxima do sentimento moderno.

Em consonância com o caminho percorrido por Postman e Ariès, Zanetti (2011) afirma que no século XV, "os homens adeptos da ordem, organizadores esclarecidos, procuraram difundir uma nova ideia da infância e de sua educação" (Zanetti, 2011, p. 493). Com esta nova ênfase, as crianças precisavam ser educadas por uma disciplina maior e por princípios mais rígidos, imprimindo o estabelecimento e o desenvolvimento de um sistema disciplinar escolar cada vez mais rigoroso, chegando a ser humilhante.

Assim, o sentimento de infância se desenvolveu aliado à necessidade de educação enquanto instrução e disciplina. A demanda social de escolarização para as crianças contribuiu para que a infância passasse a ser definida pela frequência escolar e, conseqüentemente, sua descrição passasse a estar relacionada aos estágios escolares que deveriam ser alcançados. A exigência de educação formal para as crianças por longos períodos levou a uma reformulação no relacionamento entre pais e filhos, em que os pais passaram a assumir os papéis de educadores e teólogos no ensino formal e moral (Ariès, 1981).

Segundo o autor, no decorrer da história, nos séculos XV e XVI da Idade Média, o conceito de família caracteriza-se pela ausência do forte sentimento de afeição dos pais com suas crianças. Refere-se, portanto, a uma realidade moral e social, mais do que sentimental (*Ibidem*, 1981).

Ao abordar as características deste período, Roudinesco afirma que as famílias àquela época consistiam em arranjos grupais e dividiam a mesma morada. "Na Idade Média, a organização familiar se dava em torno de uma habitação e o grupo familiar consistia em amigos, parentes, criados e pessoas próximas" (Roudinesco, 2003, p. 18).

Naquele período, a prática de amamentar os filhos, por exemplo, era considerada inferior e degradante para as mulheres. Assim, as mães da nobreza entregavam seus filhos a nutrizes, mulheres pertencentes às classes populares, camponesas, cuja responsabilidade e fonte de renda era alimentar os bebês pertencentes às classes nobres (Ariès, 1981).

O recorte deste período histórico é importante para compreender a evolução da relação entre pais e filhos até os dias atuais. Àquela época era praticamente inexistente o vínculo afetivo entre pais e filhos, ao contrário do que se verifica nos dias atuais, em que os filhos ocupam papel central nas famílias.

Ariès (1964) salienta que, na Idade Média, as crianças eram enviadas à outras casas, onde aprendiam boas maneiras, como também, serviços domésticos, onde a transmissão do conhecimento acontecia na relação direta destas com os adultos. Tendo em vista que as habitações familiares eram permanentemente abertas aos visitantes, e nelas as pessoas viviam misturadas umas as outras, senhores e criados, crianças e adultos, "a densidade social não deixava lugar para a família" (*Ibidem*, p. 191).

Reis (2002) vai ao encontro das afirmações de Ariès (1964) ressaltando que as práticas sociais demonstravam inter-relações de arranjos familiares na criação dos filhos, ou seja, as crianças não eram educadas por um único pai e única mãe, unidos por matrimônio, segundo modelo tradicional de família. Por este fato percebe-se que, desde aquela época, a família opera ideologicamente na reprodução de hábitos e tradições.

Na visão de Donzelot (1986) diferente organização familiar pode ser vista em meados do século XVIII, no período do Antigo Regime. Sua base, o casamento entre pares, tornou-se antes de tudo, um ato político, tendo em vista que a partir dele definia-se a manutenção das propriedades privadas. Assim, percebe-se que a família conjugal "nuclear" burguesa, modelo dominante da época moderna no Ocidente remete sua origem aos séculos XVI ao XVIII (Roudinesco, 2003).

Naquela época, a reorganização da família popular se dava em função de imperativos econômico-sociais, a tal ponto que o não pertencimento a uma família constituía um problema de ordem pública no Antigo Regime. Ocasionalmente, assim, na criação de instituições mantidas pelo Estado para a absorção dos filhos indesejados pela ordem social e doméstica, tais como hospitais gerais, conventos e hospícios (Donzelot, 1986).

No século XVIII ainda, segundo Ariès (1981), ocorre uma definição rígida de papéis sociais na família tradicional. Nesta, o homem é considerado o provedor material da casa e, também, a autoridade dominante. A mulher é a responsável pela vida doméstica, organização da casa e educação dos filhos.

A austeridade dos papéis familiares acompanha a nova definição de padrões de higiene e controle da sexualidade que se estabelecem naquele período e, a infância passa a ser alvo de preocupação e cuidados dos pais. As organizações da habitação e da escola passam a constituir dispositivos de controle sobre as crianças, podendo verificar-se que "a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos." (Ariès, 1981, p.195). Tal perspectiva concentra os dois objetivos, de maior proteção e, de maior possibilidade de disciplina ou controle sobre o processo educativo da criança.

Ariès (1981) foi o precursor a mostrar, a partir da transformação histórica da família, que a infância ou o sentimento que temos dela não é uma categoria natural e, sim, a efetivação de um desenvolvimento historicamente construído. Segundo o autor, a família transforma-se profundamente na medida em que modifica suas relações internas com a criança. Assim, no século XVI surge uma nova concepção da criança, como ingênua e graciosa, fonte de distração e de relaxamento para os adultos. Relacionada a esta ideia, se originou o sentimento de infância, frente aos avanços tecnológicos da época (Ariès, 1981).

A prensa tipográfica é um exemplo de tecnologia que possibilitou aos indivíduos falarem e pensarem sobre si mesmos. Foi a partir do surgimento deste artifício tecnológico que se deu a divisão da sociedade entre os letrados e os que não sabiam ler, mundo ao qual não faziam parte as crianças. Desta forma, o conceito de infância se une ao de educação, pois, a falta desta consiste no elemento que separa as crianças dos demais membros da sociedade. (Postman, 1999).

Badinter (1980) aborda o costume das mães que pertenciam à nobreza, durante a Idade Média, de entregarem seus filhos aos encargos de amas de leite, como também, o alto índice de mortalidade existente entre estas crianças, com vistas a enfatizar a construção do ideal de amor materno. A autora sugere descaso com as crianças àquela época, tendo em vista que cuidar dos filhos era visto como um comportamento de pouco refinamento social e, por isto, as mulheres não aspiravam realizar essa tarefa. As mudanças nos sentimentos em relação à infância e à maternidade surgem somente e, paulatinamente, a partir do século XVII, tal como mostra Ariès (1981).

Numa relação intrínseca entre família e sociedade, as mudanças nas formas de educação moral e social se deram por meio de alterações nas constituições familiares. Assim, a família

do Antigo Regime não consiste mais na extensa e comunitária família medieval, pois, no seu interior estabelecem-se relações autoritárias, chanceladas pelo poder divino e pelos preceitos morais da Igreja, esta que considerava o rei a própria representação de Deus e o pai como legítima autoridade familiar (Donzelot, 1986).

Donzelot (1986) afirma que a destituição do antigo governo pela Revolução Francesa em 1889, marco histórico que deu início à Contemporaneidade, colocou a família novamente no centro do debate político central. Com a queda do poder do rei, a Igreja também perdeu seus poderes sobre as famílias, pois esta enfatizava o domínio do poder patriarcal. Aliado a esta transformação, se encontrava o Estado, que passou a ditar os novos pressupostos que orientariam a organização familiar.

As políticas de normalização provindas do Estado, concomitantes ao respaldo da iniciativa privada, como a Filantropia Higienista e a Filantropia Assistencialista, colocaram as relações de pais e filhos sob o domínio da beneficência. Com a campanha sanitária e moral das classes pobres, a família passou a ter responsabilidade moral sobre as atitudes sociais de seus membros (*Ibidem*, 1986).

Como consequência à referida política, a família moderna passou a organizar seus vínculos de forma mais flexível, abrindo suas casas para as intervenções externas, como as higienistas e assistencialistas, ou seja, para a intervenção de médicos, professores e especialistas na saúde e educação das crianças e adultos (*Ibidem*, 1986).

A partir do surgimento do Estado no século XVIII, o patriarcado familiar perdeu forças para o patriarcado estatal. Nesse processo de "humanização" do pai divino houve influência direta da política na cultura e organização social, em que criança e mãe ganharam reconhecimento social. Por conseguinte, a mulher passou a ser valorizada no que diz respeito a atividade doméstica, encontrando no lar e nos filhos o centro dos seus interesses (Roudinesco, 2003).

Pode-se observar que o fortalecimento da classe social burguesa, o advento da ideologia iluminista que dirigiu a Revolução Francesa e, o poder centrado na moderna Nação-Estado foram fatores presentes no tecido social da época e, produtores de transformações nas condutas sociais e formação intelectual dos sujeitos. Araújo (2002) situa o surgimento de um forte sentimento afetivo no interior da família burguesa, por meio do qual também aparecem os desejos de privacidade e intimidade do lar. Por fim, com a ajuda da Igreja, a família conjugal ganha seu lugar de sagrado.

No século XIX, com a família nuclear burguesa organizada em torno da tríade pai, mãe e filho, a idéia de sentimento íntimo de família alia-se à preocupação com a privacidade do lar,

a saúde e educação dos filhos, que ganham lugar central na família. Ariès (1981) em *A História Social da Criança e da Família* torna evidente que o sentimento de infância, bem como o apego ao privado e ao íntimo, são criações da modernidade.

Postman (1999) ressalta que, na transição para a Modernidade, evidencia-se aumento do número de escolas e as atividades educativas passam a ser confiadas a especialistas. Aliado a este fator, evidencia-se o declínio da autoridade paterna pela perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade da Escola de Frankfurt, que relaciona o progresso da civilização à terceirização da educação (Mitscherlich, 1970).

Mitscherlich (1970) aborda o fenômeno que se caracteriza como terceirização da educação e, afirma que no desenvolvimento da civilização ocorre a delegação da autoridade paterna a outros educadores, como os professores que, muitas vezes, representam os momentos da ausência do pai.

Desta forma, evidencia-se que:

Quanto mais o desenvolvimento de uma civilização se torna complexo, tanto mais numerosas são as situações em que outros assumem a função educadora do pai, até o momento em que aparece a figura do professor como profissão autônoma. Os professores representam, nesse sentido, os momentos da *ausência do pai* (Mitscherlich, 1970, p. 237).

Postman (1999) ressalta que, quanto ao modo de relacionamento historicamente construído entre pais e filhos, a ruptura ocorrida neste, aliada à transformação na representação da criança, influenciaram na concepção do papel educativo que os pais devem ter em relação aos infantes na contemporaneidade.

O referido autor defende que o início do afinamento da linha divisória entre a infância e a vida adulta ocorreu com a abertura do acesso às informações, cujo marco inicial foi a invenção do telégrafo no fim da Idade Média e, cujo ápice foi a invenção da televisão na modernidade. Atualizando a leitura, verifica-se a forte influência da mídia como auxiliar na tarefa educativa dos pais na contemporaneidade.

Roudinesco (2003) levando também em consideração os aspectos históricos, a partir do viés psicanalítico apresenta em sua obra, *A Família em Desordem*, a necessidade de investigação da história da família para compreender as transformações na ensino da disciplina ao longo da história, bem como a pluralidade de organizações familiares existentes na contemporaneidade.

A autora ao analisar as modificações estruturais da família na atualidade, assinala fenômenos sociais que contribuem para a formação de novas organizações familiares. Neste contexto, afirma que:

Cada vez mais frequentemente [sic] concebidos fora dos laços matrimoniais, os filhos assistem, uma vez em cada três, às núpcias de seus pais, doravante unidos não para a duração de uma vida, mas, em mais de um terço dos casos, para um período aleatório que se consumará com um divórcio - consentido, passional ou litigioso -, e, para as mulheres, com uma situação dita “monoparental”. Pois são elas que sofrem inicialmente as consequências [sic] das rupturas por elas provocadas hoje, com mais frequência [sic] que os homens (Roudinesco, 2003, p. 197).

Conclui-se a partir do exposto que, com a emancipação sexual feminina, fato notório na atualidade, aliada ao capitalismo agressivo, percebe-se contribuição na direção da ascensão do matriarcado, ou seja, mulheres como chefes de famílias e, o aumento no número de divórcios. Estes são fatores relevantes para a compreensão das novas organizações familiares que se apresentam na modernidade. Embora mudanças sociais e de comportamentos tenham ocorrido ao longo dos anos seguintes, muitas mulheres ainda hoje têm nos cuidados maternos sua principal atividade (Vitorello, 2011).

O fato de se discutir na atualidade a questão de gênero feminino ainda se encontra embrionário, avanço aquém do esperado pelas mulheres, especialmente femininas, basta lembrar que desde os primórdios das relações no nível capitalistas frente a esta área de produção, as mulheres encontram dificuldades no que diz respeito à sua presença em certos campos de exercício do trabalho, pois as corporações de ofícios existentes desde o passado impediam e continuam a impedir suas entradas justificando que o trabalho é pesado demais para sua frágil, estrutura corpórea e, quando são admitidas por vezes devem se submeter às posições de subordinação, o que significa colocações menos compensadoras, com baixos rendimentos e condições precárias de trabalho.

Desse modo foi dada continuidade ao processo de desigualdade entre homens e mulheres, ou seja, com o estabelecimento do novo modelo de produção, neste sentido Saffioti expressa que,

no processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, a mulher contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção. (SAFFIOTI, 1979, p. 35).

Como se pode apreender a referida base ideológica e econômica sempre contribuiu com os interesses do capital que, se apoiando na tradição, colaborou para justificar a hipotética posição de subalternidade das mulheres na área da produção de bens e serviços, portanto, por meio da legitimação de preleções se apropriavam de um ideal de ordem natural para justificar a imposição da ordem social. Salienta-se que passaram a utilizar a gestação, p. ex, como recurso de justificação para defenderem a baixa produção nos meses que antecedem o parto, bem como, nos primeiros meses seguintes de amamentação, relevando desta forma a vulnerabilidade nos lucros para o sistema capitalista, usando como subterfúgio a descontinuidade do exercício, da profissão. (SAFFIOT, 1979).

Por conseguinte, a ocorrência natural conhecida como gestação passou a ser adotada para justificar a subordinação feminina no campo do trabalho, ou seja, nas empresas. Por sua vez a formação oriunda da educação destinada ao gênero feminino, tende a querer sustentar a hipótese de legitimação de que as ventiladas limitações, também contribuem para que se justifique a linha divisória entre a mulher e a economia de produção, pois, fato passível de comprovação se encontra na presunção de que as mulheres faltam mais aos trabalhos do que os homens. Pode-se constatar que os motivos causadores das faltas no trabalho por sua vez se encontram no fato natural, doenças pessoais que todos seres humanos estão suscetíveis, bem como, por destinar cuidados ao marido e aos filhos quando enfermos.. (Saffioti, 1979).

Pode-se afirmar que os referidos motivos expostos dentre outros mais, se constituíram em constantes bases de argumentação para validar a posição de subalternização das mulheres no campo da produção de bens e serviços frente ao capitalismo, mas não para se discutir as relações familiares enfatizando o debate e a problemática de gênero.. (Saffioti, 1979).

De forma a ilustrar as transformações nas constituições familiares, Roudinesco (2003) apresenta três modelos de família moderna. O primeiro modelo, família tradicional ou nuclear burguesa anterior ao século XVIII se caracteriza pela submissão dos membros familiares "a uma autoridade patriarcal, verdadeira transposição da monarquia de direito divino" (Roudinesco, 2003, p. 19) e tem como principal objetivo a transmissão do patrimônio, ou seja, a transferência de bens de uma geração para outra.

O segundo modelo de família que surgiu na Modernidade, entre o final do século XVIII e meados do século XX, é fundado no amor romântico, sacralizado por meio do casamento. Neste tipo de família, a educação das crianças e jovens não é dever totalmente dos pais, mas ocorre transferência desta responsabilidade ao Estado.

O terceiro modelo apresentado tem origem a partir de década de 60 do século XX, a família contemporânea ou pós-moderna, na qual há união de duração relativa entre indivíduos

que buscam relações íntimas ou realização sexual, permitindo assim maior flexibilidade em sua constituição e na definição de papéis familiares (Roudinesco, 2003).

Assim sendo, as famílias contemporâneas não são se caracterizam apenas pela "parentalidade", mas também, pela descentralização do poder parental e por múltiplas constituições. A dominância masculina, portanto, característica do sistema patriarcal, cede lugar à um contexto em que a mulher assume sua importância.

Muitas vezes, é em torno da mulher que estão as famílias recompostas ou monoparentais, além de que, por meio de inovações científicas e tecnológicas, como por exemplo a inseminação artificial, a mulher pode até mesmo prescindir do homem para gestar filhos e criá-los (*Ibidem*, 2003).

2.4 Famílias na sociedade brasileira contemporânea

As mudanças familiares na Europa analisadas por Roudinesco (2003) estendem-se à sociedade brasileira contemporânea, na qual pode-se verificar a descentralização do poder patriarcal, a ascendência do matriarcado, bem como variadas constituições familiares.

A tendência de concepção familiar na atualidade, mundo moderno, se constitui em valores tais como, reciprocidade de respeito entre seus membros, valor afetivo, o que inclui famílias homo afetivas, e, solidariedade, dentre outras particulares e peculiaridades afins. Portanto, o entendimento de família manifesta-se sob variadas possibilidades prováveis e que de forma ideal possa contribuir para demonstrar amor e afeto entre pessoas.

Como se pode perceber no dia-a-dia a compreensão de família na contemporaneidade pautada em primeiro lugar no ideal de afeto encontra segurança no cenário brasileiro até mesmo nas leis brasileiras ao admitir a igualdade, democracia e pluralidade, o que significa, não apenas necessariamente a partir do modelo familiar oriundo da ideia casamentaria, pois, o Brasil, sob este ponto de vista busca proteger toda e qualquer configuração de vivência afetiva, replicando, não exclui a família homo afetiva, mas sim, absorve e agrega. Família esta entendida como estrutura sócio-afetiva, formada a partir de afinidades, solidariedade.

A partir do referido progresso social, procedem naturalmente modificações também, nas visões jurídico-sociais vigorantes em especial, no sistema social e jurídico brasileiro. A partir deste entendimento se adota que a família se configura como célula essencial para o progresso, desenvolvimento da pessoa, personalidade humana.

A respeito de lei, norma principiológica fundamental, ou seja, princípio jurídico da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, esta expressa em seu parágrafo 3º do

artigo 226, o que deve ser entendido por família no cenário jurídico brasileiro, o Art. 226, diz, “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. O que contribui para assinalar novas configurações familiares na sociedade brasileira e jurídica.

A ampliação da ideia de princípio no artigo 226 da Constituição da República Federativa do Brasil estabelece, i.e, estendendo a pretensão do legislador maior em resguardar a dignidade da pessoa humana, que não é necessário constar em Norma Constitucional clausula específica.

Os tipos de entidades familiares explicitamente referidos na Constituição brasileira não encerram *numerus clausus*. As entidades familiares, assim entendidas as que preenchem os requisitos de afetividade, estabilidade e ostensibilidade, estão constitucionalmente protegidas, como tipos próprios, tutelando-se os efeitos jurídicos pelo direito de família e jamais pelos direitos das obrigações, cuja incidência degrada sua dignidade e das pessoas que as integram. (LÔBO, Revista brasileira de Direito de Família, 2002, n. 12)

Como se pode observar as famílias homo afetivas são realidades presentes na sociedade brasileira, Assim sendo, “em função dos princípios maiores da igualdade e dignidade, a lei também não pode ignorar, desprestigiar ou criminalizar qualquer outra forma de entidade familiar não mencionada pelos constituintes. ” (COELHO, 2006, p. 120)

Com o passar dos anos a ideia de configuração familiar passou a variar a sociedade brasileira, mas a ideia de afeto continua presente como uma das características fundamentais para admissão familiar

2.5 Enfoque

À exemplo das transformações dos papéis sociais e dos vínculos familiares, bem como na abertura do ambiente doméstico para intervenções de especialistas, pode-se observar que movimento similar ao europeu também ocorreu em território nacional nos últimos dois séculos, pois:

Se as normas higienistas em relação à criação, ao trabalho e à educação das crianças surtiram efeito é porque elas ofereciam a estas e, correlativamente às mulheres, a possibilidade de uma autonomia maior contra a autoridade patriarcal no interior da família. [...] A força dessa estratégia filantrópica foi de convergir para a família as duas linhas de decomposição que dela emanavam, articulando-as numa nova síntese capaz de resolver os problemas da ordem política (Donzelot, 1986, p. 58).

Tendo como alicerce a citação de Donzelot (1986), é possível propor analogia entre a tentativa de construção da ordem social na França e no Brasil do século XIX. Neste período, os senhores coloniais desencadeados pelo movimento higienista europeu, adotaram o modelo de família nuclear burguesa em substituição à família colonial extensa, servindo à formação de um Estado Nacional (Reis, 1992).

Portanto, observa-se, na sociedade brasileira dos séculos XIX e XX, a transferência do poder dos pais sobre a criança para profissionais. Assim foi sendo construída, a nova função da família, cuja obrigação seria reter e vigiar seus filhos, caso não quisesse ela mesma ser objeto de vigilância e de disciplinarização da norma estatal e da moralização filantrópica, tal como ocorria na Europa (Donzelot, 1986).

Segundo estudo realizado pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) em 2014 sobre as famílias brasileiras, pode se verificar que, na segunda metade do século XX, fenômenos como a entrada da mulher no mercado de trabalho e o maior acesso às pílulas anticoncepcionais foram fatores importantes para a emancipação feminina e, conseqüentemente, contribuições diretas para o enfraquecimento da rigidez dos papéis desempenhados pela mulher e pelo homem no ambiente familiar e para as transformações estruturais das famílias (Simões e Perez, 2014).

Os impactos do avanço do processo de modernização das estruturas econômicas e sociais sobre a população brasileira, ao longo das últimas décadas, pode ser analisado a partir das transformações nas características das famílias, dado seu importante papel na dinâmica de reprodução das condições materiais e subjetivas de vida da população. (*Ibidem*, 2014, p. 67).

Na contemporaneidade, como ressalta Simões e Perez (2014), particularmente a partir do século XXI em diante, embora predomine na sociedade brasileira o modelo nuclear burguês de família, herança europeia do século XVIII, tem-se notado o crescimento de novas organizações familiares, que estão surgindo no seio das mudanças estruturais econômicas e sociais, passando a coexistir de forma mais significativa com as formações familiares do tipo tradicional.

Como exemplos das novas organizações existentes na sociedade brasileira, podem ser citados os arranjos unipessoais, os casais que optam por não terem filhos, as famílias monoparentais, especialmente mãe com filhos e, as compostas por parentescos diversos, tais como avós e tios que criam netos e sobrinhos (*Ibidem*, 2014).

Estas organizações contemporâneas são apresentadas nesta pesquisa como formas de resistência ao modelo historicamente imposto pela sociedade tradicional, representada por

grupos dominantes conservadores. A mídia, enquanto representante da indústria cultural se constitui braço do poder dominante no presente estudo.

De acordo com Simões e Perez (2014), o avanço no processo de modernização das estruturas econômicas e sociais do país impactou a sociedade brasileira e contribuiu decisivamente para transformações das características familiares nas últimas décadas. Fenômenos como "a queda da fecundidade, o envelhecimento populacional, o aumento dos divórcios e o adiamento dos casamentos e da maternidade" (*Ibidem*, p.68) são cada vez mais frequentes em âmbito nacional, refletindo tendências globais de transformação na dinâmica familiar do século XXI.

Outro dado que merece relevância refere-se à proporção de arranjos familiares com referência de pessoa do sexo feminino, fenômeno que também tem crescido nas últimas décadas no Brasil, tanto em famílias compostas por casais com filhos, casais sem filhos e famílias monoparentais, constituída por apenas um dos pais (Simões e Perez, 2014). Como se observa, a atual conjuntura social e familiar expressa a progressiva destituição do patriarcado, fato que vêm ocorrendo desde a Revolução Francesa, norteadas esta pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade.

As famílias contemporâneas caracterizam-se pela pluralidade de composições e relacionamentos, destarte, a transmissão da autoridade se coloca como uma nova realidade. A efervescente valorização da infância e maior participação paterna no cuidado com as crianças são características da atualidade, tarefa anteriormente exclusiva das mulheres. Todavia, apesar da maior presença paterna, há ainda queixa de incompetência e fragilidade no exercício da autoridade centrada na figura do pai ao desempenhar funções educacionais. A autora ressalta que o atribulado ritmo de vida dos pais, bem como a não rigidez dos papéis familiares é um dos fatores que pode acarretar na ausência de representação da função materna (Vitorello, 2011).

Levando-se em consideração que os sujeitos se encontram envolvidos em um universo de comunicação no qual as trocas são possibilitadas pela linguagem, a família e a transmissão de seus ensinamentos devem ser considerados em sua plenitude e complexidade, isto é, a partir das mudanças da economia global, sociocultural, tecnológica e, transformações nas instituições sociais tais como Igreja e Estado.

A Psicanálise contribui para o entendimento da importância dos adultos na dinâmica educacional familiar e para a constituição psíquica dos filhos, uma vez que aborda o desempenho dos adultos diante das funções materna, paterna e, suas consequências na estruturação objetiva dos filhos enquanto sujeitos em formação.

Entendendo as novas reorganizações familiares, mas retomando-se o caráter disciplinar na educação familiar, Vitorello (2011) se refere à relação direta desta com o saber e desenvolvimento dos indivíduos. Por conseguinte, concebe a educação como meio de transmissão de saberes e conhecimentos que influenciam no critério de verdade do sujeito. Desta forma, ao retomar a ideia de que a criança se desenvolve conforme o desejo de seus pais, pode-se dizer que os impasses subjetivos dos filhos estejam vinculados ao desejo inconsciente dos pais.

Figueira (1987) trata de tema conexo, a relação entre educação familiar e desenvolvimento dos filhos, para isso, estabelece comparações entre a família tradicional e a família moderna. Assim ressalta que, na família tradicional, os papéis sociais são bem definidos e, na moderna, orientam-se por ideologias individualistas, de igualdade, direito ao auto-desenvolvimento e respeito à individualidade do outro, portanto, os papéis sociais não são determinados e rígidos.

2.6 Educação na contemporaneidade

Segundo Zanetti (2011), a educação da criança na atualidade a coloca numa posição privilegiada perante o adulto preocupado em fazê-la feliz, bem como em respeitar a sua individualidade. A autora descreve que nos dias atuais se faz necessário que os pais adotem um modelo consistente para o exercício da parentalidade, reforçando assim, as relações hierárquicas no interior da família. Por outro lado, a autora ressalta a importância de não se confundir o emprego da autoridade com o autoritarismo, devendo-se considerar a manutenção do respeito aos devidos direitos e lugares que cada um ocupa no grupo familiar.

A referida autora ressalta que sentimento de culpa pode surgir nos pais quando estes se deparam que seus filhos passam mais tempo em escolas ou creches, com professoras ou babás, do que com eles mesmos. Tal sentimento pode interferir na dinâmica das relações paterno-filiais. Deste modo, temerosos de ressentimento dos filhos, os pais encontram-se reprimidos para se posicionarem como figuras de autoridade.

Conforme a perspectiva histórico-crítica Canevacci (1985) afirma que, foi a partir do início do século XIX, que houve a difusão da ideia de especialização na Europa, o que provocou o distanciamento da compreensão do ser humano em sua totalidade. A interferência dos especialistas permitiu abertura para a desqualificação do saber natural dos pais ao mesmo tempo em que retirou a autoridade dos mesmos diante dos filhos (Prizulnik, 2002).

A força do discurso da ciência subverteu profundamente o equilíbrio da família, abolindo de vez o poder da autoridade paterna. Lebrun (2004) considera que, desde que a autoridade da Igreja passou a ser contrariada pela da ciência, houve o declínio da legitimidade em que se fundava a autoridade do pai. Assim, a ciência na sociedade promoveu uma organização social sem referência, portanto, a sociedade moderna assumiu a ciência no lugar da função paterna.

De acordo com Roudinesco (2003), a família contemporânea se encontra frágil, neurótica e consciente de sua desorganização, haja vista que o excesso de informações afeta a vida disciplinar moral que permitia uma educação linear. Na atualidade, os pais não sabem o que fazer em relação às posturas adequadas a serem adotadas, transitando entre serem liberais, afetuosos, autoritários ou compensadores.

A desorganização na família consiste exatamente em não haver um conjunto específico e consistente de regras que norteiem a prática educativa, inevitavelmente proposto pelos pais aos filhos. Aliado a este fato, evidencia-se que o excesso de informações veiculadas sobre modos de educar filhos na contemporaneidade pode contribuir para deixar os pais confusos.

A leitura desenfreada de materiais produzidos por especialistas pode levantar dúvidas acerca de como disciplinar e educar seus filhos e, até mesmo, atrapalhar a escolha de determinadas atitudes a serem admitidas e desenvolvidas.

Diante do elevado número de informações às quais as crianças possuem acesso nos dias atuais, há ainda a possibilidade das mesmas terem lido, dominarem o assunto e, poderem até mesmo questionar e argumentar sobre as regras impostas pelos pais.

De acordo com Ribeiro (1993), os novos valores da educação familiar estruturam-se em torno do caráter idealizado de cuidados, respeitos à autonomia e individualidades. Assim, o individualismo e a igualdade de direitos têm se apresentado na família como reflexo de uma sociedade pouco compromissada com o respeito ao outro. Portanto, pode-se concluir que os aspectos socioculturais e econômicos interferem na constituição de vínculos familiares.

Consoante com a perspectiva crítica e psicanalítica de Lasch (1983), questões de ordem narcísica provenientes de condições socioculturais e econômicas, que contribuem para as constituições psíquicas dos indivíduos, tem se disseminado na cultura contemporânea. Assim, evidencia-se que os filhos não chegam a fazer demandas, pois têm seus desejos e necessidades satisfeitos antecipadamente pelos pais.

Os filhos, conseqüentemente, não entendem a posição que ocupam na família e, por vezes, se confundem e tomam lugar das figuras de autoridade que deveriam ser ocupadas pelos

pais. Vitorello (2011) assinala também casos em que as funções parentais não são preenchidas, em que se observa uma inversão de posições entre papéis de pais e filhos.

As condições de igualdade pretendidas sob a cultura do narcisismo ofuscam o poder de autoridade paterna, pois os filhos nem sempre entendem o próprio lugar e, não admitindo que não estão em nível de igualdade, acabam suprimindo o dever enquanto filho de obediência aos pais. Desta forma, os pais providenciam às crianças um processo de crescimento em que pouco precisam lidar com limites, tornando-as também incapazes de lidar com a frustração.

Conforme desenvolve Freud (1914/1969) em *Introdução sobre o narcisismo, ensaios sobre a metapsicologia e outros textos*, a criança é tornada o centro das atenções em função de uma atitude emocional dos pais, que buscam imortalizar-se por intermédio dela. A criança passa a assumir o lugar de ser ideal e, como produto de projeções, torna-se no imaginário dos progenitores um ser capaz de superar todas as frustrações vividas pelos mesmos, desta forma, é transformada em um ser que jamais poderá ser frustrado.

Seguindo a perspectiva psicanalítica desenvolvida por Winnicott (1999) ressalta-se que a autoridade dos pais e educadores deve ser forte o suficiente para que as crianças não assumam elas próprias a autoridade, desta forma, verifica-se que as crianças demandam disciplina à seus educadores e, a fim de conter seus próprios impulsos agressivos, necessitam de pais confiantes, fortes e afetuosos, que possibilitem a expressão, a continência e a contenção destes comportamentos.

Por outro lado, o sentimento de liberdade excessiva pode gerar na criança comportamentos relacionados àquilo que expressa sua angústia, tais como indisciplina, tirania ou agressividade. Tais atitudes desafiam a autoridade dos pais e vinculam-se ao fenômeno de fragilização da educação nas relações familiares (Zanetti, 2011).

Diante da dinâmica familiar em que pais que não conseguem colocar limites, a criança poderá se comportar indisciplinadamente na expectativa que outras figuras de autoridade possam discipliná-las em momento posterior da vida (Winnicott, 1956/2000). Por conseguinte, a disciplina enquanto limites se mostra essencial ao desenvolvimento psíquico da criança, assim como também afirma La Taille (2003) pela perspectiva da psicogenética.

Segundo Vitorello (2011), as relações familiares contemporâneas indicam o declínio da função paterna. O sistema patriarcal, fundado na autoridade paterna, na modernidade foi desarticulado, trazendo implicações para as relações sociais e particulares. Na atualidade, há uma diversidade de agrupamentos familiares e de arranjos quanto ao desempenho das funções parentais.

Lacan (1981) já antecipava o debate relativo ao declínio da figura do pai na família nuclear burguesa, mostrando existir uma relação entre a carência do pai e a produção de patologias psicológicas contemporâneas:

É nos delírios a dois que pensamos apreender melhor as condições psicológicas que podem desempenhar um papel determinante na psicose. Fora os casos em que o delírio emana dum pai atingido de mal mental que opõe em posição de tirano doméstico, encontramos constantemente estes delírios num grupo familiar que chamamos descompletado, lá onde o isolamento social ao qual ele é propício tem o seu efeito máximo, a saber no «casal psicológico» formado por uma mãe e uma filha ou por duas irmãs [...], mais raramente por uma mãe e um filho (Lacan, 1981, p. 50).

Fleig (2008) indica que, com o enfraquecimento do pai moderno, o declínio da imago paterna, imagem internalizada da figura do pai deflagrada pelo processo histórico, não concorda com a concepção de função paterna tradicional, a qual seria a organizadora fundamental da subjetividade e da cultura. Tal função consiste em uma operação estrutural tanto para o sujeito como para o social, podendo ser desempenhada por outros membros da família.

Por conseguinte, o descarte do antigo e a busca do novo têm implicado diretamente na desvalorização da memória e ampliado o vazio de referenciais que fundamentam a autoridade dos pais sobre a educação dos filhos. A intensa veiculação pela mídia de conhecimentos da Psicologia, Pedagogia e Psicanálise, questionáveis em sua qualidade, acabam desqualificando os saberes dos próprios pais.

Situando a infância como uma construção dos dois últimos séculos, Ariès (1981) afirma que a finalidade de educar varia cultural e historicamente. No Antigo Regime, entre os séculos XVI e XVIII, educava-se para garantir a descendência e a tradição. Na modernidade, com uma nova concepção de infância, educa-se para a felicidade, no sentido de evitar a dor. (Araújo, 2002).

Araújo (2002) defende que na modernidade, há novos modelos de organização familiares e também há a possibilidade de novos acordos em relação ao estabelecimento das funções materna e paterna, ou seja, novos acordos em relação às funções subjetivas ocupadas pelos membros familiares. Por conseguinte, defende que a não clareza na definição dos papéis sociais no interior da família acaba por influenciar negativamente a formação da subjetividade dos filhos, devido à possível perda dos referenciais parentais.

Na contemporaneidade, existem alguns complicadores à educação, tais como, a individualização, a responsabilização exclusiva do indivíduo pelo seu reconhecimento social, a supervalorização da aparência, da imagem e, de atitudes antiéticas que influenciam na

desvalorização e enfraquecimento de valores morais e de tradições familiares (Araújo, 2002). Portanto, a preocupação relativa à convivência harmônica em sociedade na atualidade sugere uma reflexão sobre a educação individualista.

Ao recorrerem a opiniões de especialistas em busca de orientação para educar seus filhos, os pais seguem a tradição cultural surgida no fim do século XVIII e início do XIX, em que houve um investimento na produção da literatura voltada à educação e criação das crianças, conforme ressalta Donzelot (1986). À medida que se deixam seduzirem-se por apelos insistentes da publicidade voltada a eles, demonstra-se a incompetência da família na busca de suas soluções (Araújo, 2002).

A contribuição legítima dos especialistas na contemporaneidade carece em lembrar aos pais que eles possuem um conhecimento vivido sobre os filhos, não deslegitimando sua autoridade. Cabe aos pais pensarem no próprio lugar infante que ocuparam no percurso que fizeram em suas vidas e atentar para a estimativa da educação em família (Araújo, 2002).

Caldana (1998) caracteriza a educação na atualidade como centrada no respeito à autonomia dos filhos e no respeito à criança, permissiva de tal forma que oferece ampla liberdade de escolha à criança e impõe poucas regras e restrições.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Bisoli Alves (1995) apresenta em sua pesquisa realizada por meio de entrevistas com mães acerca do comportamento de seus filhos, que o recurso disciplinar mais utilizado por estas na atualidade consiste em explicar à criança, por meio do uso de técnicas disciplinares verbais não punitivas, como o reforço ao bom comportamento, expressando alto nível de afeto físico e verbal.

O critério de disciplinar por meio da explicação sugere a assimilação de um ideário antiautoritário, permeado por ideias liberais ligadas à Psicologia e à Psicanálise, compondo uma prática centralizada na criança. Desta forma, as mães julgam exercer autoridade, ao mesmo tempo em que permitem liberdade mediana aos filhos, conforme resultados obtidos no referido estudo.

Araújo (2002) se utiliza de conceitos da psicanálise tais como, identificação materna, alienação das instâncias ideais, intervenção paterna e ascensão à linguagem, para refletir sobre a família e a educação nos dias de hoje. A autora discute as posições ocupadas pelos membros familiares na contemporaneidade a partir da analogia histórica entre a família tradicional do Antigo Regime e as famílias contemporâneas. O surgimento de novas organizações familiares e a perda dos referenciais materno e paterno influenciam negativamente a formação da subjetividade dos filhos (Araújo, 2002).

Na família tradicional, em que os papéis sociais eram bem definidos, a mãe biológica exercia a função erógena em relação à criança e ao pai biológico competia a interdição do acesso do filho à mãe, barrando a ilusão de completude, e, assim, ensinando a ele os limites. Segundo a referida autora, a educação de crianças e jovens deve se pautar na história, costumes, tradições, princípios e regras para orientar sistematicamente a ação e formação de pensamentos problematizadores da realidade em que vivem (*Ibidem*, 2002).

A educação emancipadora, portanto, surge da necessidade de tornar o indivíduo autônomo, independente e, conduzir o sujeito-criança à uma índole ética frente à própria família e sociedade. Logo, a ter posicionamento crítico sobre a cultura em que vive, como também, diante das informações que são produzidas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

Sob o prisma da Teoria Crítica da Sociedade, Horkheimer (1970) assinala que na transição da família medieval para a moderna o caráter econômico do individualismo não se impôs à ordem familiar de imediato. Segundo o autor, pelas requisições materiais do desenvolvimento social, a família manteve sua unidade econômica pautada na submissão à autoridade paterna.

Com o advento da industrialização, o princípio hierárquico familiar perde a razão de ser, tendo em vista que conhecimentos técnicos e científicos são absorvidos pelos filhos, o que lhes proporcionam maior autonomia em relação aos pais, uma vez que passam a possuir novos ou, maiores domínios tecnológicos e científicos do que seus antepassados tiveram, o que justifica a independência dos filhos no interior da família (Horkheimer, 1970).

Transformações econômicas e sociais relacionadas à educação, a partir da Modernidade, como também, ao longo do século XX, evidenciam transformações nos parâmetros educacionais em nível global.

3. Concepções de Disciplina na Mídia Contemporânea

O presente capítulo desenvolve uma análise crítica acerca de artigos de opinião escritos por especialistas em Psicologia, Sociologia e Educação na *Revista Crescer*, a qual encontra-se disponível nas formas impressa e *online*, esta última virtualmente Recuperado de: <http://revistacrescer.globo.com/> .

O recorte escolhido para análise se limita ao período entre abril de 2013 e julho de 2016 e, leva em consideração os artigos publicados no site que contemplam a temática da pesquisa proposta, a disciplina na educação familiar. Tendo em vista que outras revistas disponíveis no mercado e que abordam assuntos relacionados ao tema não oferecem ampla variedade de matérias para acesso gratuito *online*, este diferencial fez com que esta revista fosse escolhida como objeto de estudo.

A *Revista Crescer* é veiculada pela Editora Globo, porém na forma *online* não se verifica periodicidade sistemática, uma vez que há meses em que não há publicação de artigos de opinião por seus colunistas e outros meses em que há mais de um artigo publicado. Esta versão foi escolhida como objeto de investigação e análise por se tratar de ferramenta educativa gratuita disponível àqueles que buscam auxílio e informações educacionais por meio da internet.

Foram analisados trinta e três artigos de opinião escritos por Ilan Brenman, psicólogo e Dr. em Educação e, trinta e seis artigos de opinião escritos por Gisela Wajskop, socióloga e Esp. em Educação Infantil, totalizando sessenta e nove artigos. Ambos autores abordam a temática da educação e formação dos filhos, desenvolvem seus textos por meio de linguagem clara e simples, o que viabiliza a apreensão e compreensão da mensagem pelos leitores. Os profissionais foram escolhidos dentre os colunistas da *Revista Crescer* por representarem o discurso científico em linguagem popular, o que reforça a credibilidade desta mídia literária junto aos leitores e consumidores, de modo a contribuir para formar posicionamentos e opiniões.

A Editora Globo do grupo Globo de Comunicações, responsável pela edição e publicação da citada revista se constitui como um veículo de forte expressão midiática da indústria cultural. Com origem e sede no Brasil, possui amplo alcance na veiculação de informações educativas e formativas. Deste modo, a facilidade de acesso a estas por parte dos leitores, consumidores ávidos por informações de cunho educativo, permite caracterizar esta revista como produto cultural. Portanto, a discussão realizada no primeiro e no segundo capítulos da presente dissertação permite o reconhecimento e análise de como se efetiva o mecanismo de pseudoformação de sujeitos por meio da indústria cultural.

Admitindo-se a *Revista Crescer* como produto de disseminação de cultura na sociedade brasileira, constatou-se que os artigos de opinião maquiados por discursos científicos, fomentam a pseudoformação de educadores nas famílias contemporâneas, pois os produtos da indústria cultural ao contribuírem para a formação de sujeitos, os subordinam passivamente ao sistema de produção e exploração capitalista.

A partir do século XX a Psicologia passa a fundamentar parâmetros educativos e medidas disciplinares junto à uma pluralidade de profissionais da saúde e educação, os quais contribuem diretamente para a formação dos sujeitos filhos. Concomitantemente, houve popularização da mídia, bem como, sua utilização por parte dos pais como recurso educativo na educação de seus filhos. Considerando o enfoque de Adorno acerca da formação por meio da indústria cultural (1993), observa-se que:

A tarefa mais importante (...) da pesquisa social empírica atual seria investigar em que medida afinal os homens são e pensam tal como são feitos pelos mecanismos (da indústria cultural). (...) Se realmente as pessoas são cativadas, mas ao mesmo tempo não são cativadas, se aqui ocorre uma consciência duplicada e contraditória em si mesma, então neste ponto o esclarecimento (...) poderia ter êxito em esclarecer as pessoas que este fenômeno é apenas parte de um contexto mais amplo [a formação socialmente determinada da sociedade capitalista]. (Adorno, 1993, p. 256).

Desta forma, pretendeu-se situar neste capítulo como o domínio da técnica e da ciência incide negativamente sobre a formação da subjetividade, visto que veicula princípios educativos acríticos que, junto aos sujeitos leitores leigos, conseqüentemente, cooperam para a falta de genuíno esclarecimento, impossibilitando uma educação emancipadora no âmbito familiar.

3.1 Análise de artigos

Para a análise de artigos de opinião foi realizada uma seleção que versava sobre o tema da disciplina na educação familiar e das relações que esta estabelece com a mídia e com a formação de sujeitos na contemporaneidade. A partir de então, iniciou-se o fichamento de artigos de opinião publicados pelo site da *Revista Crescer* e disponíveis na forma *online*, no período entre abril de 2013 e julho de 2016. Em seguida, foi realizada categorização dos textos escritos por Ilan Brenman (Anexo I) e Gisela Wajskop (Anexo II), a partir das concepções construídas a partir da discussão teórica efetuada nos capítulos I e II da presente dissertação.

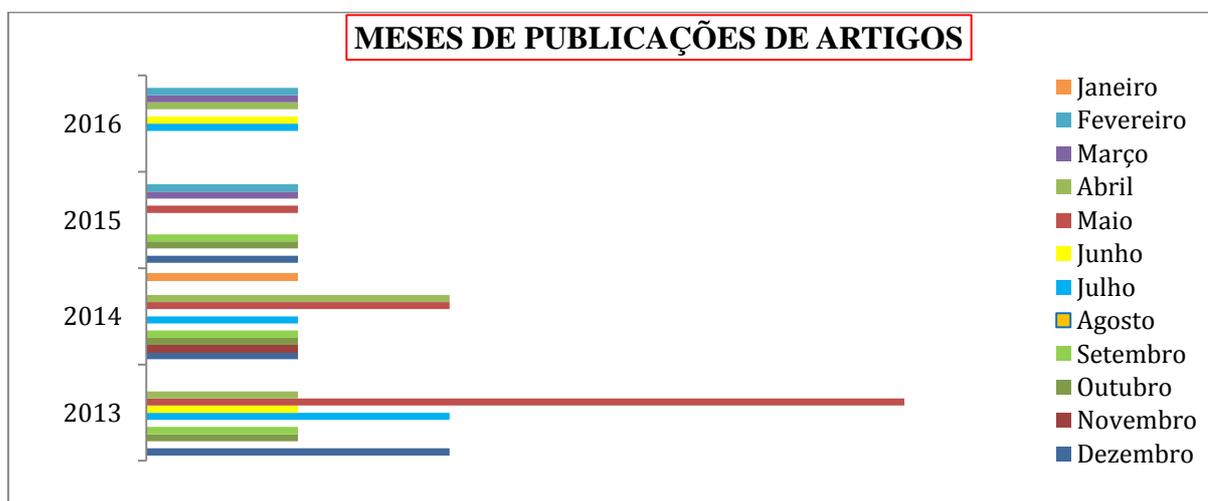
A primeira categoria, *Modelos disciplinares enfatizados pela mídia*, permite responder ao questionamento se a mídia impõe posturas e modelos educacionais que devem ser adotada

(os) pelos pais nas famílias contemporâneas. A segunda categoria, *Formação cultural e possibilidade de disciplina*, visa responder quais aspectos englobam uma sólida formação cultural e moral e, se os meios de comunicação social, fundamentados no discurso científico, desqualificam os saberes tradicionais. A terceira categoria proposta, *Pseudoformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa*, visa responder como as tecnologias voltadas às massas determinam processos de adaptação social direcionados aos telespectadores, incentivando-os ao consumismo e aos valores do capitalismo.

Diante da diversidade de temas abordados pelos artigos de opinião, foram analisados aqueles cujos descritores são: limites, disciplina, mídia e formação. Todavia, os demais artigos dos referidos autores do site da *Revista Crescer*, ainda que não remetessem diretamente aos descritores encontram-se arrolados e categorizados no material de pesquisa exposto em anexo. A análise e cotejamento dos artigos permitiram o desenvolvimento do presente capítulo.

3.1.1 Artigos por Ilan Brenman - apresentação de dados

Foram analisados trinta e três artigos publicados pelo autor da coluna *Palavratórios e Rabugices* da *Revista Crescer*, no período entre abril de 2013 e julho de 2016, como pode ser observado abaixo:



Fonte: Disciplina e Educação Familiar: um estudo a partir da Teoria Crítica. Dissertação de Mestrado, UFG/2016.

A partir do gráfico, verifica-se que não há regularidade na periodização das exposições do autor nas publicações dispostas no site, tendo em vista que há meses em que não há publicações, como por exemplo, junho, agosto e novembro de 2013; fevereiro, março, junho e agosto de 2014; janeiro, abril, junho, julho e novembro de 2015; janeiro e maio de 2016 e, em

outros meses há mais de um artigo publicado, tais como, maio, julho e dezembro de 2013; abril e maio de 2014.

Observa-se, nos escritos de Ilan Brenman, a abordagem de temas como: educação familiar; autoridade e posturas parentais como a superproteção e a negligência; importância do ensino de valores morais e da valorização do passado; adolescência e características típicas desta fase de desenvolvimento; preocupação relativa à formação cultural, moral e que vise a autonomia dos filhos; incentivo a posturas ativas de diálogo e participação dos pais na vida dos filhos, à afetividade e ao uso da disciplina na relação entre pais e filhos; importância da leitura e incentivo a este hábito por parte dos filhos e, conseqüentemente, do desenvolvimento e ampliação da linguagem e vocabulário dos mesmos; preocupações relacionadas à escola dos filhos e valorização do profissional educador, tendo em vista que as crianças passam cada vez mais tempo nestas instituições e assistidas por estes profissionais.

Como se pode constatar, Brenman crítica à adultização da infância, ao excesso de atividades dos filhos e à preocupação exacerbada dos pais acerca da inserção dos mesmos no mercado de trabalho; crítica ao uso excessivo de tecnologias por parte dos filhos, valorização de relações virtuais em detrimento de relações interpessoais reais, consumismo, supervalorização da imagem, narcisismo virtual contemporâneo; um olhar diferente para o bullying e apontamentos para sua superação por meio do mecanismo de sublimação⁸.

3.1.2 Disciplina e educação dos filhos na concepção de Ilan Brenman.

Brenman (2014) critica ainda a proposta do Senado brasileiro de simplificar a língua portuguesa a partir da exclusão de alguns vocábulos, tais como, "ss", "ç", "ch", ao invés de investir na educação. O autor defende que, menos repertório linguístico implica em menos pensamento e reflexão dos indivíduos, enfatizando a importância do estímulo linguístico para o desenvolvimento saudável na infância.

A partir da leitura do artigo *Presente de grego* (2016), observa-se que o autor orienta aos pais que estes devem oferecer estímulo à leitura dos filhos, contribuindo assim, para sua formação cultural. Todavia, o incentivo da leitura encontra-se centralizado num objetivo instrumental, que é o de demonstrar a origem do uso de expressões linguísticas, não demonstrando o valor formativo e de compreensão cultural que tal leitura poderia despertar na criança.

⁸ Ver anexo A.

Levando-se em consideração o artigo de opinião *Juventude Perdida?* (2016), percebe-se que o autor orienta os pais a adotarem uma postura de diálogo com os filhos, conversando sobre notícias exibidas pela televisão e demais mídias. A proposta do autor se dirige aos pais no sentido de explicar aos filhos que eventos violentos do cotidiano, tais como guerras e assassinatos, sempre ocorreram ao longo da história, não sendo característico apenas do mundo contemporâneo.

O medo é veiculado pela mídia como um produto que possui valor comercial, portanto, se constitui como produto da indústria cultural, uma vez que incentiva o consumo de artefatos de segurança e propicia o lucro de determinados segmentos comerciais, atenuando a responsabilidade do Estado para com as políticas públicas e de segurança. Diante do exposto, verifica-se a relevância do papel formativo da família por meio do diálogo, uma vez que ela possibilita a formação crítica ao indivíduo.

Uma pergunta paira no ar, qual a intenção do autor ao apresentar uma visão de que a violência é empregada como algo usual e que hoje é menor do que antigamente? Uma resposta convincente é de que seu trabalho não demonstra preocupação real em mudar a sociedade para melhor, mas sim atenuar a preocupação dos leitores em relação aos problemas sociais contemporâneos. Diante disso, segundo Adorno & Horkheimer (1985), pode-se concluir que sua produção é comercial, se pautando estritamente em características da indústria cultural, tais como a produção para obtenção de lucro e não conscientização dos indivíduos.

A temática do diálogo entre pais e filhos sobre conteúdos veiculados pela mídia também é abordada em *Adianta ajudar os outros?* (2016), artigo em que se observa orientações do autor aos pais para que aproveitem os poucos momentos que passam com os filhos como oportunidades para o diálogo e discussões, incentivo à reflexão, formação moral e crítica dos mesmos, mostrando novamente o papel formativo da família.

A partir da leitura do artigo *Mudanças* (2016), observa-se que Ilan Brenman orienta os pais a não inibirem o sofrimento dos filhos, evitando mudanças e apoiando-se em condutas disciplinares superprotetoras, mas a ampará-los nas transformações que tiverem de enfrentar ao longo da vida para que, assim, possam amadurecer. A atitude superprotetora providencia às crianças um processo de crescimento em que pouco precisam lidar com limites, tornando-as também incapazes de lidar com a frustração, tal como ressalta Vitorello (2011).

A partir da leitura de *Bom appétit* (2016), observa-se que o autor orienta os pais a estimularem o desenvolvimento da capacidade crítica dos filhos, oferecendo alternativas de programas televisivos que possam oferecer conhecimento e formação cultural para além do que é oferecido pelos programas de culinária e gastronomia. Questiona-se, entretanto, qual o sentido

de utilidade e de transformação do conhecimento adquirido por meio da programação gastronômica, haja vista que há evidências que esta atração televisiva, que se encontra em evidência nos dias atuais, consiste em produção da indústria cultural, a qual inibe assim o posicionamento crítico do telespectador.

No artigo *Acampamento* (2015), observa-se que o autor orienta os pais no sentido de permitirem que seus filhos tenham a oportunidade de vivenciar a experiência de acampar na ausência dos mesmos, tendo em vista que esta atividade propiciará o desenvolvimento de disciplina e autonomia. Todavia, não deixa clara qual noção de autonomia é enfatizada, referindo-se a esta apenas como a independência nas ações práticas.

Ao abordar a forma como os pais devem introduzir a ideia de autonomia aos filhos, Ilan Brenman não enfatiza valores como: honestidade, amizade, coleguismo, entre outros, os quais poderiam ser desenvolvidos objetivando-se o bem-estar coletivo. A omissão do diálogo sobre tais valores implica na formação de cidadãos que prezem pelo exercício da ética e do bom convívio em sociedade.

A mesma temática é verificada no artigo *Autonomia* (2015), em que o autor orienta de forma positiva os pais a deixarem seus filhos tomarem decisões de forma autônoma, para que assim, possam se responsabilizar pelas consequências das decisões tomadas, inclusive pelas frustrações, conforme afirma La Taille (2003).

A leitura de *O que está por trás da febre dos livros de colorir* (2015), permite observar que, como pano de fundo da atividade de colorir livros, há um processo de alienação ao qual os trabalhadores encontram-se submetidos, tendo em vista que, ao utilizarem seu tempo livre ou de lazer para pintar, se desligam da realidade, não refletindo sobre problemas sociais ou sobre as condições de exploração as quais estão submetidos.

Desta forma, percebe-se que os indivíduos se encontram subordinados ao controle do capitalismo e da engenharia da indústria cultural que, por meio de seus artifícios, tal qual afirmam Adorno & Horkheimer (1985), impede que os trabalhadores pensem de forma crítica, de modo que não encontrem forças para questionar as condições de trabalho que lhe são impostas.

A partir da leitura de: *Como ensinar justiça a nossos filhos?* (2015), observa-se que para Ilan Brenman os pais devem ensinar noções de senso de justiça bem como **valores** morais aos filhos, levando em consideração suas próprias condutas morais. Tal conduta é considerada adequada e enfatizada por La Taille (2002, 2003) quando menciona posturas extremas que podem ser adotadas pelos pais na educação familiar, tais como a superproteção, em que se

verifica a ausência de imposição de limites aos filhos, e a negligência, que consiste na omissão de cuidados parentais para com os filhos.

No texto *Solidão* (2015), bem como no texto *A rede* (2014), observa-se que o autor direciona crítica ao advento e crescente influência das redes sociais na contemporaneidade, afirmando que estas contribuem para a solidão, bem como para a desmobilização dos indivíduos. Seguindo a mesma temática, ressalta que os pais tendem a manifestar sentimento de angústia decorrente da solidão e tentam evitar este sentimento aos filhos sobrecarregando-os com inúmeras atividades e responsabilidades, o que contribui para o fenômeno da adultização da infância, aludido por Vitorello (2011).

Subentendendo que o sentimento de solidão ao qual Brenman (2015) se refere remete-se à individualização promovida pelo uso excessivo das tecnologias que podem afastar o indivíduo da convivência social, observa-se que o autor orienta os pais para que reflitam sobre o uso excessivo de tecnologias por parte de seus filhos. O que se pode conceber a partir da leitura de Donatelli (2004), é que o individualismo consiste em uma característica promovida pelo advento da tecnologia na modernidade e pela desvalorização das relações interpessoais reais.

A partir da leitura de *A criação perfeita* (2015), observa-se que o autor enfatiza o crescimento na variedade de publicações de literatura infantil que as crianças estão tendo acesso, porém, não menciona a qualidade educativa dos livros que estão chegando às prateleiras das livrarias. Por esse motivo, Brenman orienta aos pais para que participem ativamente da vida dos filhos, por exemplo, orientando-os na compra dos mesmos.

Ao se posicionar de forma crítica em relação à qualidade do conteúdo veiculado, Brenman leva o leitor a entender que os novos livros infantis podem ser considerados objetos da indústria cultural, pois são produzidos visando o lucro e a pseudoformação, por meio da adaptação e conformação social, conforme afirma Maar (2003).

O artigo *1984 é hoje!* (2014) permite observar uma crítica negativa em relação à super vigilância por câmeras e o fim da privacidade na atualidade, considerando esta uma forma de inibir a liberdade das pessoas. Mantendo posicionamento crítico, Brenman censura a proposta feita pelo Senado de simplificar a língua portuguesa escrita, afirmando que esta seria uma interferência na formação cultural dos alunos, que ficaria prejudicada.

O autor do artigo, em consonância ao pensamento dos teóricos da Escola de Frankfurt, realiza análise político-social ao alertar que uma decisão política que poderia implicar na modificação da língua portuguesa teria impacto na conjuntura social brasileira, tendo em vista

que o Estado ao se isentar da responsabilidade pelos investimentos em educação, se isentaria também da responsabilidade de oferecer educação de qualidade aos alunos.

A partir da leitura de *A busca pela felicidade* (2014), observa-se que o autor orienta os pais a refletirem sobre qual seria o melhor conceito de felicidade para eles: prazer físico, honras, poder, dinheiro, amigos, afetos ou brincadeiras, tendo como pressuposto que os mesmos desejam ver os filhos felizes e que ensinarão seus próprios valores a eles.

Buscando a satisfação da felicidade imediata dos filhos, muitas vezes os pais educam para a felicidade e a evitação da dor, conforme afirma Araújo (2002). Assim, compensam sua ausência física com o consumismo de produtos propagados pela mídia e deixam de priorizar a ética. Segundo Brenman (2014), a partir da leitura de Rousseau (1973), a educação deve apoiar-se na autodisciplina, ética e na autonomia a ser desenvolvida, de modo que instrua e permita ao indivíduo se tornar independente.

No artigo, *As grandes perguntas* (2014), observa-se que o autor orienta os pais a prestarem atenção nas demandas dos filhos e a dialogarem com os mesmos de modo simples e com humildade por mais que o tema das perguntas que fazem seja polêmico, para que assim, possam fortalecer relações afetivas e contribuir para a educação e formação moral dos mesmos. Por outro lado, menciona que o ato de ridicularizar e hostilizar os filhos é negativo para sua formação cultural, pois, conforme conceitos desenvolvidos por Horkheimer (1990), reafirma os mecanismos de manutenção social e manutenção do sistema.

Em *A velhice* (2014), verifica-se posicionamento crítico do autor em relação à supervalorização da juventude e desprezo da velhice na contemporaneidade. Assim, orienta os pais para que valorizem os saberes tradicionais e os ensinem aos filhos, bem como o respeito às pessoas de idade avançada. Questões acerca do enfraquecimento de valores morais e de tradições familiares na contemporaneidade são abordadas diretamente por Araújo (2002) e indiretamente por Adorno (2003) ao mencionar a importância do resgate do passado para inibir a repetição da barbárie no futuro, em menção ao holocausto.

Em consonância ao pensamento Araújo (2002), que assinala que a época atual de exacerbada exposição da imagem é negativa para a educação e formação dos filhos, Ilan Brenman posiciona-se como resistente e orienta os pais a adotarem postura de resistência ao avanço e disseminação de valores pautados no capitalismo e na indústria cultural, em *Contrafluxo* (2014).

Orienta retardar ao máximo, por exemplo, o consumismo desnecessário e o uso de tecnologias por parte de seus filhos e cita exemplos de ações no contrafluxo, tais como, demorar ao máximo para dar aparelhos celulares às crianças, cobrar menos em relação aos estudos na

infância, oferecer momentos de socialização e atividades artísticas, incentivar o brincar e o se sujar e questionar o sentido do consumismo, a real utilidade dos produtos infantis antes de presentear os filhos.

Percebe-se distinção social por parte do autor ao ilustrar o contrafluxo a partir do exemplo pessoal sobre o período em que prefere viajar, fora de alta temporada, evidenciando que sua escrita é direcionada a leitores das classes média e alta, que viajam todos os anos e que possuem a capacidade de decisão sobre quando desejam tirar férias.

No artigo *Frases e Adendos 3* (2014) o autor apresenta citações escritas por filósofos de forma descontextualizada e as complementa com versos próprios que sugerem a autoajuda, pois, de certa forma, agregam algum tipo de conhecimento aos leitores. Todavia, as expressões carecem de explicações racionais, pois o autor não desenvolve análise crítica e interpretativa das mesmas.

Questiona-se, portanto, qual seria a intencionalidade do autor ao publicar citações filosóficas de maneira aleatória, tais como "*Ama a humanidade, detesta seu semelhante.*" Edmund Burke (1729-1797); "*O número de tolos é infinito.*" Horácio (65-8 a.C.); "*A memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte.*" Joseph Brodsky (1940-1996).

A temática em epígrafe também é abordada em *Toda a minha vida está aqui* (2014), artigo no qual o autor mais uma vez chama a atenção do leitor para a crítica ao uso precoce de artefatos tecnológicos, bem como para a valorização das relações humanas. Em consonância ao pensamento de Adorno (2003), assinala que os pais devem estimular a capacidade crítica dos filhos a fim de lhes proporcionar esclarecimento, entretanto, não propõe uma superação da submissão ao sistema estabelecido e da indústria cultural, mas sim uma alternativa de adaptação passiva a estes.

A partir da leitura de: *Quero ser grande* (2014), observa-se que o autor recomenda aos pais sobre a importância de ensinarem aos filhos o que é ser adulto, com seus sacrifícios e vantagens, para o amadurecimento dos sujeitos crianças e, da sociedade. Ressalta ainda que os pais devem assumir posicionamento crítico e reflexivo diante dos fenômenos que podem ser verificados na contemporaneidade, tais como, adultização da infância e infantilização dos adultos, conforme mencionado por Vitorello (2011).

Em *Espelho, espelho meu* (2014), observa-se que Brenman orienta indiretamente os pais a dialogarem com seus filhos acerca das influências da mídia, as quais exaltam a autoimagem e narcisismo do indivíduo, deixando para segundo plano a capacidade de estabelecer empatia, ou seja, de se colocar no lugar do outro, conforme enfatiza La Taille (1998, 2003).

Por outro lado, o autor não apresenta medidas efetivas para que os pais orientem seus filhos em relação ao controle que a indústria cultural busca exercer frente aos sujeitos, portanto, a crítica efetuada neste artigo trata de tentativa de superação do narcisismo, porém, não se efetiva concretamente.

A partir da leitura de: *Como escolher uma boa escola?* (2013), observa-se que o autor orienta os pais a atentarem para os critérios de escolha da escola dos filhos, pois visa a qualidade do tempo que a criança passará nesta instituição. Tal escolha oculta o fato contemporâneo de que, por vezes, as crianças têm passado cada vez mais tempo em escolas, recebendo educação externa à parental.

O surgimento do sentimento de culpa vivenciado pelos pais na criação dos filhos, tal como ressalta Zanetti (2011), pode derivar da referida situação, uma vez que os pais sentem dificuldades em dedicar a devida atenção aos filhos e se culpam, o que pode interferir na formação moral e cultural dos sujeitos em aprendizado.

Por outro lado, a leitura de Freud (1974b), permite apreender que a culpa decorrente da censura moral, ou seja, do estabelecimento da disciplina, pode ser apreendida na relação entre desejo inconsciente dos pais e preparação do filho para a vida em sociedade. Esta relação se aproxima da ideia de interação pais-filhos e não de distanciamento pelo fato do filho passar mais tempo na escola do que com a família.

Brenman (2013), por sua vez, orienta os pais que estes devem atenuar a importância que dão às avaliações de desempenho escolar dos filhos e prestarem mais atenção à qualidade do tempo que passam juntos. No entanto, o artigo analisado reafirma a distinção social de classe, tendo em vista que o público leitor que possui o privilégio de optar por determinadas escolas, provavelmente não é oriundo de classes sociais baixas.

A distinção social pode ser observada também no artigo *Sonhos* (2013), em que Brenman incentiva os pais a lerem "bons livros", verem "bons filmes" e assistirem "peças de teatro" com os filhos, para que possam contribuir de forma positiva para sua formação intelectual e cultural. A preocupação acerca desse tipo de formação é característica de um público cuja formação intelectual é elevada, geralmente não oriundo de classe social baixa.

No mesmo artigo Brenman aborda indiretamente o tema da autonomia e da resistência diante dos avanços da indústria cultural, assinalando que é importante que os filhos deixem de ser meros espectadores e possam se tornar sujeitos críticos e produtores de seus próprios sonhos. Reafirma a importância já mencionada por Adorno & Horkheimer (1985) de resistir ao consumo de toda gama de informações veiculadas pela mídia, tendo em vista que consiste em objetivo da indústria cultural promover adaptação social e pseudoformação de indivíduos.

A partir da leitura de *Excessos e faltas* (2013), observa-se que o autor efetua crítica à alienação tecnológica à qual as pessoas estão submetidas na atualidade, a tal ponto que poucos conseguem perceber os malefícios do uso excessivo de tecnologias, produzidas e utilizadas para entretenimento e manipulação de indivíduos, conforme afirmam Adorno & Horkheimer (1985).

No texto *Espelho, espelho meu* (2014) Brenman critica a exacerbada exposição da própria imagem nas redes sociais em consonância ao pensamento de La Taille (2003), para o qual a construção da personalidade e a conquista da autonomia passam pela construção de fronteiras de intimidade.

Estendendo-se a crítica à crescente exposição da vida pessoal na mídia, subentende-se que os pais devem orientar seus filhos a guardarem segredos a fim de garantirem sua privacidade. La Taille (2003) afirma que guardar segredos é importante para o desenvolvimento das crianças, para que possam amadurecer e, conseqüentemente, desenvolver sabedoria social de decidir a quem confidenciar algo.

De acordo com La Taille (2003), o excesso de mimo causado pela superproteção falha em instrumentalizar a criança para que consiga superar suas próprias dificuldades. “Hoje em dia atribui-se uma sabedoria precoce às crianças para que escolham o que é melhor” (La Taille, 2003, p. 64). Para o autor, a educação moral de crianças não deve basear-se somente na imposição de regras disciplinares, mas também, no estímulo à superação de suas próprias condições.

La Taille (2003) a partir de sua leitura de Piaget, afirma que na pedagogia deve haver relações de autoridade para a entrada das crianças no mundo da moralidade e a maneira como os pais devem ensinar os limites é muito importante.

De acordo com Kant (1996), o princípio da disciplina na educação familiar se constitui como referência para a formação do indivíduo na sociedade moderna. Para Brenman, o afeto assim como a disciplina são fatores assinalados como carências sociais frente aos avanços da ciência e tecnologia, entre outros adventos da modernidade.

A partir da leitura de *Vidas etiquetadas* (2013) bem como de *Dilemas* (2013), observa-se que o autor orienta os pais a valorizarem e ensinarem aos filhos o que realmente seja importante para sua formação por meio do diálogo, tais como valores morais e exercício do pensamento crítico.

Desta forma, os pais devem desestimular os filhos a serem meros consumidores e reprodutores da indústria cultural, como por exemplo, ao usarem roupas de marca com o objetivo de obter prestígio social. Brenman efetua crítica, portanto, ao mecanismo de reificação de mercadorias, ao consumo alienado e a sua reprodução.

De acordo com o artigo *Mastigação* (2013) observa-se que o autor orienta os pais a contribuírem para a autonomia dos filhos, trazendo noções de independência e competência. Vygotsky (1991) ao abordar transversalmente o tema da autonomia na educação, afirma a importância da mediação do adulto para adequada aprendizagem e desenvolvimento da criança.

Ainda que seja necessário considerar a autonomia como objetivo final da educação, deve-se ter em mente que a formação cultural dos filhos, tal como a ideia apresentada por Adorno (2003) e sua releitura por Maar (2003) devem aspirar à emancipação política e social por meio dos processos educativos.

A partir da leitura de: *Futurologia* (2013), observa-se que Ilan Brenman critica a sociedade de consumo contemporânea e a indústria midiática que vende seus produtos por meio do sensacionalismo. Todavia, o autor não aponta perspectivas de superação relacionado a esta forma de indústria que se encontra submetida ao capitalismo, nem mesmo formas de esclarecimento para a população que se encontra progressivamente mantida sob manipulação articulada pelos meios de comunicação e tecnologia.

Em *Bullying em Crypton* (2013) o autor abranda demasiadamente o ato de violência que é o bullying, não alertando que este tipo de sofrimento pode gerar traumas que marcam para sempre a pessoa, afetando negativamente sua formação. Em atos extremos, pode até mesmo levar à morte. A máxima "seja você mesmo" explícita no artigo assume um sentido até mesmo irônico, pois o estímulo social articulado em direção ao sujeito para que ele tente tirar proveito de sua dificuldade visa reproduzir um modo de pensar que não é espontâneo, mas sim determinado pelo próprio *status quo*.

A partir da leitura do artigo *O valor da educação* (2013), observa-se que Ilan Brenman orienta os pais a valorizarem os profissionais da educação, responsáveis também pela educação e formação de seus filhos. Por outro lado, não menciona o conteúdo que deve ser administrado pelos educadores, o que atenua a importância de sua apreensão pelos alunos.

Outro ponto a ser levantado é o que Brenman omite que as escolas particulares estão cada vez mais caras e que seus profissionais continuam sendo desvalorizados, o que constitui crítica ao baixo investimento em educação no país e alto investimento em infraestrutura, beleza e estética de instituições de ensino. O conhecimento enquanto possibilidade de liberdade e emancipação não é mencionado.

Nos artigos *Bicicleta* (2013) e *Trim trim* (2013), observa-se que o autor efetua crítica à sociedade de consumo expressando que, por meio de suas tecnologias, a qualidade do tempo de convivência entre pais e filhos encontra-se atrapalhada e reduzida, tendo em vista que o uso

de aparelhos celulares cerceia oportunidades de diálogos entre estes, como por exemplo, durante almoços em restaurantes.

Considerando-se que o tempo livre dos pais é escasso, pois dedicam a maior parte deste ao trabalho é possível notar que os adultos muitas vezes, por exemplo, preferem utilizar o celular do que oferecer carinho e atenção aos filhos. Diante desta situação, o autor ressalta a necessidade de postura participativa dos pais na vida dos filhos e enfatiza de forma positiva a prática lúdica tradicional, como andar de bicicleta, em contraposição ao uso excessivo das tecnologias.

Brenman efetua crítica superficial ao se referir à sociedade consumista e aos artefatos tecnológicos que prejudicam os relacionamentos interpessoais, pois, adverte que estes não possibilitam a compreensão dos processos e intencionalidade dessa forma de organização da vida material. Percebe-se também por meio da leitura, distinção social de classe, tendo em vista que somente o público de leitores das classes média e alta que possuem a oportunidade de ir a restaurantes.

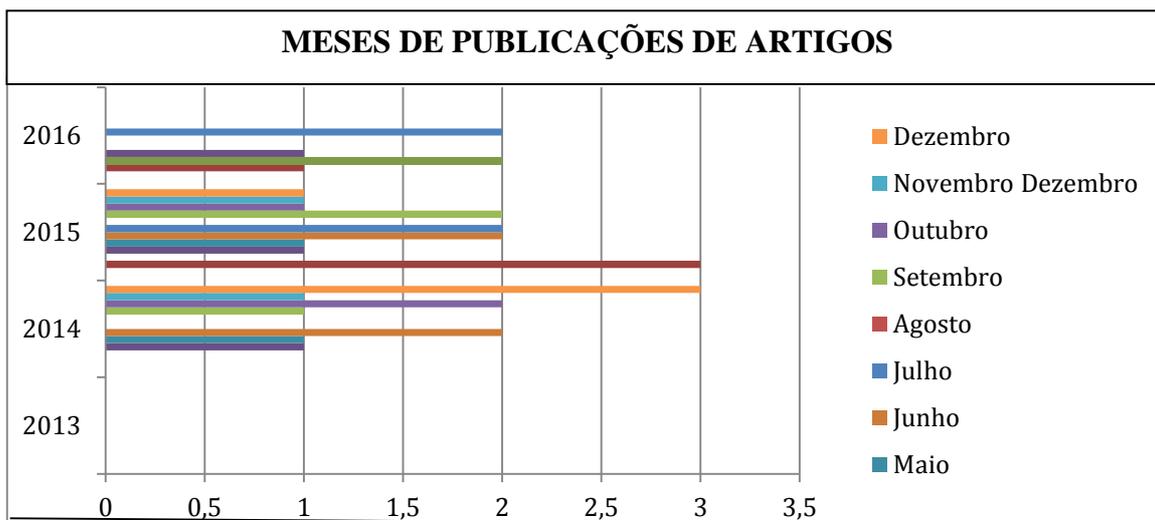
A abordagem de fenômenos sociais, como o avanço das tecnologias e a diminuição da qualidade dos relacionamentos interpessoais, pela perspectiva da Teoria Crítica permite "refletir sobre as condições de produção da cultura em uma sociedade dominada pela racionalidade tecnológica e, com vistas a se afundar na barbárie", conforme afirmam Roudinesco & Plon (1944, p. 500).

A partir da leitura de *Carta dobrada ao meio* (2013), observa-se que o autor efetua crítica à formação deficitária de jovens por meio da educação que recebem na escola, que visa à obtenção de conhecimento formal e, deixa a desejar na formação para o esclarecimento e a cidadania. Em consonância ao que conceituam Adorno & Horkheimer (1985), para o qual a pseudoformação constitui expressão da subjetividade ameaçada, esta deve ser combatida por meio do estímulo dos jovens ao pensamento e à ação além do que se encontra estabelecido na sociedade. No entanto, Brenman não ultrapassa o nível da crítica, destarte, não oferece alternativas de resistência ou possibilidades de superação da pseudoformação.

Pela leitura do artigo *Milagre* (2013), observa-se que a atividade de palestrar para adolescentes é considerada uma atividade fácil para Brenman. Todavia, o autor considera um desafio modificar pensamentos e ações de jovens por meio de leituras adequadas, com as quais possam se sensibilizar e se identificar a ponto de se sentirem estimulados a mudarem a sociedade em que vivem. Porém, questiona-se a que pensamento e a que transformação o autor se refere.

3.1.3 Artigos por Gisela Wajskop – apresentação dos dados.

A partir da leitura dos trinta e cinco artigos publicados pela autora da coluna, *Educar para a Vida*, da *Revista Crescer*, no período entre abril de 2013 e julho de 2016, é possível constatar no gráfico abaixo que não há regularidade na periodização das exposições da autora nas publicações dispostas no site:



Fonte: Educação Familiar e Disciplina: um estudo a partir da Teoria Crítica. Dissertação de Mestrado. UFG/2016.

Assim sendo, observa-se que há meses em que não á artigos publicados, como por exemplo, janeiro, maio e junho de 2016; janeiro, março e agosto de 2015; julho e agosto de 2014 e em outros meses há mais de um artigo publicados, como por exemplo, março e julho de 2016; fevereiro, junho, julho e setembro de 2015; junho, outubro e dezembro de 2014.

Observa-se nos escritos de Gisela Wajskop temas como: educação alimentar e a excessiva preocupação de pais; educação lúdica e participava dos pais nas brincadeiras com os filhos; posturas educacionais adotadas pelos pais; pais superprotetores; experiências formativas a partir de relacionamentos interpessoais; relacionamentos familiares e convivência em família; novas configurações familiares, políticas públicas voltadas à educação no Brasil, Estados Unidos, Canadá, dentre outros países; excessiva preocupação dos pais com o desempenho escolar dos filhos; alfabetização precoce de crianças; educação infantil no Canadá, educação alternativa em escolas ambientadas em fazendas; educação democrática; educação para o desenvolvimento, saúde mental e que vise a autonomia; entrada dos filhos na escola e critérios de escolha da escola; angústias e alegrias de ser mãe; relacionamentos interpessoais entre pais e filhos; relacionamento entre os pais e o corpo docente; banalização e consumo desenfreado do medicamento Ritalina; um olhar positivo acerca da festividade do carnaval, sugerindo que

este seja um momento para pausa e renovação de energias; bonecas tecnológicas, e o uso excessivo de tecnologias nas brincadeiras⁹.

3.1.4 Disciplina e educação dos filhos na concepção de Gisela Wajskop.

No artigo: *Terrorismo nutricional* (2016), Gisela ressalta aos pais sobre a importância de não se tornarem terroristas em relação ao consumo de açúcar pelos filhos. É interessante o alerta que a autora faz acerca dos malefícios do consumo excessivo, porém não impedindo totalmente seu consumo. Por outro lado, a autora não enfoca alimentos nutritivos necessários ao desenvolvimento saudável das crianças.

O artigo publicado se caracteriza como de grande relevância aos pais por se referir à saúde das crianças. Ao publicar matérias acerca deste assunto, a *Revista Crescer* incide em atrair os pais por meio de estratégia de marketing que, essencialmente, indica preocupação efetiva com a criação de crianças e jovens.

No texto: *Letras que têm vida* (2016), bem como em *Brincar para aprender a viver* (2015), a autora chama a atenção dos pais e familiares para que estes tenham uma postura participativa e ativa na vida da criança, participando de suas brincadeiras, familiarizando-a com o uso das letras, estimulando-a assim, ao desenvolvimento da "criatividade, curiosidade e colaboratividade". Por conseguinte, contribuindo para seu aprendizado e formação enquanto sujeito autônomo.

No artigo: *A arte de ser pai e mãe* (2016), Gisela remete-se ao método de ensino Montessori, que privilegia a liberdade da criança, conduzindo os pais a refletirem sobre posturas adotadas em relação ao modo como educam seus filhos. Tal como faz La Taille (2002), a autora responsabiliza os pais pela formação da autoestima, autonomia e personalidade dos filhos.

No texto: *Vale muito a pena viver* (2016), a autora indica que é necessário ter sensibilidade nas relações interpessoais para conseguir compreender o outro, assinalando a essencialidade de viver intensamente as experiências formativas, independente de juízo de valores em relação às opções dos filhos.

No artigo: *Natural e real* (2016), a autora faz uma análise sociológica das escolas consideradas "bolhas educacionais", ou seja, que buscam um modelo irreal de sociedade, portanto, chamando a atenção para os modismos. Adverte os pais para que incentivem seus filhos a lidarem com o meio ambiente e a pensarem sobre este a partir de atividades simples e

⁹ Ver Anexo B

cotidianas, tais como, um passeio no parque ou na praça perto de casa. Questiona, portanto, a real necessidade de escolas especializadas em aproximar as crianças da natureza.

Em *Democracia: só rezando mesmo!* (2016), Gisela critica o sistema educacional brasileiro que se diz democrático, mas que no fundo é autoritário, pois impõe uma ordem hierárquica, de cima para baixo, que deve ser obedecida ao estabelecer escolas não integrais para alunos acima de quatro anos de idade. Desta forma, este sistema não atende às reais necessidades de pais e mães de famílias brasileiras que trabalham o dia todo fora e não tem com quem nem onde deixar seus filhos durante o expediente.

A partir da leitura de, *Carnaval: uma pausa para respirar!* (2016) verifica-se que a autora propõe que o Carnaval seja celebrado como uma data positiva, momento em que os brasileiros devem se desligar temporariamente dos problemas da vida, ou seja, se comportando divertidamente sendo o que não são na vida real. Por meio da leitura de Adorno & Horkheimer (1985) conclui-se que a referida data festiva relaciona-se ao conceito de indústria cultural, pois, incentiva o consumismo exacerbado e a não reflexão sobre problemas sociais.

Pela leitura do artigo: *Muito além da lição de casa* (2015), percebe-se que Gisela Wajskop se posiciona de forma subjetiva a favor de uma escola democrática, em que os pais assumam participação ativa na construção de planos de aula e sintam-se empoderados ao serem ouvidos, participando como membros do corpo escolar. Todavia, a ideia de democracia envolve a participação de todos, pessoas leigas e não leigas, com bom discernimento ou não acerca da realidade, o que pode levar a distorções no plano de ensino e na didática educacional, o que não é levado em consideração pela autora. Dando prosseguimento à ideia da participação dos pais, a autora orienta que estes devem acompanhar as atividades escolares dos filhos, fator importante para a formação intelectual dos mesmos.

A inclusão dos pais na vida escolar dos filhos também é contemplada no artigo *A importância dos pais na educação* (2014), em que Gisela constata que "as crianças pobres falam pouco e desenvolvem poucas habilidades necessárias para uso em nosso mundo competitivo, pois, talvez, seus pais saibam que elas não teriam oportunidades de usá-las."

A partir disso, sugere medidas político-sociais que valorizem a participação dos pais na educação dos filhos, tais como "democratizar as bibliotecas, aumentar o período de licença-maternidade e incluir os adultos pobres no mundo da cultura", o que poderia ser uma forma coerente e justa de ajudar as crianças a terem um adequado desenvolvimento social e acesso a uma equidade de oportunidades.

A partir da leitura do artigo: *Ler e escrever cedo demais. Pra quê?* (2015), percebe-se a preocupação da autora no que diz respeito à alfabetização antes do tempo adequado. Portanto,

alerta aos pais que considera que não é vantajoso acelerar o processo da alfabetização da criança, podendo este acarretar numa sobrecarga para o sujeito em desenvolvimento.

A partir da leitura de: *Ritalina, será que precisa mesmo?* (2015), observa-se que a crítica efetuada pelo uso desenfreado do medicamento Ritalina procede, tendo em vista que os avanços do marketing midiático, fomentado pela indústria cultural, favorecem o crescimento e fortalecimento da indústria farmacêutica.

Atualmente, esta se caracteriza como potência de poder, pois oferece medicamentos como "solução imediata" para problemas de cunho social, que possivelmente poderiam ser solucionados a longo prazo. Por exemplo, por meio de investimento em educação e pelo uso da disciplina de forma consciente em relação ao tratamento dos filhos.

No texto: *Cada um na sua cama* (2015), a autora compreende que em nossa sociedade existe uma forte ligação afetiva entre pais e filhos e certa carência dos pais em quererem ter os filhos sempre por perto, todavia, defende que os mesmos devem ser estimulados com o objetivo de desenvolver autonomia e liberdade.

A partir da leitura do texto, *Sogra e noras: uma antiga discussão* (2015), a autora evidencia a necessidade de reflexão sobre as relações que as leitoras estabelecem com suas sogras, com a finalidade de estabelecer um ambiente familiar saudável e pacífico. A indústria cultural ao objetivar lucro por meio da venda de produtos culturais incentiva, portanto, o vínculo de amizade entre pessoas, inclusive entre sogra e nora.

Por meio da leitura do artigo: *Como as crianças canadenses aprendem na escola?* (2015), verifica-se o entusiasmo da autora em relação ao método de ensino do Canadá, o qual se caracteriza pelo estímulo da perspicácia das crianças, bem como por perguntas feitas pelas mesmas. Os temas a serem desenvolvidos didaticamente partem da produção de objetos relacionados ao conteúdo aprendido, os quais possibilitam a apreensão do conhecimento e adequada formação científica e cultural.

Por outro lado, a autora não oferece crítica construtiva ao sistema educacional brasileiro, haja vista que não descreve, por exemplo, quais fatores seriam necessários para que possa ocorrer um avanço plausível na educação. Portanto, se posiciona de forma conformista em relação ao conceito de pseudoformação descrito por Adorno & Horkheimer (1985), ao qual o ensino brasileiro possivelmente encontra-se submetido.

No artigo: *Por aulas que comecem um pouco mais tarde* (2015) são abordados exemplos bem-sucedidos de países desenvolvidos que adaptaram o horário de suas aulas ao ritmo do ciclo circadiano dos adolescentes, o que ocasionou numa melhora no desempenho dos alunos. Assim, a autora almeja que este modelo seja adotado pelo sistema educacional brasileiro.

A partir da leitura do texto: *O que vem de fora é melhor?* (2015), observa-se que a autora chama a atenção para aspectos positivos que devem ser copiados de outros países em relação à educação e outros que não devem, haja vista que as políticas educacionais devem levar em consideração a diversidade cultural e situação econômica de seu povo. Conclui-se, portanto, nem tudo que vem de fora é necessariamente melhor.

Pela leitura do artigo: *Alunos considerados inteligentes não nascem assim* (2015), observa-se que a autora generaliza os "estudantes brasileiros" atribuindo o sucesso como resultado do esforço e dedicação particulares do indivíduo. Assim, desconsidera a realidade brasileira em que nem todos os jovens possuem oportunidades de acesso à escola nem possibilidade de dedicação exclusiva à atividade de estudar, não considerando que muitos jovens têm de trabalhar, o que leva, muitas vezes, ao abandono dos estudos.

A partir da leitura do artigo: *Todos sempre aprendendo* (2015), observa-se que a autora critica e aponta falhas no sistema educacional brasileiro, porém não sugere melhoras, mostrando que as experiências que vivenciou no Canadá não contribuíram para a reflexão e prática dos professores que estavam presentes no evento sobre educação infantil que participou em São Paulo.

Em: *Dentro ou fora da escola* (2015), a autora faz uma análise sociológica em que compara a recente democratização da escolaridade no Brasil com países europeus. Em seguida, compara o sistema educacional brasileiro com o norte-americano, porém não propõe nenhuma mudança estrutural de fato.

De acordo com a leitura do texto, *Creches da USP: modelos a serem multiplicados* (2015), verifica-se que a autora faz um apelo social para que modelos de creche como o da USP se disseminem pelo país e não que o acesso seja dificultado por medidas públicas que não priorizam a educação.

A partir da leitura do texto: *O que há por trás de uma boneca high-tech* (2015), percebe-se a opinião da autora, de que a boneca high-tech, que contém uma câmera em seu interior e que permite a visualização dos filhos pelos pais em tempo real é produzida na plataforma tecnológica moderna.

A boneca demonstra, portanto, que a idealização da infância não passa de mais uma projeção adulta do desejo de controle absoluto das experiências e vivências dos filhos, preparando-os para a dependência, inclusive, de sua capacidade criativa, tal como afirma Freud (1914/1969).

Pode-se afirmar que a boneca high-tech consiste num produto da indústria cultural, uma vez que atende a demandas da indústria de brinquedos para desenvolver e incrementar suas

produções de modo a ampliar suas vendas a partir do conhecimento mais profundo da vida privada de seu público consumidor.

A partir da leitura do artigo *Escola que acolhe* (2015) percebe-se a sensibilidade da autora na orientação dos pais sobre qual escola escolher para os filhos, recomendando que optem por uma escola em que sejam acolhidos neste difícil momento de primeira separação dos filhos.

No artigo: *Pela vivência afetiva e cultural das crianças* (2015) observa-se que a autora se fundamenta em estudos realizados por Saviani sobre a teoria da "curvatura da vara" para chamar a atenção dos pais sobre o modo superprotetor com que estão tratando os filhos, não lhes impondo regras que limitem seus comportamentos. Desta forma, traz a reflexão educacional para os dias atuais, citando a superproteção como fator de curvatura da vara, que promove a dependência e não a autonomia de filhos.

Em *É meu aniversário e ele sequer me deu "bom dia"* (2014) Gisela escreve sobre as angústias e alegrias de ser mãe. A partir de sua experiência pessoal, assinala a displicência do filho que se esqueceu de parabenizá-la em uma data especial, o dia de seu aniversário, o que a deixou profundamente magoada. Por outro lado, retoma o sentimento de alegria e satisfação por ser mãe e ter os filhos saudáveis e por perto.

Em *Filhos inteligentes* (2014) bem como em *Bebê pensa, tem ideias e, melhor, as comunica* (2014) percebe-se que a autora desestimula as altas idealizações que muitos pais possuem em relação à inteligência de seus filhos. Pelo contrário, ela orienta os pais a interagirem afetivamente e ludicamente para que isto possa estimular a inteligência dos mesmos.

Ao descrever a curiosidade de um bebê de oito meses pelas obras de arte expostas em uma galeria, lamenta-se diante da constatação que, no decorrer do desenvolvimento, a maior parte das crianças perde suas habilidades criativas e pensamento divergente devido à pressão exercida pelos adultos diante de suas altas expectativas e avaliações.

No artigo: *Pela valorização das ações de bebês e crianças* (2014) a autora inicialmente critica professores de educação infantil canadenses que elogiam seus alunos por atitudes consideradas normais, como comer, sem o devido merecimento de um elogio. Em seguida, chama a atenção dos pais brasileiros para fato idêntico, o que considera um erro comum e prejudicial, que pode ser mal compreendido pela criança. Ressalta ainda que os pais devem valorizar atitudes corretas dos filhos, reforçando-as positivamente para uma adequada aprendizagem.

A partir da leitura de: *Que tal fazer uma biblioteca de sementes em casa?* (2014), apreende-se que o discurso da autora é reducionista, pois, a partir de uma experiência única que

teve no Canadá, em que crianças vivenciaram a distribuição de sementes orgânicas na escola, orienta aos pais brasileiros para que não apenas cobrem dos filhos que comam salada, mas que os estimulem a cultivarem sementes com intuito de educá-los, incentivando-os conscientização acerca da cultura ambiental.

A partir da leitura de: *Ao mestre com carinho* (2014), percebe-se o apelo da autora para que os pais valorizem o profissional professor, bem como ensinem seus filhos a fazerem o mesmo, respeitando-o enquanto ser humano formador de caráter e de cultura. Assim, Gisela deixa subentendido que os pais são responsáveis por ensinar os filhos a terem ética, valores como empatia e respeito.

No texto: *Ciência e política a favor da educação infantil* (2014), percebe-se que a autora se apresenta de forma positiva em relação aos discursos e avanços científicos que possam sustentar "políticas públicas em prol e defesa das crianças pequenas", tal como o programa *Brasil Carinhoso* lançado pelo governo federal, o qual promete garantir a construção de espaços saudáveis, brinquedos, entre outros, para que crianças possam "brincar e ampliar, assim, suas experiências culturais e sociais".

No artigo: *Lego e Malévola: muito além do enredo infantil* (2014), ao tecer comentários sobre o enredo dos filmes *Lego* e *Malévola*, Gisela sugere aos pais que participem de jogos lúdicos com os filhos, utilizando-se de criatividade e imaginação para criação de brincadeiras e diálogos, inclusive sobre os filmes infantis que assistem juntos. Desta forma, deixa subentendido que a mídia, na ausência dos pais e sem diálogo, possui papel educativo e formativo do caráter de crianças na contemporaneidade.

No texto: *Vínculo antes de tudo* (2014), os pais mencionados pela autora sofrem por antecipação pois projetam seus desejos e realizações no filho, tal como aponta Freud (1914/1969). Tal preocupação advém de ideias difundidas nas últimas décadas - desde o século XX - de que os responsáveis pela formação da criança são os especialistas, o que destitui os pais de sua potência educativa, tal como assinala Lasch (1977).

A partir da leitura do texto: *Diversidade respeitada* (2014), constata-se que ainda é nova a realidade a diversidade de configurações familiares, portanto, faz-se necessária uma readequação do conceito de família, o que propicia o combate ao preconceito e discriminação social. Tendo em vista que, segundo pesquisa publicada pelo IBGE (2014), fenômenos como a entrada da mulher no mercado de trabalho e o maior acesso às pílulas anticoncepcionais foram fatores importantes para a emancipação feminina e, conseqüentemente, para as transformações estruturais das famílias.

A partir da leitura de, *Parceria escola e família* (2014), observa-se que a autora apresenta de forma positiva as escolas canadenses, cujo foco consiste na formação do sujeito em desenvolvimento. Apresenta de forma negativa as escolas brasileiras, cuja maior preocupação consiste em avaliar o desempenho dos alunos e em prepará-los precocemente para o mercado de trabalho.

O ponto de vista apresentado no artigo acima é que o foco nas avaliações de desempenho é considerado negativo, todavia, observa-se relativa contradição de pensamento da autora, pois no artigo: *Por aulas que comecem um pouco mais tarde* (2015), Gisela almeja elevar o desempenho escolar dos alunos brasileiros a partir da adoção de um modelo adotado por países desenvolvidos em que as aulas começam mais tarde.

3.2 Conclusões acerca das publicações analisadas

Os artigos de opinião escritos por Ilan Brenman na coluna *Palavrórios e Rabugices* da Revista *Crescer* representam o discurso científico da Psicologia escrito de modo popular. Para o autor, não são em todos os casos que os problemas educativos das crianças ocorrem devido a condições objetivas, tais como, dificuldades econômicas ou capacidades particulares do sujeito em aprendizado.

Brenman deixa a entender que aspectos subjetivos da vida familiar interferem na qualidade da educação dos filhos, tais como, a qualidade do tempo que os pais passam com os mesmos, a qualidade do diálogo entre eles, bem como a participação dos adultos na vida escolar e cotidiana das crianças e jovens.

Com relação à disciplina, os artigos publicados desenvolvem de forma indireta, a partir da noção de limites que deve ser dada aos filhos e, na liberdade e confiança que deve-lhes ser propiciada pelos pais como possibilidade para a autonomia, como pode ser verificado nos artigos *Mudanças* (2016), *Acampamento* (2015) e *Autonomia* (2015).

Verificou-se incentivo aos pais a adotarem condutas participativas e ênfase no diálogo com os filhos, os quais propiciam a formação para a autonomia. Constatou-se ainda a crítica ao uso excessivo das tecnologias por parte de adultos e crianças, o que muitas vezes atrapalha os relacionamentos interpessoais, verdadeiros responsáveis pela formação do sujeito.

Conclui-se a partir da análise crítica dos artigos de opinião escritos por Gisela Wajskop que, em consonância às orientações feitas por Brenman, a autora incentiva os pais a adotarem condutas participativas na educação familiar. O discurso científico da Sociologia apresentado em linguagem popular por Gisela Wajskop em seus artigos na coluna *Educar para a vida da*

Revista Crescer permitem concluir que a participação dos pais como incentivadores da leitura e da criatividade dos filhos é fundamental para a formação cultural dos mesmos.

A autora relata experiências pessoais, familiares e leituras realizadas, bem como nostalgicamente discorre sobre o sistema educacional canadense, onde viveu e de onde escreve para a Revista Crescer nos anos de 2014 e 2015.

Apesar de tecer elogios à educação infantil no Canadá e críticas e lamentações em relação à educação brasileira, a autora não descreve medidas edificadoras para superação das deficiências estruturais relatadas sobre o sistema educacional brasileiro. Desta forma, portanto, ao compará-lo ao sistema educacional de outros países onde já esteve, tais como Estados Unidos, Inglaterra e França, não acrescenta críticas construtivas para avanço da educação em âmbito nacional.

É característico da autora, apresentar um fato ocorrido no exterior para, em seguida, trazê-lo à realidade brasileira, esta, que se encontra em constante transformação, chamando a atenção dos pais para o modo como educam os filhos, tais como nos artigos: Cada um na sua cama, Pela vivência afetiva e cultural das crianças (2015); Pela valorização das ações de bebês e crianças (2014), e, Que tal fazer uma biblioteca de sementes em casa? (2014), o que indica um modo de atenuar a cobrança em relação à responsabilidade educativa da família.

Em relação à disciplina, esta é mencionada indiretamente, como por exemplo, em relação às regras de educação alimentar que os pais devem impor aos filhos, como é verificado no artigo *O Terrorismo Nutricional* (2016). Em relação ao modo como os pais educam os filhos, fazendo o uso da autoridade que lhes compete adequadamente ou erroneamente, a disciplina também é abordada indiretamente, sugestionando que o uso de posturas autoritárias, entre outras atitudes dos pais são responsáveis pela formação de autoestima e da personalidade dos filhos.

Ao ressaltar sobre processos educativos, Gisela se detém especificamente ao nível particular de cada indivíduo e sugere aos pais que não se preocupem tanto com a educação formal, mas sim em possibilitar experiências formativas para os filhos. Deixa a entender que desconsidera, portanto, a realidade da maioria das famílias brasileiras, cujos pais dedicam-se intensamente ao trabalho e cujos filhos passam cada vez mais tempo em outras instituições do que com a própria família.

Considerações Finais

A presente investigação teve como objeto de estudo artigos de opinião da Revista Crescer, sob análise e método dedutivo, consiste em uma contribuição à compreensão do processo de formação cultural dos indivíduos a partir da educação familiar. Assim sendo, conclui-se que a família ainda que não seja a única responsável por formar o indivíduo, tendo em vista que diversas outras organizações contribuem para sua educação, disciplinarização e formação ao longo da vida; ainda exerce um papel preponderante a tal ponto da mídia destinar vasta produção de publicações aos pais no sentido de informa-los sobre a criação dos filhos.

Desde o primeiro capítulo, foi possível apreender conceitos fundamentais da Teoria Crítica que se relacionam à formação cultural, bem como, conceitos de disciplina, família e possíveis relações que se estabeleceram entre si ao longo da história. Pôde-se entender que a família, independente de sua configuração, consiste em uma mediação necessária à formação do sujeito, conseqüentemente, um alicerce para a vida em sociedade.

Tendo em vista que as transformações políticas, econômicas e sociais que modificaram a família trouxeram conseqüências para o exercício da autoridade dos pais, pode-se depreender que educar, disciplinar e formar filhos na contemporaneidade tem se apresentado como um desafio. Do mesmo modo, verificou-se que a mídia tem procurado oferecer respostas e orientações aos pais no que diz respeito à tarefa de educar.

Ao se analisar criticamente o papel efetuado pela mídia Revista Crescer, constatou-se que esta se empenha exaustivamente em informar educadores e oferecer subsídios à formação de sujeitos, colaborando assim, para a conformação e adaptação social de seus leitores, o que a caracteriza como fidedigna representante da indústria cultural na contemporaneidade.

Ao admitir como fundamento a análise e o cotejamento dos artigos de opinião publicados por especialistas em Educação na referida revista, constatou-se que, em grande parte destes, os autores se valem da insegurança e culpa que os pais apresentam com relação à criação dos filhos no sentido de vender um produto aspirado socialmente, informações no formato de “receitas” sobre como educar, representando desta forma um importante instrumento de manipulação ideológica.

O conteúdo dos textos chega a promover aspectos que se relacionam à desautorização dos pais diante da tarefa educativa perante os filhos, portanto, intentam reforçar a ideia que vêm sendo difundida, desde o século XX, de que os especialistas, mais do que os pais, detém o saber que permite melhor educar e formar culturalmente os filhos.

Os artigos de opinião escritos por Ilan Brenman na coluna, Palavrórios e Rabugices, da Revista Crescer, representam o discurso científico da Psicologia, veiculado de modo popular. Para o autor, os problemas educativos das crianças podem ocorrer devido a condições objetivas, tais como, dificuldades econômicas e capacidades particulares do sujeito. Não desconsidera, porém, que podem ocorrer ainda devido a condições subjetivas da vida familiar da criança, como a qualidade do tempo de convivência entre pais e filhos e a participação insatisfatória dos responsáveis na vida escolar e cotidiana das crianças e jovens.

Com relação à disciplina, os artigos publicados se desenvolvem de forma indireta, a partir da noção de limites que deve ser dada aos filhos e na orientação dos pais quanto à liberdade e confiança que devem proporcionar às crianças e adolescentes, com a finalidade de que atinjam a autonomia, como pode ser verificado nos artigos: *Mudanças* (2016), *Acampamento* (2015) e, *Autonomia* (2015).

Verificou-se, também, incentivo aos pais para que adotem condutas e desenvolvam cada vez mais o diálogo com os filhos, sendo estes elementos primordiais para a formação da conduta autônoma. Constatou-se ainda crítica ao uso excessivo das tecnologias por parte de adultos e crianças, o que por vezes atrapalha os relacionamentos interpessoais, verdadeiros responsáveis pela formação do sujeito.

O discurso científico da Sociologia, apresentado em linguagem popular por Gisela Wajskop em seus artigos na coluna, *Educar para a vida da Revista Crescer*, permitem concluir que a participação dos pais como incentivadores da leitura e da criatividade dos filhos é fundamental para a formação cultural dos mesmos.

A autora menciona diversas vezes em seus artigos o sistema educacional do Canadá, ao qual tece elogios, país este onde viveu e de onde escreve para a Revista Crescer, nos anos de 2014 e 2015. Em relação a educação brasileira, tece críticas e lamentações, porém, não descreve medidas edificadoras para a superação das deficiências estruturais relatadas sobre o sistema educacional brasileiro. Desta forma, portanto, ao compará-lo ao sistema educacional de outros países onde já esteve, tais como Estados Unidos, Inglaterra e França, não acrescenta elementos críticos e objetivos para avanço da educação em âmbito nacional, visto que negligencia o papel das condições socioeconômicas na determinação das relações sociais que incidem sobre a formação humana, em especial na família brasileira.

É característico da autora apresentar um fato ocorrido no exterior para, em seguida, trazê-lo à realidade brasileira, chamando a atenção dos pais para o modo como educam os filhos, tais como nos artigos *Cada um na sua cama, pela vivência afetiva e cultural das crianças* (2015), *pela valorização das ações de bebês e crianças* (2014) e, *Que tal fazer uma biblioteca*

de sementes em casa? (2014), numa perspectiva comparativa que insinua desconhecer as distinções culturais e sociais, indicando assim, enfatizar aspectos subjetivos, explícitos na cobrança em relação à responsabilidade educativa da família.

Em relação à disciplina, esta é mencionada indiretamente quando a autora orienta os pais sobre o modo como estão educando seus filhos, com autoridade ou, erroneamente, fazendo uso de posturas autoritárias, ressalta ainda que as atitudes dos pais são responsáveis pela formação de autoestima e da personalidade dos filhos, desta forma, ao reduzir a questão da formação social à aspectos subjetivos, a autora reproduz uma percepção reducionista e alienada da formação humana.

Com relação aos processos educativos, Gisela se detém especificamente no âmbito particular de cada indivíduo e sugere aos pais que não se preocupem tanto com a educação formal, mas sim em possibilitar outras experiências formativas para os filhos, utilizando de vários bens culturais, muitas vezes de difícil acesso. Deixa a entender que desconsidera, portanto, a realidade da maioria das famílias brasileiras, nas quais os pais se voltam exclusivamente para a manutenção das condições básicas de existência, dedicando-se intensamente ao trabalho e por isto os filhos tendo que passar cada vez menos tempo com a própria família, em outras instituições.

Ainda, no âmbito da psicologia dos processos educativos, pode-se afirmar que a psicologia popular ou de senso comum, recurso utilizado pela Revista Crescer, paulatinamente assume na atualidade uma expressão cada vez maior, podendo ser considerada uma droga social, à medida em que contribui para a formação e alienação de indivíduos (Adorno, 2008).

Considerando a função exercida por esta forma de psicologia divulgada pela mídia, o posicionamento crítico por parte dos pais não é estimulado, tendendo, portanto, a se atribuir ao indivíduo aquilo que é socialmente determinado, numa perspectiva subjetivista e reducionista., Isto, porque a *Revista Crescer* reafirma a centralidade da criança na família e a ilusão de que é possível controlar, apenas no âmbito das relações intrafamiliares aspectos que dependem de outras e distintas condições sociais.

Enquanto a maior parte dos artigos parece concordar completamente com o modo de vida estabelecido e com hábitos e instituições circunscritos pela racionalidade subjetiva e instrumental, tentando impedir a libertação da consciência e o posicionamento ativo do indivíduo, outros propõem uma visão mais crítica e emancipatória, uma vez que se opõem à ideia de indústria cultural, tais como *Contrafluxo* (2014) e *Toda a minha vida está aqui!* (2014)

Pode-se, então, concluir que os artigos voltados para o tema da educação dos filhos em âmbito familiar visam apenas os aspectos psicológicos do desenvolvimento do sujeito. Como

dispositivos da mídia, desempenham o papel de difundir uma **ideologia**, a qual na maioria das vezes consiste em uma **ideologia** de cunho conservador, o qual fundamenta e subsidia o status quo. Por conseguinte, contribuem para a reprodução e manutenção das condições sociais de dominação em sentido amplo e consistente com a finalidade de criar um estado de contentamento social, que privilegia aspectos individuais, portanto, menospreza aspectos e problemas inerentes à conjuntura social em que os homens e mulheres se encontram inseridos.

Considerando-se que a principal finalidade dos processos educativos que ocorrem na família ou em qualquer instância de socialização humana deve ser evitar a barbárie social, conclui-se que o centro de toda educação política deve se direcionar ao esclarecimento emancipador e libertário.

A partir da mencionada máxima adorniana, pode-se admitir que o papel da autoridade dos pais na dinâmica familiar relaciona-se ao desenvolvimento de uma noção de disciplina na educação sustentada na alteridade, pois, somente uma educação nesse termo possibilita a formação cultural dos sujeitos em direção à autonomia e emancipação humana, visto que se dá a partir da conscientização e visão crítica diante dos fenômenos políticos, econômicos e sociais.

Ao levantar questionamentos e propor reflexões sobre a função da família, objetivou-se que esta se reconheça enquanto núcleo de resistência a uma formação de massas e acrítica. Ao formar sujeitos com consciência social e com senso ético e moral, a família representa, pois, a contra força e a possibilidade de uma sociedade cada vez mais humana, como bem assinalaram Adorno e Horkheimer (1973). Assim, ainda que na família predominem posturas educativas como a negligência, permissividade ou autoritarismo na criação dos filhos, se faz imperativo como afirma Rousseau (1995) que os educadores, especificamente os pais, busquem o equilíbrio entre os aspectos individuais e as demandas éticas da sociedade no processo educativo.

Conclui-se a investigação dizendo que, a Teoria Crítica, tendo como pilar de sua constituição o diálogo entre a teoria marxiana e a Psicanálise, possibilita, por um lado, a compreensão de determinados processos psicológicos, os quais promovem a constituição do superego no aparelho psíquico do indivíduo. Esta instância psíquica, por sua vez, ao instituir-se a partir da internalização da lei, pode ser responsável pela resistência efetiva à barbárie, ao autoritarismo e, por conseguinte, pelo exercício da moralidade.

Por outro lado, os estudos da Teoria Crítica sob a perspectiva do materialismo histórico, apontam para a compreensão de que o uso salutar da disciplina na relação entre pais e filhos se fundamenta no amor, no desenvolvimento do respeito mútuo e na repressão de determinados comportamentos, permitindo desta forma, que o filho se torne um cidadão crítico, capaz de

enfrentar objeções e obstáculos em favor do gênero humano, posicionando-se contra as arbitrariedades, desigualdade e injustiças sociais, constituindo-se assim, como um sujeito, de fato, esclarecido e emancipado.

Referências Bibliográficas

- Abbagnano, N. (2007). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes. p. 300. Disponível em <<<http://pt.slideshare.net/nafreitas/abbagnano-nicola-dicionrio-de-filosofia-15776809>>> acesso em 05.05.2016.
- Adorno, T. & Horkheimer, M. (1985). A indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas in *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, p. 113-156.
- _____. (1973). Família. In *Temas básicos de sociologia*, São Paulo: Cultrix, p. 132-150.
- _____. (1995). *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Disponível em: <<http://www.verlaine.pro.br/txt/pp5/adorno-educacao.pdf>> Acesso em: 07 de julho de 2016.
- _____. (1995). Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 119-138.
- _____. (1995). Tabus acerca do magistério. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.97-117.
- _____. (1996). Teoria da Semicultura. In: *Educação e Sociedade: Revista quadrimestral de ciência da educação*. Campinas, ano XVII, n 56, out./dez.
- _____. (2008). As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do *Los Angeles Times*: um estudo sobre superstição secundária. Tradução Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP.
- Aquino, J. G. (1996). *Autoridade e autonomia na escola - Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.
- Araújo, U. F. (1996). Moralidade e indisciplina: uma leitura possível a partir do referencial piagetiano. In: Aquino, J. G. (orgs). In: *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus.
- Araújo. C. V. F. O. (2002). Pai, mãe e filho – Família e educação na modernidade. Universidade de São Paulo. *Estilos da Clínica*. v. 7, n. 12 Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/estic/article/viewFile/61123/64123>

Ariès, P. (1981). *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro, LTC. p.154-196.

Artigos *Revista Crescer*, disponíveis em < <http://revistacrescer.globo.com/Colunistas/Ilan-Brenman/noticia/plantao.html> > acesso em 25 de agosto de 2016.

Badinter, E. (1980). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro.

Bisoli-Alves, Z. M. M. (1995). *Família e socialização: processos, modelos e momentos*. Ribeirão Preto: Tese de Livre Docência- FFCLRP/USP.

Bucci, e & Souza F. W. (1997). O jornalismo na Televisão. IN MATTOS, Sérgio. *Televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha*. Salvador: ICBA.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. *Vade Mecum*. 6. ed. São Paulo: Rideel, 2009.

Caldana, R. H. L. (1998). A criança e sua educação na família no início do século: autoridade, limites e cotidiano. Universidade de São Paulo. *Temas em Psicologia*. v. 6. n. 2, 87-103. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v6n2/v6n2a02.pdf>

Canevacci, M. (1987). Introdução. In M. Canevacci (Org), *Dialética da família: Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva* (pp 13-52). São Paulo: Brasiliense. Coelho, T. (1981) *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense.

Chauí, Marilena S. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Donatelli, D. (2004). *Quem me educa? A família e a escola diante da (in)disciplina*. São Paulo: ARX.

Donzelot, J. (1986). *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Graal. p.15-89.

Durkheim, E. (1984). *Sociologia, educação e moral*. Porto: Rés, 1984.

Elias, N. (1994). *O processo civilizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol.2.

Engels, F. (1964). *A origem da família, da propriedade e do Estado*. Rio de Janeiro: Vitória.

- Figueira (1987). O "moderno e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In S. A. Figueira. Uma nova família? O moderno e o arcaico da família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fleig, M. (2008). O pai moderno dilapidado: efeito do declínio patriarcal, 2008. *Revista do Instituto Humanista da Unisinos: IHU On-line*. São Leopoldo, n.8. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2001&secao=267> acesso em 02/06/2016.
- Freitag, B. (1987) Política educacional e indústria cultural. São Paulo: Cortez Editora.
- Freud, S. (1974)a. O mal-estar na civilização. In: *Obras Completas*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974)b. O mal-estar na civilização.. Recuperado de [http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%E7%E3o%20%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%E7%E3o%20%20(Sigmund%20Freud).pdf)
- _____. (1974 b). O futuro de uma ilusão. In: *Obras Completas*, v. XXI, Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1969). Sobre o Narcisismo: uma introdução. In S. Freud. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (pp 77-108; Vol. XIV; Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S.Freud). Rio de Janeiro: Imago. Originalmente publicado em 1914.
- Gramsci, A. (2002). Cadernos do cárcere. Vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Horkheimer, M. (1990) Autoridade e família. In: *Teoria Crítica I: uma documentação*. São Paulo: Perspectiva.
- Horkheimer, M. (1970). Autoridad y familia en la época actual. In: M. Horkheimer. *Sobre el concepto del hombre y otros ensayos*. Buenos Aires: Sur.
- Houaiss, A. (1915-1999) e Villar, M.S. (1939-). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- Jerusalinsky, J. (1996). Somos todos violentos? *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n.12, Psicanálise em tempos de violência. Artes e Ofícios, p. 06-12.

Kant, E. (1996) *Sobre a Pedagogia*. Piracicaba: Editora Unimep.

_____. (1990). Idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70. pp. 21-37.

Lacan (1981). *A Família*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 44-64. Disponível em: <<http://www.nucleoestudosfreudianos.com/resources/Jacques%20Lacan%20-%20A%20fam%C3%ADlia.pdf>> acesso em julho de 2016.

Lajonquière, L. (1996). *A criança, sua (in) disciplina e a psicanálise*. In: Aquino, J.G. (org). *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus.

_____. (1999). *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes.

Lasch, C. (1983). *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1977). *Família: Refúgio num mundo sem coração*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

La Taille, Y. (1996). *A indisciplina e o sentimento de vergonha*. In: Aquino, J.G. *Indisciplina na escola*. São Paulo: Summus.

_____. (2002). Uma interpretação psicológica dos "limites" do domínio moral: os sentidos da restrição e da superação. Disponível para download em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2079>> acesso em: 04 de abril de 2016.

_____. (2003). *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Editora Ática.

Lebrun, J.P. (2004). *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Leme, E.S & Costa, V.A. Formação estético-cultural no pensamento de T. W. Adorno. in *Estética ISSN, São Paulo, n.10, jan-jul, 2015. disponível em* <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:FrBojNpr6mUJ:www.usp.br/estetica/index.php/estetica/article/download/3/3+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> acesso em 25 de agosto de 2016.

LOBO, Paulo Luiz Netto. Entidades familiares constitucionalizadas: para além do numerus clausus. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 7, n. 53, 1 jan. 2002. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/2552>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

aar,W. L. (1995) À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp.11-28.

_____ (2003). Adorno, Semiformação e Educação, in *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n.83, pp. 459-476, agosto 2003. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br/>>

Marx, K. (1980). O Capital. 6a., ed. livro I. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

Marx, Karl, (1987) Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Global.

Matos, O. C. F. (1993). *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*. São Paulo: Moderna.

Mitscherlich, A. (1985). A ausência do pai. In M. Canevacci (Org), *Dialética da família: Gênese, estrutura e dinâmica de uma instituição repressiva* (pp 235-243). São Paulo: Brasiliense. (Extraído de A. Mitscherlich (1970). *Verso uma società senza padre*, Milão, pp. 175-179, 182-184).

Piaget, J. (1996). Os procedimentos da educação moral. In: Macedo, L. (org). *Cinco estudos de educação moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Postman, N. (1999). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia.

Priszkulnik, L. (2002). A criança que a psicanálise descortina: algumas considerações. In: D. De Rose Júnior (Org.), *Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar* (pp.11-23). Porto Alegre: Artmed.

Rego, T.C.R. (1996). A disciplina e o processo educativo. In: Aquino, J.G. (org). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

Reis, J.R.T. (1992). Família, emoção e ideologia. In: Lane, S. T. M. E Codo, W. (Orgs). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo, Brasiliense, pp. 99-124.

Ribeiro, A.C.T & Ribeiro, I. (1993). *Família e Desafios na Sociedade Brasileira: Valores como um ângulo de análise*. São Paulo: Edições Loyola.

Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar.
- Roure, S. A. G. (2009). *Concepções de indisciplina escolar e limites do psicologismo na educação*. Goiânia: UFG, 2000. (Dissertação de mestrado).
- Rousseau, J. (1973). *Do Contrato Social*. Amsterdam: Copyright. Livro de domínio público, disponível em < <http://lelivros.download/book/download-do-contrato-social-jean-jacques-rousseau-em-epub-mobi-e-pdf/>> acesso em 15 de julho de 2016.
- _____. (1995). *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes.
- Saffioti, H. I. B. (1979). *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Coleção Sociologia Brasileira, vol. 4. Petrópolis: Vozes,
- Sartório, M.O. (2006). *Relações entre educação familiar, indisciplina na escola e desenvolvimento moral em adolescentes*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Luterana do Brasil. Guaíba, RS.
- Saviani, D. (1985). *Escola e democracia*. 9a., edição. Cortez Editora.
- _____, D. (2011) *Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações*. 11a ed. revisada. Campinas. SP: Autores Associados.
- Simões, A e Perez, B. (2014). Famílias. In *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida*. p. 67-99. Disponível em: - <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv91983.pdf> visualizado em 28/09/2015.
- Vigotsky, L.S., Luria, A., Leontiev, A. (orgs) (1991). *Psicologia e Pedagogia: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento*. São Paulo: Moraes.
- Vitarello, M, A. (2011). Família contemporânea e as funções parentais: há nela um ato amor?. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n32/n32a02.pdf>
- Zanetti, S, A, S, e Gomes, I, C. (2011). A "fragilização das funções parentais" na família contemporânea: determinantes e consequências. *Temas psicol.* [online]. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. vol. 19, n. 2. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_isoref&pid=S1413389X2011000200012&ln

[g=pt&tlng=pt](#) . In Zanetti, S.A.S. (2011). Efeitos da Fragilização dos Papéis Parentais em determinados comportamentos de crianças no ambiente escolar, na contemporaneidade. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Winnicott, D.W. (1999). *Conversando com os pais*. São Paulo: Martins Fontes.

_____ (2000). A tendência anti-social In Winnicott, D.W. (Org). *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas* (pp. 406-416). Rio de Janeiro: Imago Ed. (Originalmente publicado em 1956).

ANEXOS

Anexo A

Categorização de artigos Ilan Brenmam

Tema: Incentivo à leitura dos filhos, importância da leitura.

Título: Presente de grego

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia, 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 15/07/2016

Resumo: Este texto remete aos pais sobre a importância da leitura de livros clássicos para a criança, a fim de que esta compreenda as origens e significados de expressões populares de sua própria língua, tais como "presente de grego" e "cavalo de Tróia".

Tema: Diálogo com os filhos, sensacionalismo da mídia.

Título: Juventude Perdida?

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa.

Publicação: 01/06/2016

Resumo: Estudos científicos apontam que os índices de violência no mundo estão diminuindo gradativamente a cada ano. Todavia, muitos veículos de comunicação, por intermédio do sensacionalismo, querem transmitir a imagem de que vivemos no pior dos mundos. O autor apresenta o conflito entre gerações como um fenômeno histórico, bem como o embate entre o velho e o novo. Ressalta a importância de os pais tentarem se aproximar da geração atual, a fim de compreenderem anseios e angústias dos filhos por meio do diálogo, possibilitando um aprendizado mútuo.

Tema: Pais superprotetores

Título: Mudanças

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina;

Publicação: 18/04/2016

Resumo: O artigo aborda as mudanças enfrentadas por crianças como fatores importantes ao seu desenvolvimento psíquico e emocional, os quais devem ser vivenciados e não evitados, tais como: mudanças de escola, de casa, de cidade ou mesmo de país. Por isso, os pais não devem adotar a postura de superprotetores tentando inibir o sofrimento dos filhos, mas sim, oferecer-lhes apoio para superar estas supostas transições.

Tema: Diálogo com os filhos

Título: Adianta ajudar os outros?

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 15/03/2016

Resumo: O artigo aborda o momento de refeição em família como uma oportunidade para ouvir e dialogar com os filhos. Aponta que as crianças são influenciadas pelo que escutam na mídia e podem expressar preocupações sociais como, por exemplo, a crise econômica enfrentada pelo Brasil na atualidade. Logo, por meio de uma fábula criada pelo autor e contada por ele a seus filhos, estes podem refletir sobre atitudes morais e imorais que são veiculadas por meios de comunicação.

Tema: Programas de culinária e gastronomia

Título: Bom Appétit!

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa.

Publicação: 16/02/2016

Resumo: O artigo critica a obsessão da mídia em exibir programas sobre culinária e gastronomia. Afirma que o excesso de tais programas televisivos, voltados a adultos e crianças, impede o desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos, de modo que se tornam impedidos de conversar sobre assuntos úteis e que, de fato, possam transformar suas vidas, de modo a contribuírem para a construção de uma sociedade melhor.

Tema: Pais superprotetores, disciplina na educação, formação para a autonomia.

Título: Acampamento

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 15/12/2015

Resumo: O artigo aborda a experiência dos filhos acamparem na ausência dos pais como uma atividade de divertimento para estes em contraposição a uma atividade de esforço e de desprendimento experimentada pelos pais. O autor, como pai, é a favor desta experiência pelo amadurecimento dos filhos, para que possam desenvolver noções de autonomia e responsabilidade.

Tema: Pais superprotetores, formação para a autonomia.

Título: Autonomia

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 13/10/2015

Resumo: O artigo aborda a relação entre pais superprotetores e filhos e cita, como exemplo, os pais que influem diretamente na escolha profissional dos filhos. Outro exemplo mencionado trata-se do excesso de atividades na infância, característica contemporânea em que os pais oferecem um universo de possibilidades de aprendizagem aos seus filhos, mas não deixam que os mesmos enfrentem os desafios da vida sozinhos. Assim, o autor contrapõe o excesso de informações recebidas pelos pais por meio da mídia diante da dificuldade de educar e formar filhos, demonstrando o avanço cognitivo dos mesmos em oposição ao retardo no desenvolvimento de sua autonomia e emancipação nos dias atuais.

Tema: Livros de colorir para adultos, infantilização do mundo adulto.

Título: O que está por trás da febre dos livros de colorir

Categoria: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa.

Publicação: 02/09/2015.

Resumo: O artigo aborda o destaque e perigo que os livros de colorir implicitamente imprimem nos adultos na atualidade. Estes são apontados como produtos culturais que não exigem esforço ou reflexão por parte dos consumidores, mas, que são utilizados por adultos no sentido de atenuarem a tensão do penoso cotidiano por meio da atividade recreativa de colorir. Todavia, o autor critica a escolha da atividade de colorir em detrimento da leitura de bons livros, apontando uma infantilização do mundo adulto.

Tema: Ética, valores morais, formação moral dos filhos

Título: Como ensinar justiça aos nossos filhos?

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 18/05/2015

Resumo: O artigo apresenta que o senso de justiça deve ser ensinado aos filhos por meio de ações morais dos próprios pais. Tendo em vista a cultura brasileira, que considera como "esperto" aquele que tira vantagem em detrimento do outro e que diante da intensa exposição pela mídia das injustiças sociais é necessário que os pais ensinem aos filhos os verdadeiros critérios de ética e valores morais. O autor ressalta que os educadores devem pedir aos filhos para que exerçam a empatia, ou seja, o ato de se imaginarem e se colocarem no lugar do outro, para que assim possam avaliar se houve ou não injustiça, incentivando o diálogo entre pais e filhos e as reflexões críticas.

Tema: Crítica às redes sociais e ao excesso de atividades dos filhos.

Título: Solidão

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 20/03/2015

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre a solidão e o medo humano de ficar sozinho. Aborda que, o uso das redes sociais criou a ilusão da eterna felicidade da vida do outro, tendo em vista que apenas esta faceta da vida das pessoas é exposta nas mídias sociais, fato que tem contribuído para o aumento da percepção da solidão. Os pais precisam se atentar para não deixar que seu próprio medo da solidão se projete nos filhos e para não os sobrecarregarem a todo tempo alguma atividade ou distração. O autor ressalta que os pais devem proporcionar mais momentos de silêncio e calma aos filhos para que possam escutar suas próprias ideias e, com elas, transformarem o mundo ao seu redor.

Tema: Importância da leitura, afetividade na relação pais-filhos, valorização das relações interpessoais.

Título: A criação perfeita

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 12/02/2015

Resumo: O autor tece elogios à prática da leitura, comenta a crescente produção literária voltada às crianças, a abertura do mercado nacional a livros estrangeiros nas últimas duas décadas e, o avanço no maior acesso destes objetos culturais pelas crianças. Acrescenta ainda que, diante da vida estressante da modernidade, é possível resgatar por meio da leitura de um livro para um filho a verdadeira essência humana, a oportunidade de compartilhar palavras e fortalecer vínculos afetivos num mundo real, não virtual.

Tema: Excesso de tecnologia e desvalorização das relações interpessoais reais.

Título: A rede

Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa.

Publicação: 18/12/2014

Resumo: O artigo é um convite aos pais para refletirem sobre as consequências do uso excessivo de tecnologias e mídias sociais por seus filhos. Brenmam ressalta a importância de dosar os benefícios e malefícios advindos e causados pelo uso de tais entretenimentos e, o quanto estes podem estar diminuindo o tempo de convívio social dos filhos com pessoas reais e, acima de tudo, em lugares reais. O autor emite sua opinião fundamentado em uma pesquisa americana que aponta que os laços sociais influenciam de forma positiva a formação cultural dos filhos, em contraposição ao que as redes sociais propiciam.

Tema: Estímulo à leitura, crítica ao excesso de vigilância na contemporaneidade e ao baixo investimento em educação.

Título: 1984 é hoje!

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa.

Publicação: 13/11/2014

Resumo: O artigo se remete à obra "Big Brother, o Grande Irmão" de George Orwell (1984) para mencionar a sociedade supervigiada por câmeras e o fim da privacidade nos dias atuais. Critica ainda a proposta do Senado de simplificar a língua portuguesa a partir da retirada de alguns vocábulos, tais como "ss", "ç", "ch", ao invés de investir na educação. Brenman defende que, menos repertório linguístico implica em menos pensamento e reflexão dos indivíduos, enfatizando a importância do estímulo linguístico para o desenvolvimento saudável na infância.

Tema: Valores morais, modelos educacionais.

Título: A busca pela felicidade

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 20/10/2014

Resumo: O artigo apresenta o histórico e o desenvolvimento do conceito de felicidade desde a percepção de filósofos gregos até os dias atuais. Para o psicólogo Brenman, a concepção de Sócrates sobre a felicidade consiste em que a mesma só poderia ser buscada depois de garantido o sustento próprio e da família. Para Aristóteles, o conceito de felicidade relaciona-se ao bem comum e à busca pelo autoconhecimento. Já para Epicuro, a felicidade consiste no viver prazerosamente, ou seja, em ter um estilo de vida simples, em ser gentil, e amável com as pessoas e estar rodeado por amigos. Na Idade Média, houve renúncia à felicidade terrena, todavia, com o advento do Iluminismo e da modernidade, a felicidade foi evidenciada a partir da busca do prazer egocêntrico a qualquer custo.

Temas: Valores morais, posturas educacionais.

Título: As grandes perguntas

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 19/09/2014

Resumo: O artigo instiga os pais à refletirem acerca das grandes perguntas que as crianças fazem acerca de Deus, da morte, da justiça e da sexualidade. Brenman afirma que as crianças são como os filósofos: curiosos, inquietos e que duvidam do que vêem, sendo incompreendidas e muitas vezes ridicularizadas e hostilizadas. Logo, menciona o recurso que utiliza com as próprias filhas quando elas o fazem grandes perguntas, devolvendo as mesmas, pois estas não requerem grandes respostas, mas sim respeito, bom senso, sensibilidade e, principalmente, humildade por parte dos adultos para entender que às vezes, as crianças têm melhores respostas que os próprios adultos.

Temas: Educação, formação, valores morais, valorização do passado, modelos educacionais.

Título: A velhice

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 25/07/2014

Resumo: O artigo estabelece crítica voltada à sociedade atual, pois, analisa a extrema valorização da juventude, o menosprezo e aversão aos velhos e à velhice. O autor ressalta a importância dos pais educarem seus filhos para que reconheçam o valor dos seus antepassados, tenham orgulho da tradição, construam laços fortes com o passado e compreendam e respeitem a velhice, pois esta é o destino de todos no ciclo da vida.

Temas: Consumismo, narcisismo, supervalorização da imagem, distinção social.

Título: Contrafluxo

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa.

Publicação: 23/05/2014

Resumo: Brenman inicia o artigo fazendo um relato pessoal que aponta preferência em viajar no contrafluxo, ou seja, fora do período de alta temporada, pois, permite evitar o trânsito e o estresse. O autor propõe que na tumultuada vida moderna, de abundância e incentivo ao consumo de objetos infantis, preocupação exagerada com a beleza e a estética, os leitores pais e mães lidem com a vida no contrafluxo, de modo a extraírem mais sentido para a existência de seus filhos.

Temas: Autoridade parental, modelos educacionais, adultização da infância, infantilização dos adultos.

Título: Quero ser grande

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 19/05/2014

Resumo: O artigo aponta o fenômeno social da adultização da infância, verificado na contemporaneidade por características como agenda da criança cheia de compromissos, medicalização de comportamentos infantis, dentre outros. Por outro lado, Brenmam critica o fenômeno social da infantilização dos adultos, que aparentam renunciar a responsabilidade pelos seus atos e escolhas, efetuando assim o eterno culto da juventude. O autor ressalta ainda que, para o crescimento saudável da criança na família, é fundamental a distinção entre os papéis de cada familiar, para que estes sejam claros e não ocorra inversão de posições entre papéis de pais e filhos.

Temas: Tecnologias, desvalorização das relações interpessoais reais, narcisismo virtual e egocentrismo.

Título: Espelho, espelho meu.

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 14/04/2014

Resumo: O texto apresenta o mito de Narciso e, a partir dele, o problema contemporâneo do mundo virtual extremamente narcisista, que tem como emblema o excesso de vaidade exibida em autorretratos de crianças e adultos que são postados nas redes sociais, conhecidos popularmente como *selfies*. Por meio de explicações psicanalíticas fundamentadas em Freud e Lacan, o autor ressalta que a superação da diferenciação entre o eu e o outro é fundamental para o amadurecimento do sujeito e afirma que, atualmente os jovens apresentam forte tendência ao egocentrismo, pois possuem dificuldade em enxergar além de sua própria imagem, o que acarreta na desvalorização das diferenças interpessoais e das relações humanas reais e concretas.

Temas: Filosofia para leigos

Título: Frases e Adendos 3

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 14/04/2014

Resumo: citações de filósofos e breves comentários do autor acerca destas. ex: *“Não há silêncio maior do que o ruído absoluto, e a abundância de informação pode gerar a ignorância absoluta.”* Umberto Eco (1932-).

Temas: Valorização excessiva de tecnologias, relações humanas.

Título: Toda a minha vida está aqui!

Categorias: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 31/01/2014

Resumo: O texto apresenta a teoria criacionista da vida a partir da grande explosão conhecida como o Big Bang. Em seguida, o autor critica o uso excessivo bem como a dependência precoce de tecnologias como o celular, em detrimento das relações interpessoais.

Temas: Preocupações quanto à escola dos filhos, inserção no mercado de trabalho, distinção de classes sociais.

Título: Como escolher uma boa escola?

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia; 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 09/12/2013

Resumo: O texto apresenta critérios de seleção de uma boa escola para os filhos, tais como: ênfase na localização, *infraestrutura*, *corpo docente qualificado*, *proposta pedagógica*, *boas bibliotecas*. *Tais características evidenciam de forma implícita que a escola é vista como objeto mercadológico, fruto da indústria cultural e, movido pelo capitalismo. O autor ressalta que a preocupação dos pais com o uso de tecnologias na escola deve ser secundária, pois estas devem ser apenas auxiliares na tarefa educativa. Além disso, estabelece crítica relativa à preocupação precoce dos pais com exames de avaliação institucionais seriadas dos filhos, como o ENEM e vestibulares. O autor salienta que os aspectos mais importantes a serem levados em conta são: as crianças devem estar aprendendo, socializando e sendo felizes na escola.*

Tema: Formação cultural, autonomia dos sujeitos, mídia.

Título: Sonhos

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia e posturas educacionais; 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 09/12/2013

Resumo: O texto apresenta as funções do sonho segundo perspectivas biológica e psicanalítica. Em seguida, o autor fundamenta-se em estudo da neurobiologia para afirmar que a geração atual tem sonhado menos, pois os mesmos têm sido substituídos por uma avalanche de estímulos externos veiculados pela televisão, cinema e internet.

Temas: Reificação de mercadorias, distinção social, educação familiar.

Título: Vidas etiquetadas

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia e posturas educacionais, 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa

Publicação: 16/10/2013

Resumo: O texto apresenta o uso de marcas famosas como mecanismo de identificação com o grupo, de sentimento de pertença a este, o que pode gerar conflitos familiares e sociais. Por meio do mecanismo de reificação, cada vez mais precocemente se apresenta o desejo por vestir determinadas marcas e ostentar prestígio social, o que conseqüentemente, contribui para o aumento da violência urbana, uma vez que os indivíduos menos favorecidos economicamente chegam a roubar para possuir determinada etiqueta de valor social. O autor chama atenção dos pais para que, na educação familiar, parem e pensem antes de etiquetar seus pequenos filhos e ensiná-los tais valores como algo positivo.

Tema: Linguagem, autonomia, educação familiar, modelos educacionais.

Título: Mastigação

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia e posturas educacionais; 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 05/09/2013

Resumo: O texto apresenta, por meio da ilustração sobre o ato de mastigar, este que é inicialmente facilitado pelos pais e depois desenvolvido pelas crianças de forma autônoma, analogia ao desenvolvimento da linguagem e ampliação do vocabulário dos pequenos. Pode-se estabelecer analogia ao desenvolvimento da autonomia da criança pois, é por meio do balbucio dos primeiros fonemas e, do estímulo oral feito pela mãe, que a criança pode se esforçar para desenvolver a linguagem. Inicialmente, os pais também devem facilitar a vida da criança resolvendo seus problemas, mas, posteriormente, devem oferecer condições para que ela possa resolvê-los sozinha, de forma autônoma.

Temas: Moralidade, bons costumes, educação familiar

Título: Dilemas

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia e posturas educacionais; 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 25/07/2013

Resumo: O texto descreve uma brincadeira infantil criada pelo autor denominada "Dilemas". Nesta brincadeira, aborda a temática da moralidade, pois, suas filhas devem fazer escolhas e refletir sobre suas consequências como, por exemplo, contar uma mentira para o bem-estar coletivo ou individual, atitudes estas, morais ou não. O que o texto ressalta de fato é a importância de os pais dialogarem com seus filhos acerca de condutas morais e bons costumes.

Temas: Mídia e características da modernidade

Título: Futurologia

Categorias: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 12/07/2013

Resumo: O texto apresenta previsões negativas do futuro no formato de manchetes de notícias sensacionalistas veiculadas num jornal no ano de 2040, as quais tratam de críticas políticas e sociais acerca das características do mundo moderno, ironizando, por exemplo, as problemáticas perspectivas futuras quanto à mobilidade urbana no Brasil, o excesso de grupos ativistas, a perpetuação da fome em nível mundial e o déficit habitacional na cidade de São Paulo. O autor ressalta que estes problemas estão presentes na atualidade e, provavelmente, serão acentuados no futuro, de forma paralela aos avanços científicos e tecnológicos em nível mundial.

Temas: Bullying, sublimação, educação, formação de caráter, autonomia.

Título: Bullying em Crypton

Categorias: 2) Formação cultural e formação moral

Publicação: 23/05/2013

Resumo: O texto apresenta a questão do bullying nas escolas por uma ótica positiva, que enxerga este tipo de ato como oportunidade para os filhos se fortalecerem, ao conseguirem transformar o sofrimento causado pelo bullying em produções criativas. Para isso, apresenta casos de pessoas que sofriam bullying mas que se destacaram socialmente, tais como os ilustradores do Batman e Robin e cantores happers, que conseguiram superar a violência que sofriam por meio da arte, tornando-se assim autônomos.

Temas: Educação, relação pai-professor

Título: O valor da educação

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 23/05/2013

Resumo: O autor faz um relato pessoal informando que, por diversas vezes foi convidado para ministrar palestras em escolas particulares de forma gratuita, queixa-se assim da desvalorização do profissional da educação. Logo, faz um apelo aos leitores para que valorizem e reconheçam o trabalho dos educadores de seus filhos, tendo em vista que, muitas vezes, estes passam mais tempo convivendo com os educadores em escolas ou outras instituições do que com a própria família.

Temas: Relação pais-filhos, afetividade, pais participativos, autonomia dos filhos.

Título: Bicicleta

Publicação: 03/05/2013

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia e posturas educacionais; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Resumo: O texto fala da importância dos pais conviverem afetivamente com seus filhos a despeito de deixá-los brincando sozinhos a mercê dos artefatos tecnológicos. Assinala que é valioso ensinar coisas que ficarão guardadas na memória dos filhos, tal como ensiná-los a andar de bicicleta.

Temas: Educação, formação, conhecimento, autonomia.

Título: Carta dobrada ao meio

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina; 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 03/05/2013

Resumo: O texto apresenta a etimologia da palavra diploma, de origem do latim, que significa carta dobrada ao meio. O autor incita a reflexão dos pais sobre o modelo educativo que dá mais valor ao documento do que ao conhecimento em si, pois o diploma deveria ser uma consequência do aprendizado e não um objetivo. O autor efetua crítica à formação educacional de jovens em escolas públicas e privadas, que não os preparam para que se tornem sujeitos pensantes e ativos na sociedade.

Temas: Valores morais e sucesso profissional

Título: Milagre

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 03/05/2013

Resumo: O autor discorre sobre suas experiências de sucesso com adolescentes, que consistem em diálogos e palestras que duram mais de uma hora. Para ele, conseguir prender a atenção dos jovens não é um milagre, por outro lado, um milagre seria indicar um livro que possa mudar a vida de um destes jovens, conscientizando-o de que ele é um agente de mudanças.

Temas: Relação pais-filhos, tecnologia, diálogo com os filhos, distinção social.

Título: Trim, trim

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina, 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação de massa

Publicação: 04/2013, publicado na forma impressa na edição do mês 04/2011

Resumo: O artigo aborda a questão do celular como aparato tecnológico que distancia as pessoas que estão próximas. Afirma que o momento da refeição fora de casa, como a ida a um restaurante, trata-se de uma oportunidade para os pais ouvirem os filhos e dialogarem com eles e, assim, fortalecerem vínculos afetivos desgastados pelo árduo cotidiano.

Anexo B

Categorização de artigos Gisela Wajskop

Temas: Educação alimentar

Título: O terrorismo nutricional

Categorias: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa.

Publicação: 20/07/2016

Resumo: A autora comenta sobre a leitura que fez do livro *Sugar Blues*, a respeito dos malefícios do consumo de açúcar em excesso, tais como o vício e seu potencial efeito de desencadear doenças como o diabetes. A partir disso, apresenta o comportamento obsessivo que alguns pais desenvolveram de controlar exageradamente o consumo de açúcar pelos filhos. Alerta-os que é importante reconhecer os malefícios, mas não há necessidade de fazer terrorismo e impedir os filhos de saborear, por exemplo, um brigadeiro eventualmente. Gisela vislumbra que impedi-los totalmente de comer, poderia levá-los à compulsão alimentar.

Tema: Educação lúdica, relação pais-filhos

Título: Letras que têm vida

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina.

Publicação: 12/07/2016

Resumo: A autora chama a atenção dos pais sobre a associação que as crianças fazem das letras com objetos já conhecidos por elas, quando estão em fase de alfabetização. Descreve a importância do estímulo a conhecer as letras por meio da leitura e de experiências lúdicas. Assim sendo, descreve uma vivência pessoal que teve com a sopa de letrinhas quando criança, pois conseguia extrair magia e significado desta atividade quando brincava com seus irmãos na mesa do jantar.

Temas: Posturas educacionais adotadas pelos pais

Título: A arte de ser pai e mãe

Categorias: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia, 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 15/04/2016

Resumo: O artigo é um convite aos pais a refletirem sobre o modo como estão educando seus filhos. A autora cita o método de ensino Montessori, que privilegia a liberdade da criança e está inserido no movimento das Escolas Novas e, comenta as diferentes personalidades adotadas pelos pais na educação das crianças, tais como: personalidade autoritária, permissiva e com autoridade. Menciona ainda as conseqüentes formações de autoestima e personalidades dos filhos, como por exemplo: personalidade crítica, passiva e generosa, egoísta ou pacífica e violenta.

Temas: Experiências formativas, relacionamentos interpessoais

Título: Vale muito a pena viver

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 30/03/2016

Resumo: A autora descreve sua experiência pessoal acerca das duas gestações que teve, dos dois filhos que criou junto ao marido, pois, lembra-se de ter aprendido com eles fundamentalmente a "amamentar, observar, escutar". Assinala que vale a pena viver experiências formativas que a vida proporciona, baseadas estas na troca, na escuta, no afeto, no toque e no olhar.

Tema: Educação alternativa

Título: Natural e real

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 14/03/2016

Resumo: O artigo trata de uma apresentação sobre um novo modelo de escola que tem se disseminado no Brasil e no exterior. São as escolas ambientadas em fazendas, onde as crianças são introduzidas desde cedo aos meios rurais e agrícolas. Este modelo de escola surgiu a partir de estudos realizados pelo pesquisador norte-americano Richard Louv, o qual categorizou uma suposta síndrome, *Nature Deficit Disorder*, causada pela falta de contato entre crianças e natureza.

Tema: Convivência familiar e sistema educacional brasileiro

Título: Democracia: só rezando mesmo!

Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia.

Publicação: 22/02/2016

Resumo: A autora escreve sobre políticas públicas relacionadas à educação e menciona o caso de sua funcionária Waldete, que possui uma filha de quatro anos e sofre por não poder deixá-la na creche em período integral. Em decorrência da idade da criança, Waldete foi obrigada a matriculá-la em uma escola municipal que funciona apenas meio período, tendo em vista que trabalha fora de casa, se vê obrigada a deixar a filha o restante do dia com vizinhos.

Tema: Carnaval, tempo de renovar as energias
Título: Carnaval: uma pausa para respirar!
Categoria: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa
Publicação: 02/02/2016

Resumo: A autora baseia o artigo em sua experiência pessoal. Descreve-se surpresa diante do grande número de foliões que brincam nas ruas de São Paulo e de outras cidades brasileiras e descreve como seus dois filhos se divertem nesta data festiva, se transvestindo de personagens. Ela considera esta manifestação popular como uma oportunidade de vivenciar a diversidade e o respeito mútuo, como um marco anual que deve ser celebrado para que os brasileiros se inspirem na alegria e na criatividade da festa, para lidarem com as lutas que terão que enfrentar no restante do ano.

Tema: Educação e políticas públicas
Título: Muito além da lição de casa
Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia.
Publicação: 08/12/2015

Resumo: A autora escreve o artigo a partir de sua experiência pessoal de participação no *Programa Integrar* na cidade histórica de Paracatu-MG, onde falava aos pais da importância dos mesmos participarem no acompanhamento da lição de casa dos filhos e na construção de uma escola democrática.

Tema: Educação precoce e lúdica
Título: Ler e escrever cedo demais. Pra quê?
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 23/11/2015

Resumo: O artigo trata da antecipação da alfabetização. Para a autora, bebês com menos de 18 meses que reconhecem palavras não as aprenderam realmente, pois, não se apropriaram da cultura, mas foram condicionados assim como animais, a memorizá-las mediante recebimento de reforço afetivo. Desta forma, Gisela critica tal fenômeno, pois a "antecipação da leitura" retiraria o prazer do aprendizado e da alfabetização por meio do uso de recursos do dia-a-dia que poderiam ser utilizados, como a leitura de placas na rua. A autora enfatiza aos pais que é necessário ler bastante para as crianças e brincar com as palavras, sendo a leitura um passo posterior.

Temas: Educação para a autonomia

Título: Cada um na sua cama.

Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia

Publicação: 30/10/2015

Resumo: O artigo apresenta estudo antropológico que aborda o fenômeno do filho dormir na mesma cama que os pais em diversas sociedades e culturas. Fato este que em algumas é considerado positivo, em outras, negativo. Portanto, ressalta o valor de ter os filhos por perto dos pais, mas também a importância de oferecer possibilidade de autonomia a eles.

Tema: Relações familiares

Título: Sogra e noras: uma antiga discussão

Categoria: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa.

Data: 29/09/2015

Resumo: A autora questiona o porquê da relação entre sogra e nora ser um tema polêmico ainda nos dias atuais, dando a entender que ambas são rivais na típica família tradicional e propondo uma desconstrução deste modelo. A partir do exemplo de duas pessoas conhecidas suas e de seu próprio exemplo, propõe a construção de boas relações por meio do diálogo, para que ambas se beneficiem da relação e possam, conseqüentemente, se envolver de forma positiva.

Tema: Educação infantil no Canadá

Título: Como as crianças canadenses aprendem na escola?

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Data: 01/09/2015

Resumo: A autora escreve sobre sua experiência de, morando no Brasil, ouvir sobre a metodologia de ensino infantil do Canadá, país considerado como o que possui o melhor sistema educacional do mundo. O método investigativo utilizado pelos professores se baseia nas perguntas que são feitas pelas próprias crianças, na curiosidade delas acerca da natureza por exemplo. Além disso, os temas são abordados por meio de brincadeiras e confecção de materiais pelas crianças relacionados ao conteúdo aprendido, o que permite a internalização do conhecimento e uma adequada formação do sujeito.

Tema: Educação, desenvolvimento e saúde mental
Título: Por aulas que comecem um pouco mais tarde
Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia
Data: 29/07/2015

Resumo: O artigo aborda o comportamento dos adolescentes de sentirem sono durante as aulas como algo natural, tendo em vista que precisam dormir de 8,5 a 9,5 horas por dia e fisiologicamente é natural dormirem mais tarde e acordarem mais tarde, levando em consideração que o funcionamento de seu cérebro é diferente do cérebro de crianças ou adultos. Desta forma, a autora apresenta o exemplo bem-sucedido de países desenvolvidos que mudaram o horário de suas aulas e, começando um pouco mais tarde, o desempenho dos alunos melhorou, tais como Coréia do Sul, 43 estados dos Estados Unidos e Canadá. Assim, almeja que este modelo seja adotado pelo sistema educacional brasileiro, para que respeite as necessidades do adolescente.

Tema: Educação nos Estados Unidos e no Brasil
Título: O que vem de fora é melhor?
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Data: 29/07/2015

Resumo: Gisela relata sua insatisfação em relação ao modo com o qual os professores brasileiros são tratados, tanto em relação a sofrerem agressões de alunos, quanto a condições de trabalho ruins e pelo fato de não serem bem representados politicamente. Por outro lado, a autora apresenta satisfação em comparar o sistema educacional brasileiro com o de outros países, a fim de obter informações que possam enriquecer a prática docente no Brasil. Ao chegar de viagem dos Estados Unidos, constata que a Educação é assunto sério tratado pelos políticos estadunidenses, ao contrário do que se verifica aqui. Todavia, a autora constata que o acesso a boas escolas e universidades de ponta nos Estados Unidos não é algo universal.

Tema: Desempenho escolar
Título: Alunos considerados inteligentes não nascem assim
Categoria: 1) Modelos disciplinares enfatizados pela mídia
Publicação: 25/06/2015

Resumo: A autora descreve o livro que leu, *As Crianças Mais Inteligentes do Mundo e Como Elas Chegaram Lá*, de Amanda Ripley. Afirma que estudantes da Polônia, Coréia do Sul e Finlândia, apesar das diferenças culturais próprias destes países, apresentam problemas semelhantes aos verificados em estudantes brasileiros, tais como: o uso de bebidas, cigarros, maconha, gosto pelo uso de tecnologias como o *Whatsapp*, dentre outros. Os pais destes alunos, bem como os pais brasileiros também apresentam expectativas em relação futuro dos filhos e tendem a adotar postura superprotetora para evitarem o sofrimento dos filhos. Características comuns observada pela autora nos estudantes que obtém alto desempenho escolar é que eles sonham em protagonizar um mundo melhor quando adultos, se dedicam intensamente aos estudos e, passam por desafios e frustrações até alcançarem o sucesso.

Tema: Educação participativa

Título: Todos sempre aprendendo

Publicação: 08/06/2015

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Resumo: A autora descreve a experiência que vivenciou num evento que foi em São Paulo sobre educação infantil. Receosa pelo prospectiva do corte de verbas para creches de seu município, Gisela compara a fala de professores brasileiros de educação infantil com a experiência que vivenciou no Canadá e conclui que estamos engatinhando rumo a uma educação e formação de qualidade.

Tema: Educação alternativa, escola democrática

Título: Dentro ou fora da escola

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 12/05/2015

Resumo: O texto se inicia uma reflexão comparativa entre a recente democratização da escolaridade no Brasil, há cerca de 30 anos, e a democratização de países como Inglaterra, França e Alemanha, que datam mais de 100 anos. Em seguida, a autora comenta que as escolas de gestão independente ou democrática, com menos alunos, bem como as classes multisseriadas com turmas multietárias, que predominaram no Brasil até a década de 1970 voltaram à moda nos Estados Unidos, propondo ser esta uma boa opção com vistas a inserir a criança numa lógica cooperativa e solidária com base na pedagogia da resolução de problemas e do pensamento crítico e reflexivo, em contraposição ao atendimento individual do aluno, como ocorre nas classes convencionais. Todavia, finaliza com um questionamento: os professores e profissionais da educação brasileiros estão qualificados e capacitados tecnicamente para liderarem experiências de educação democrática numa escola?

Tema: Medidas públicas de educação

Título: Creches da USP: modelos a serem multiplicados

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 16/04/2015

Resumo: A autora inicia o texto falando de sua participação na idealização e construção da creche central da Universidade de São Paulo. O trabalho ali realizado volta-se para a constituição psíquica, subjetiva, social e cultural do indivíduo em formação e, por isso, tornou-se modelo inspirador para creches e pré-escolas no país, difundindo-se também para o interior do estado, totalizando hoje cinco instituições da USP. Todavia, a autora se queixa que medidas políticas vindas da administração central universitária se constituem como obstáculos para a democratização do acesso, o que, conseqüentemente, vêm reduzindo gradativamente a entrada de crianças pequenas nas creches. Finalizando o texto, a autora faz um apelo social para que não acabem com as creches da USP.

Tema: Bonecas tecnológicas

Título: O que há por trás de uma boneca high-tech

Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina, 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa

Publicação: 27/02/2015

Resumo: A autora a partir de relato pessoal de quando viu pela primeira vez uma boneca, efetua crítica às bonecas no formato de pessoas adultas que impõem padrões de beleza e, desta forma, contribuem para a massificação, tal como a magérrima Barbie. Gisela considera que a imagem transmitida às crianças possui "força educativa brutal" para sua formação. A partir disso, comenta e alerta sobre um novo tipo de boneca lançada recentemente nos Estados Unidos, a boneca high-tech, a qual envia cópias do que acontece nas brincadeiras entre as crianças para os pais e para a indústria de brinquedos. Faz isto com a intenção de avisar aos pais para o conteúdo das brincadeiras e alertar a indústria para a produção de brinquedos infantis mais aprimorados.

Tema: Entrada dos filhos na escola, escolha da escola

Título: Escola que acolhe

Categorias: 3) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 20/02/2015

Resumo: A autora faz relato pessoal sobre a entrada de seus filhos na creche. Observa que ambos tiveram uma boa adaptação, mas que ela poderia ter sido melhor acolhida neste momento que envolve sentimentos como o sofrimento e preocupação diante da separação do filho. Considera ainda que a separação é fundamental para a autonomia dos filhos e dos pais, portanto, adverte a estes que na hora da escolha da creche ou escola para os filhos, considerem aquela que melhor acolhe os pais e os familiares num primeiro momento.

Tema: Educação democrática, superproteção dos pais

Título: Pela vivência afetiva e cultural das crianças

Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina

Publicação: 04/02/2015

Resumo: A partir de relato pessoal do início de seus estudos sobre Educação na década de 1980, Gisela discorre sobre a escola "nova" ou "experimental" em contraposição ao ensino tradicional. Assim, apresenta estudo realizado por Saviani que apresenta a "teoria da curvatura da vara", em que "para se endireitar uma vara que se encontra torta não basta colocá-la na posição correta, mas é necessário curvá-la do lado oposto." Assim também, defende que na discussão educacional, não basta enunciar uma nova ideia, mas é necessário abalar as certezas e desautorizar o senso comum.

Tema: Angústias e alegrias de ser mãe
 Título: É meu aniversário e ele sequer me deu "bom dia!"
 Categorias: ---
 Publicação: 23/12/2014

Resumo: A autora escreve sobre suas angústias, preocupações com o filho e sensibilidade aflorada de ser mãe. Para isso, menciona o dia de seu aniversário em que seu filho chegara em casa de uma festa pela manhã e esquecera de lhe parabenizar pela data especial. Gisela relata que chorou, pois, o filho não lhe deu a atenção que gostaria naquele momento, depois se emociona ao dizer que o melhor presente que ela poderia ganhar enquanto mãe é a saúde e felicidade de seu filho.

Tema: Formação cultural, relação entre pais e filhos.
 Título: Filhos inteligentes
 Categorias: 3) Semiformação, indústria cultural e meios de comunicação em massa
 Publicação: 18/12/2014

Resumo: O artigo relata a angústia dos pais de quererem ter filhos inteligentes. A autora propõe aos genitores que nenhuma criança nasce inteligente, por outro lado, estimula-os a acreditar que tanto seus filhos quanto eles mesmos são capazes de produzir e partilhar cultura. Desta forma, sugere que os pais estimulem a inteligência dos filhos por meio de interações afetivas, do diálogo, de brincadeiras e por meio da redução do uso de aparelhos tecnológicos por ambas as partes.

Tema: Educação dos filhos
 Título: Pela valorização das ações de bebês e crianças
 Categorias: 1) Modelos disciplinares e enfatizados pela mídia, 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
 Publicação: 03/12/2014

Resumo: A autora relata sua experiência de observação de alunos no Canadá. Inicialmente, critica a atitude de professores que parabenizam a todo tempo seus alunos dizendo *good job!* Por terem feito um desenho, por terem comido, entre outras atitudes, sem explicar-lhes o motivo de estarem sendo parabenizados. A partir deste relato, chama a atenção dos pais enquanto educadores para que "pensem um pouco antes de elogiar ou criticar um bebê ou uma criança", pois suas expectativas podem ser mal interpretadas e deixar mágoas ou incompreensão. O reconhecimento de comportamentos positivos poderá ter resultados positivos nas aprendizagens e no crescimento das crianças, todavia, é fundamental que os pais apresentem afeto, tolerância e respeito pelos esforços empreendidos pela criança.

Tema: Relação entre pais e filhos
Título: Bebê pensa, tem ideias e, melhor, as comunica
Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 17/11/2014

Resumo: A autora fala de sua experiência em visitar uma galeria de obra de artes acompanhada de uma bebê de 8 meses chamada Liz. Posteriormente, Gisela chama atenção dos pais para que cobrem menos dos pequenos, dispondo um pouco mais de tempo e afeto para compartilhar cultura com eles, levando-os a "ambientes ricos em formas, cores, sons, texturas, textos e enredos.", o que pode dar, a ambos, crianças e adultos, "pistas para construir sentidos e significados da vida."

Tema: Relação entre pais e filhos
Título: Que tal fazer uma biblioteca de sementes em casa?
Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 28/10/2014

Resumo: Neste artigo a autora escreve sobre sua experiência pessoal de visitar uma biblioteca de sementes numa escola em Toronto, Canadá. Neste local, o foco consistia em permitir o acesso gratuito e fácil de sementes orgânicas pelas crianças. A partir desta experiência, a autora sugere aos pais que deixem de lado o discurso moralista de pedir aos filhos que comam salada e, construam uma pequena biblioteca de sementes em casa, para que possam ter momentos saudáveis em família, de aprendizado, cuidado e valorização da natureza.

Tema: Relação pais-professores-alunos
Título: Ao mestre com carinho
Categorias: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 24/10/2014

Resumo: Neste artigo a autora homenageia os mestres que teve, mencionando o costume que ela e sua mãe tinham de escolher um presente especial para cada professora, o qual era entregue no Dia dos Professores, 15 de outubro. Gisela afirma que educou seus filhos de modo que estes valorizassem os bons educadores e, chama a atenção dos leitores para que respeitem o profissional professor como fonte de autoridade, conhecimento, paciência, mostrando a seus filhos a importância do professor enquanto ser humano formador de caráter e cultura.

Tema: Relação pais-filhos e educação
Título: A importância dos pais na educação
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 30/09/2014

Resumo: Neste artigo é apresentado um panorama histórico-social do desenvolvimento da criança. Primeiro numa coletividade, onde ocorrem trocas afetivas e culturais. Depois, na família nuclear, ressaltando-se neste período a importância da escola enquanto elemento fundante da personalidade infantil, onde as crianças aprendem "a observar, a imitar, a cooperar, a brincar e, por que não, também, a defender-se!". Gisela apresenta estudos da Neurociência nos Estados Unidos que apontam a importância dos pais na educação e desenvolvimento dos filhos pequenos, por meio de relações afetivas e cuidados, o que evidenciam que deveriam existir políticas públicas que incentivassem e apoiassem os pais a passarem mais tempo com os filhos.

Tema: Ciência e políticas públicas de educação
Título: Ciência e política a favor da educação infantil
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 13/08/2014

Resumo: Neste artigo, Gisela apresenta um discurso científico bastante difundido no Canadá e pelo mundo afora acerca do fortalecimento de habilidades não cognitivas em crianças na primeira infância. Fundamentado na Neurolinguística, o estudo sugere práticas lúdicas e estimulação das crianças por meio de leitura de histórias e ampliação de vocabulário. A partir disso, menciona a criação de um programa pelo governo federal, Brasil Carinhoso, que, em nome do discurso científico promete construir creches para atender pelo menos 50 % das crianças de até 3 anos até o final de 2024.

Tema: Relação pais e filhos, pais participativos
Título: Lego e Malévola: muito além do enredo infantil
Categoria:
Publicação: 30/06/2014

Resumo: Neste artigo, a autora sugere aos pais que assistam filmes infantis acerca de "diferentes visões sobre a infância e suas possibilidades cognitivas, emocionais e imaginativas", que façam isso nas férias escolares dos filhos com os mesmos. Gisela recomenda o filme *Lego*, pela ideia genial de apontar o mal na incapacidade adulta de olhar, observar e escutar as ideias dos filhos enquanto brincam. Em seguida, recomenda o filme *Malévola* pela inconsistência "politicamente correta" de que bem e mal convivem na mesma pessoa.

Tema: Educação e pais participativos
Título: Vínculo antes de tudo
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 03/06/2014

Resumo: A autora encontra-se no Canadá e escreve um artigo sobre a preocupação precoce que observa em casais que vivem em São Paulo em relação ao futuro escolar de seus filhos. Gisela menciona que pesquisas recentes têm demonstrado que as crianças se desenvolvem melhor na escola e na vida quando pais e mães estão envolvidos em sua aprendizagem e disponibilizam parte de seu tempo para elas. Afirma que mais importante do que a escolha da escola do filho é a participação ativa dos pais em relação à escola e atividades escolares.

Tema: Novas configurações familiares
Título: Diversidade respeitada
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 16/05/2014

Resumo: O artigo relata análise feita em um Centro Infantil Universitário próximo da casa da autora. Espaço em que as crianças ficam em período integral e são bem cuidadas por uma equipe educacional. Elas brincam, interagem e aprendem trocando experiências diversas que têm início nas relações parentais que vivenciam desde o berço, tendo em vista que são membros de novas configurações familiares, tal como as apontadas no tópico "Famílias na sociedade brasileira contemporânea" no capítulo 2. A autora observa que a equipe e a direção deste Centro Infantil defendem e acolhe as crianças como também a diversidade familiar, em seguida propõe o questionamento: nós conseguiremos fazer o mesmo na vida em sociedade?

Tema: Educação no Canadá e políticas públicas
Título: Parceria escola e família
Categoria: 2) Formação cultural e possibilidade de disciplina
Publicação: 23/04/2014

Resumo: O artigo é um relato de análise pedagógica e institucional de uma escola no Canadá, feita pela autora a partir de observação durante o período em que estagiou neste país, onde as escolas atendem demanda das famílias de educação integral na primeira infância. Gisela constatou diversas interações em sala de aula e entre adultos e crianças, percebendo flexibilidade no conteúdo formal a ser ensinado, participação democrática de pais e alunos na elaboração do plano de aula e que não há agenda "excessiva e extenuante" para as crianças.